BS
2585
.3
.B69
1955

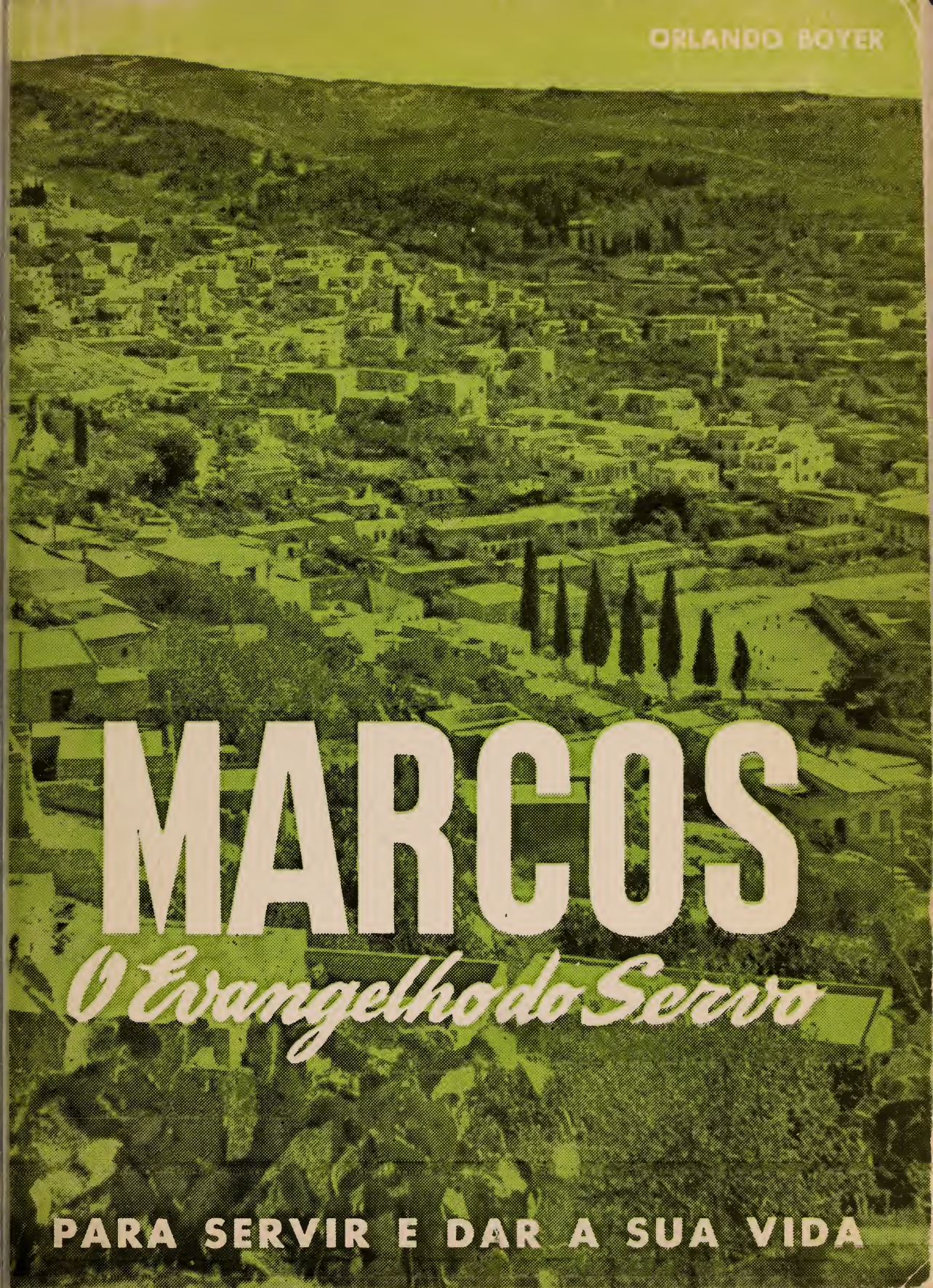
LIBRARY OF PRINCETON
MAY 1 1 1994
THEOLOGICAL SEMINARY

BS
2585
.3
.B69
1955

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/marcosevangelhod00boye

ORLANDO BOYER



MARCOS

O Evangelho do Servo

PARA SERVIR E DAR A SUA VIDA

ORLANDO BOYER

MARCOS:

O EVANGELHO DO SERVO DO SENHOR

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 1 1994
THEOLOGICAL SEMINARY

PARA SERVIR E DAR A SUA VIDA
MARCOS 10:45

Livros Evangélicos

Caixa Postal, 19
Penha — Rio de Janeiro

NAZARÉ — A CIDADE DO GRANDE SERVO

Foi sòmente com a idade de "cêrca de trinta anos" que o Carpinteiro abandonou Sua ferramenta com que servira fielmente ao povo onde se criara, em Nazaré. Então durante três anos e meio, "andou por tôda parte" demonstrando ao mundo publicamente ser tanto o Servo de todo o povo como Seu Rei.

Êste Livro...

Cumpre dizer que esta obra é o resultado de esforços, durante muitos anos, para colhêr e abreviar os pensamentos de alguns dos mais eminentes, humildes e ardentes servos de Deus, através dos séculos, sôbre o segundo Evangelho.

Incluimos o texto do livro de Marcos, não sòmente para elucidar as observações, mas para que o leitor possa melhor firmar-se na infalível verdade da Palavra inspirada pelo Espírito de Deus. Nada justifica a infelicidade de aceitar êrro sòmente porque esteja baseado sôbre uma exposição profunda e bem escrita.

ÍNDICE

MARCOS: O EVANGELHO DO SERVO DO SENHOR 11
O autor do segundo Evangelho 12
A data do livro de Marcos 12
As divisões do livro 12
O versículo-chave do livro 13
O livro de Marcos é de alta importância 13

CAPÍTULO I O SERVO APRESSA-SE A INICIAR SEU TRABALHO 16
I *A pregação e o batismo de João,* 1:1-8 16
II *O Servo é batizado nas águas e no Espírito,* 1:9-11 19
III *O Servo é provado,* 1:12,13 21
IV *O Servo principia Sua obra na Galiléia,* 1:14-20 22
V *O Servo cura um endemoninhado,* 1:21-28 23
VI *O Servo cura a sogra de Pedro,* 1:29-34 26
VII *O Servo retira-se para orar,* 1:35-39 27
VIII *O Servo purifica um leproso,* 1:40-45 28

CAPÍTULO II O SERVO CURA OS OPRIMIDOS DO DIABO 31
I *O paralítico levado por quatro homens,* 2:1-12 31
II *A chama de Mateus,* 2:13-17. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 9:9-13.) 35
III *A questão do jejum,* 2:18-22 36
IV *A questão sôbre o sábado,* 2:23-28 37

CAPÍTULO III O SERVO CONTINUA SEU MINISTÉRIO DE CURAR 40
I *A cura do homem da mão mirrada,* 3:1-12 40
II *O Servo escolhe os doze auxiliares,* 3:13-19. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 10:1-4.) 44
III *O pecado imperdoavel,* 3:20-30 44
IV *A família de Jesus,* 3:31-35 46

CAPÍTULO IV PARÁBOLAS DO SERVO 48
I *A parábola do semeador,* 4:1-20 49
II *A paraábola da candeia,* 4:21-25 54
III *A parábola da semente,* 4:26-29 56
IV *A parábola do grão de mostarda,* 4:30-34. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 13:31,32.) 58
V *Jesus acalma uma tempestade,* 4:35-41 58

CAPÍTULO V O SERVO VENCE DEMÔNIOS, A DOENÇA E A MORTE 64
I *A cura do endemoninhado gadareno,* 5:1-20 ... 64
II *A ressurreição da filha de Jairo e a cura da mulher hemorrágica,* 5:21-43 71
CAPÍTULO VI A MORTE DE JOÃO BATISTA 78
I *Jesus é rejeitado em Nazaré,* 6:1-6 78
II *A primeira comissão dos apóstolos,* 6:7-13 (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 10:5-13.) 81
III *A morte de João Batista,* 6:14-29 82
IV *A primeira multiplicação dos pães,* 6:30-44. (Comentado em João: o Evangelho do Filho, de Deus, cap. 6:1-13.) 91
V *Jesus anda por sôbre as ondas,* 6:45-52. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 14:22-33.) 91
VI *Jesus em Genesaré,* 6:53-56. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 14:34-36.) 91
CAPÍTULO VII O SERVO E A TRADIÇÃO DOS ANCIÃOS 92
I *Discurso sôbre religião de coração,* 7:1-23 92
II *A mulher siro-fenícia,* 7:24-30 97
III *A cura de um surdo e gago,* 7:31-37 101
CAPÍTULO VIII O SERVO ALIMENTA QUATRO MIL PESSOAS 105
I *A segunda multiplicação dos pães,* 8:1-9 105
II *Pede-se um sinal dos céus,* 8:10-13 109
III *O fermento dos fariseus e o de Herodes,* 8:14-21 110
IV *A cura de um cego em Betsaida,* 8:22-26, ... 111
V *A confissão de Pedro,* 8:27-30. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 16:13-20.) 113
VI *Jesus anuncia a Sua morte,* 8:31-33, (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 16:21-23.) 113
VII *O dever de levar a própria cruz,* 8:34-38. (Comentado em Lucas: o Evangelho do Filho do homem, cap. 9:23-27.) 113
CAPÍTULO IX O SERVO NA SUA GLÓRIA 114
I *A transfiguração,* 9:1-8 114
II *A vinda de Elias,* 9:9-13 120
III *Ao pé do monte da transfiguração,* 9:14-29 122
IV *Jesus torna a predizer sua paixão,* 9:30-32. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 17:22,23.) 127
V *Sermão sôbre a humildade,* 9:33-37 127

VI *A tolerância e a caridade,* 9:38-41. (Comentado em Lucas: o Evangelho do Filho do homem, cap. 9:49-50.) 130
VII *Os escândalos e os tropêços,* 9:42-50 131

CAPÍTULO X O JOVEM RICO 134
I *Rumo à Judéia,* 10:1. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 19:1,2.) 134
II *A questão do divórcio,* 10:2-12. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 19:3-12.) 134
III *Jesus abençoa as crianças,* 10:13-16 134
IV *O jovem rico,* 10:17-31 139
V *Jesus anuncia pela terceira vez a Sua morte,* 10:32-34 (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 20:17-19.) 148
VI *O pedido ambicioso de Tiago e João,* 10:35-45 148
VII *A cura do cego de Jericó,* 10:46-52. (Comentado em Lucas: o Evangelho do Filho do homem, cap. 18:35-43.) 154

CAPÍTULO XI O SERVO ENTRA NA CIDADE SENTENCIADA 155
I *A entrada solene de Jesus em Jerusalém,* 11:1-11. (Comentado em Lucas: o Evangelho do Filho do homem, cap. 19:28-40) 155
II *A figueira sem fruto,* 11:12-26 155
III *A autoridade de Jesus é contestada,* 11:27-33. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 21:23-27.) 158

CAPÍTULO XII O SERVO EM CONFLITO COM INIMIGOS 159
I *A parábola dos lavradores perversos,* 12:1-12. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 21:33-46.) 159
II *A questão do tributo,* 12:13-17 159
III *A questão da ressurreição,* 12:18-27 163
IV *A questão do mandamento máximo,* 12:28-34 167
V *A questão de Davi e o Messias,* 12:35-37 172
VI *O espírito farisáico,* 12:38-40. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 23:1-36.) ... 173
VII *As duas pequenas moedas da viuva,* 12:41-44. (Comentado em Lucas: o Evangelho do Filho do homem, cap. 21:1-4.) 173

CAPÍTULO XIII O SERMÃO DO MONTE DAS OLIVEIRAS 174
I *A destruição do Templo é predito,* 13:1,2 174
II *O princípio das dores,* 13:3-13 176
III *A grande tribulação,* 13:14-23. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 24:15-28.) ... 177

IV *A vinda do Filho do homem,* 13:24-27. (Comentado em Lucas: o Evangelho do Filho do homem, cap. 21:25-28.) 178
V *A parábola da figueira,* 13:28-37. (Comentado em Lucas: o Evangelho do Filho do homem, cap. 21:29-36.) 179

CAPÍTULO XIV O SERVO É PRESO 180
I *O plano para tirar a vida a Jesus* 14:1,2 180
II *Jesus ungido em Betânia,* 14:3-9 181
III *O pacto da traição,* 14:10,11 184
IV *A última páscoa e a ceia do Senhor,* 14:12-26. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 26:17-30.) 185
V *Pedro é avisado,* 14:27-31 186
VI *A agonia no Getsêmane,* 14:32-42 188
VII *Jesus é preso,* 14:43-50. (Comentado em Mateus: o Evangelho do Rei, cap. 26:47-56; também em João: o Evangelho do Filho de Deus, cap. 18:1-11.) 191
VIII *Jesus é seguido por um jovem,* 14:51,52 191
IX *Jesus perante o sinédrio,* 14:53-65 192
X *Pedro nega a Jesus,* 14:66-72 194

CAPÍTULO XV O SERVO DÁ A SUA VIDA 197
I *O Servo é amarrado e entregue a pilatos,* 15:1-14 197
II *Pilatos O entrega para ser crucificado,* 15:15 200
III *O Servo é escarnecido pelos soldados,* 15:16-19 202
IV *É conduzido ao lugar de execução,* 15:21-24 ... 202
V *É cravado a cruz entre dois criminosos,* 15:25-28 204
VI *É vilipendiado pelos que iam passando,* 15:29-32 205
VII *É desamparado pelo Pai,* 15:33-36 206
VIII *O Servo morre,* 15:37-41 208
IX *O Servo é sepultado,* 15:42-47 210

CAPÍTULO XVI O SERVO É COROADO POR FIM 212
I *A ressurreição de Jesus,* 16:1-8 213
II *Jesus aparece a Maria Madalena,* 16:9-11 216
III *Jesus aparece a dois de Seus discípulos,* 16:12,13 218
IV *A ordem de evangelização,* 16:14-18 218
V *A ascensão de Jesus,* 16:19,20 223

MARCOS: O EVANGELHO DO SERVO DO SENHOR

PARA SERVIR E DAR A SUA VIDA

Os quatro Evangelhos, apesar de perfazerem um só Evangelho, são quatro narrativas independentes cada uma das outras. É evidente que Mateus, pela maneira de referir-se às Escrituras do Velho Testamento, registrou a sua história, em primeiro lugar, para os *judeus*. Há várias indicações de que Lucas escreveu para os *gregos,* isso é os gentios. É evidente que João dirigiu sua obra diretamente a *todos* os homens. Mas parece que Marcos, no seu Evangelho, visava primeiramente os *romanos*.

O livro de Mateus é *o Evangelho do Messias* de Israel, o Rei prometido. Lucas é *o Evangelho do Filho do homem,* que se mostra anelante por socorrer tôdas as pessoas, de tôdas as raças. O livro de João é *o Evangelho do Filho de Deus,* do "Verbo" que se fêz carne. Mas Marcos é o *Evangelho do Servo de Jeová,* o poderoso e enérgico Trabalhador.

Note-se como Marcos emprega repetidamente as palavras "logo" e "imediatamente", na sua narrativa: "Logo ao sair das águas, viu os céus rasgarem-se," 1:10. "E logo o Espírito o impeliu para o deserto," 1:12. E, deixando logo suas rêdes," 1:18. "E logo os chamou," 1:20. "E, logo no sábado, indo êle à sinagoga, ali ensinava," 1:21. "E logo correu a sua fama por tôda a província da Galiléia," 1:28. "E logo se ajuntaram tantos," 2:2. Etc., etc., etc. É uma narrativa de contínua ação, de incansável execução, de gloriosa realização, de vitorioso cumprimento. Sem demorar, nem vacilar, o Filho de Deus, como *o fiel Servo do Senhor* profetizado

da antiguidade (Isa. 42:1-7; 52:13-53:12; Zac. 3:8), passa ràpidamente de uma obra vibrante para outra, entre o povo necessitado e sofredor.

Em uma palavra, os comentadores geralmente concordam em que Mateus destaca a *soberania* de Jesus Cristo; Lucas, a Sua *humanidade;* João, a Sua *divindade;* ao passo que Marcos enfatiza mais a Sua *obediência,* como Servo.

O autor do segundo Evangelho

É provável que o escritor do segundo Evangelho, Marcos, seja o mesmo Marcos chamado "João" (Atos 12:12, 25), primo de Barnabé (Col. 4:10), que Paulo recusou levar consigo na ocasião da desavença entre êsse apóstolo e Barnabé (Atos 15:37-40), o mesmo filho na fé do apóstolo Pedro (I Ped. 5:13), e aquêle mencionado, também, em II Tim. 4:11 e Filem. 24.

A data do livro de Marcos

Segundo a tradição, mencionada por Irineu (martir pelo ano 200), o Evangelho de Marcos foi escrito em Roma, "depois da partida de Pedro e Paulo". Sendo assim, foi escrito cêrca do ano 64 A. D.

As divisões do livro

A narrativa do Evangelho de Marcos divide-se em quatro partes:

I. O Servo do Senhor prepara-se para servir. Cap. 1:1-13.
II. O Servo do Senhor trabalha:

1) Seu labor na Galiléia. Cap. 1:14-9:50.
2) Sua lida na Peréia. Cap. 10:1-34.
3) Seu zêlo em Jerusalém. Cap. 10:35-13:37.

III. O Servo do Senhor "obediente até a morte." Cap. 14:1-15:47.

IV. O Servo do Senhor ressuscitado e recebido no céu. Cap. 16.

O versículo-chave do livro

No livro de Marcos descobre-se Jesus mais como Trabalhador, *servindo* o povo, do que como Mestre, *ensinando* as massas. Mateus acentua Suas palavras ensinadas; Marcos, salienta Seus atos feitos. O versículo geralmente citado, como chave do livro de Marcos, é: "Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para *servir e dar a sua vida,*" Cap. 10:45. A fase do caráter de Cristo, enfatizada no Evangelho de Marcos, é a mesma declarada em Fil. 2:6-8: "Pois êle, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de *servo,* tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se *obediente* até à morte, e morte de cruz."

Fato de ainda maior relevância: Marcos inicia sua obra declarando que êsse humilde e obediente Servo do Senhor é igualmente o "Deus forte". Vide Isa. 9:6. Lede o primeiro versículo do livro de Marcos: "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, *Filho de Deus.*"

O livro de Marcos é de alta importância

O Evangelho de Marcos é, a muitos respeitos, diferente dos outros três Evangelhos: Não nos informa coisa alguma acêrca do nascimento, nem da mocidade de Jesus. Registra quase nada dos Seus ensinamentos e discursos. De tôdas as quatro histórias inspiradas, do ministério de Cristo na terra, é a mais resumida.

Contudo, não devemos ceder a inclinação de desprezar o Evangelho de Marcos. É um Evangelho repleto de narrativas simples, concisas, expressivas e abreviadas, de vibrantes acontecimentos durante o ministério público de Jesus. Muitas das histórias do livro incluem minúcias de profunda importância, não incluídos nos outros Evangelhos. Não é uma cópia resumida de Mateus, como alguns pensam, sem razão. Mas é a história de uma testemunha independente, inspirada pelo Espírito Santo para narrar os *feitos* do Senhor, antes de registrar Suas *palavras*.

Que o livro de Marcos é uma das mais sublimes jóias das Sagradas Escrituras é inegável. Certo vaqueiro do Arizona, de compleição dura e cruel, contou o seguinte a um fervoroso ganhador de almas:

"Fui à cidade de São Francisco, na Califórnia, onde, a primeira noite, desperdicei um dinheirão na farra. Na manhã seguinte, dormi até tarde. Ao acordar-me, encontrei um livrinho sôbre a mesa, ao lado da cama. Foi um *Evangelho Segundo São Marcos*. Grandemente irritado joguei-o ao chão. Na manhã seguinte, encontrei-o novamente sôbre a mesa; novamente joguei-o ao chão. Na terceira manhã, o livro estava de novo sôbre a mesa. Mas em vez de jogá-lo ao chão, como fizera duas vêzes, levei-o a um parque. Fiquei encantado com a leitura e passei o resto do dia lendo o livrinho. Ouvi o Filho de Deus dizer a um leproso: "Sê limpo!" Ouvi-O falar a um paralítico dizendo: "Filho, perdoados estão os teus pecados." Ouvi o mesmo Senhor louvar a viúva depois de ela ofertar duas moedas insignificantes para a obra de Deus. Vi-O receber crianças no colo para abençoá-las. Ouvi êsse Coração amoroso perguntar: "Não podes vigiar uma hora?" Vi-O morrer. Tudo isso esmagou meu coração e transformou a minha vida. Não sou o mesmo homem de outrora. Agora dedico uma grande parte de meu tempo oferecendo exemplares do *Evangelho de Marcos* aos que desejam lê-lo."

Se o livro de Marcos não é, para nós, um dos mais preciosos e cativantes, de todos os sessenta e seis livros da Bíblia, certamente a falta não é do Espírito Santo, Que inspirou Marcos para escrevê-lo. Mas a culpa é enfàticamente nossa, pois nunca deixamos suas palavras penetrarem no coração, como fêz êsse rude boeiro da inculta região do Arizona.

Capítulo I

O SERVO APRESSA-SE A INICIAR SEU TRABALHO

Marcos, no primeiro capítulo, trata primeiramente da preparação do Servo do Senhor (Isa. 42:1) para servir os necessitados (vs. 1-13); em segundo lugar, descreve a maneira de o Servo começar a servir incansàvelmente a humanidade. O evangelista inicia sua obra, apresentando Jesus no ato de chamar Seus auxiliares; conta a maneira de Êle confundir as autoridades religiosas, e como começou resoluta e apressadamente Seu ministério de misericórdia entre a humanidade oprimida pelo diabo. Antes de lermos vinte e nove versículos, sabemos que Sua fama corre por todo o país; sem hesitar, o Servo de Jeová libertou um endemoninhado, curou a sogra de Pedro de febre maligna e curou muitas pesoas de várias outras enfermidades. É característico de Marcos assim resumir a narrativa de muitos eventos em um trecho de poucos versículos.

Nas palavras de Daví a Aimeleque: "O negócio do rei era urgente." I Sam. 21:8. O negócio do nosso Rei é menos urgente hoje?

I. A PREGAÇÃO E O BATISMO DE JOÃO. 1:1-8.

Não há genealogia de Jesus, nem menção da Sua juventude, no livro de Marcos. Isso não faz parte do trabalho do servo.

> 1:1 Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus;
>
> 2 Como está escrito no profeta Isaías: Eis que eu envio o meu anjo antes a tua face, o qual preparará o teu caminho diante de ti.

3 Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.

4 Apareceu João batizando no deserto, e pregando o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados.

5 E tôda a província da Judéia e os de Jerusalém iam ter com êle; e todos eram batizados por êle no rio Jordão, confessando os seus pecados.

6 E João andava vestido de pêlos de camelo, e com um cinto de couro em redor de seus lombos, e comia gafanhotos e mel silvestre.

7 E pregava, dizendo: Após mim vem aquêle que é mais forte do que eu, ao qual não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das suas alparcas.

8 Eu, em verdade, tenho-vos batizado com água; êle, porém, vos batizará com o Espírito Santo.

O Evangelho (v. 1): A própria palavra "evangelho" quer dizer "boas novas", notícias que nos levam a louvarmos a Deus em altas vozes, que nos impelem a chamar todos os nossos amigos e parentes para compartilhar do que acontecera. É Jesus vivo que torna o Evangelho em mensagem viva.

Observe-se como Marcos, enquanto escreve os primeiros dez capítulos, narrando a história dos três anos do ministério público de Jesus, dedica a última têrça parte do livro ao registro dos eventos de uma só semana, a da Sua morte e ressurreição. O coração das *Boas Novas* é a Dádiva de Deus, Seu Filho, para a salvação de nós, pecadores.

Princípio do Evangelho (v. 1): Segundo Marcos o *princípio do Evangelho* não foi o nascimento de Jesus, mas a obra de João pregar e batizar, quando Jesus se apresentou. Os apóstolos, também, representavam o Evangelho como começando com o batismo de Cristo, por João, Atos 10:36-38; 13:24.

João inicia seu Evangelho anunciando Jesus Cristo ainda na eternidade com Deus. Lucas e Mateus começam suas obras com a história de Jesus em Belém. Mas Marcos principia narrando a maneira de Jesus sair

de Nazaré, homem já crescido, Filho do Altíssimo, Filho do Deus vivo, Servo incansável.

Conforme está escrito... (v. 2): A vinda do Messias não foi evento imprevisto; não foi acontecimento repentino e sem planos prévios. Foi evento anunciado constantemente no Velho Testamento, desde Gên. 3:15, e sempre com crescente ênfase e clareza. As Escrituras do Velho Testamento pouco valem para os que vêem nelas sòmente Abraão, Moisés, Daví, e os profetas. Examinemos essas Escrituras com esmero, lembrados de que Jesus Cristo está em tôdas elas. Vide João 5:39.

Arrependimento, para remissão de pecados (v. 4): O maior perigo atual é a cultura sem Cristo. O homem não tem dentro de si um semideus para desenvolver, mas um demônio para rejeitar. Para alcançar a presença e poder de Deus é necessário deixar o Espírito Santo entrar e tomar conta de nosso ser.

Confessando os seus pecados (v. 5): Pode Deus perdoar aquêles que não querem confessar seus pecados? Jer. 2:35; 3:12,13; Prov. 28:13.

Não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das suas alparcas (v. 7): Aquêle que era o maior entre os nascidos de mulher (Mat. 11:11) não era digno de fazer o mais humilde serviço para Aquêle que vinha após êle.

Afluíram para João grandes multidões e teria sido muito fácil para o Batista formar uma seita e tornar-se célebre. Mas nunca se esqueceu que era só o pregoeiro do maravilhosíssimo Messias. Mantenhamos exemplar a nossa mensagem e o nosso procedimento a fim de que, como no caso de João, o mundo não nos veja, mas sim contemple a Jesus; para que não perceba apenas a sombra, mas sim a própria Pessoa; a fim de não gozar sòmente da luz de vela, mas sim regozijar-se no claro Sol. Há necessidade imperiosa de que os homens vejam não um mero servo, mas sim *o grande Servo*.

Acêrca da pregação de João, lede os comentários sôbre Mat. 3:1-12, em Mateus: o Evangelho do Rei.

II. O SERVO É BATIZADO NAS ÁGUAS E NO ESPÍRITO, 1:9-11.

Nestes versículos acentua-se o fato de Deus preparar Seu Servo, Jesus, para servir. Deus sempre planeja sàbiamente, e prepara tudo minuciosamente, antes de começar qualquer obra. Mas qual a obra que Jesus veio iniciar? Qual o ministério que se esforçou para cumprir? Qual o serviço que Êle espera de nós? É o de anunciar o "Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus," aos homens. Nosso trabalho não é o de tentar salvar o mundo, nem o de reformar a sociedade. Não é possível reformar a humanidade, nem salvar o mundo; mas podemos levantar Jesus Cristo, o verdadeiro Salvador. A filosofia humana, nem a ciência do mundo, fora do Evangelho, não vale coisa alguma. *O Evangelho Segundo Marcos* está inteiramente dedicado a narrar a maneira de Jesus Cristo esforçar-se em anunciar a Mensagem da cruz; não há outra coisa narrada em todo o livro.

> 1:9 E aconteceu naquêles dias que Jesus, tendo ido de Nazaré, da Galiléia, foi batizado por João, no Jordão.
> 10 E, logo que saiu da água, viu os céus abertos, e o Espírito, que como pomba descia sôbre êle.
> 11 E ouviu-se uma voz dos céus, *que dizia*: Tu és o meu Filho amado em quem me comprazo.

Naqueles dias que Jesus, tendo ido de Nazaré (v. 9): A cidade, onde Jesus se criou, estava situada em via comercial, onde passavam soldados romanos, negociantes gregos e viajantes gentílicos. Quem desejasse experimentar os prazeres do vício, livre da censura dos conhecidos, planejava a viagem para pernoitar em Nazaré. Era cidade desprezada, entre um povo desprezado — os judeus desprezavam aos galileus; os galileus desprezavam a cidade de Nazaré. João 1:46. Porém, Jesus passou trinta anos em Nazaré, vivendo irrepreensìvelmente diante de Deus e dos homens. A graça de Deus

é sempre suficiente, apesar de qualquer ambiente em que devamos viver.

Jesus... foi batizado (v. 9): Foi um dos passos mais decisivos e importantes de tôda a vida do Senhor. Abandonou Sua parentela e rendeu-se inteiramente para fazer a obra do Pai. Solene foi a longa viagem de Nazaré ao Jordão. Êsse passo, o de submeter-nos ao batismo nas águas, é o primeiro em deixar Deus fazer a Sua vontade em nós.

Viu os céus abertos (v. 10): Como pecadores, rendemo-nos a Deus para ser salvos; como filhos, submetemo-nos ao Pai para servir ao próximo. Todos os filhos que não se rendem à vontade de Deus, roubam a Deus o serviço que Lhe devem. Se queremos os céus abertos em cima de nós, temos de entregar-nos a Deus primeiro.

O Espírito, que como pomba, descia sôbre êle (v. 10): Isso quer dizer que Jesus antes não tinha o Espírito Santo? Certamente não. Jesus foi concebido pelo Espírito Santo e o Espírito Santo estava sempre com Êle. Mas depois de Seu batismo no Espírito Santo, tôdas as palavras de Jesus foram proferidas no poder do Espírito Santo; tôdas as Suas obras foram feitas no mesmo poder. Antes disto, nas Escrituras, não consta que pregou, nem que curou qualquer enfêrmo. Tôdas as pessoas que servem a Deus carecem do mesmo poder; poder que podem receber de cima. Vide Efés. 5:18; Luc. 24:49; Atos 1:8; 19:2; ...

Ouviu-se uma voz (v. 11): Foi uma manifestação da Trindade: O Pai falou dos céus; o Filho estava nas águas do Jordão; o Espírito Santo desceu em forma corpórea.

Conta-se que na ocasião da morte do estimado missionário, Edgar Personeus, o Espírito Santo foi derramado sôbre êle, sua mãe e sua espôsa, manifestando-se com grande poder sôbre elas por muito tempo depois da saída dêsse herói da fé. Deus deu ao Seu filho uma visão justamente como dera a Estevão (Atos 7:55, 56) e

clamou: "Vejo Deus, o Pai; vejo o Seu Filho; e vejo o Espírito Santo. Digam, sem falta, aos irmãos que o Espírito é uma Pessoa, porque O vejo." Com essa visão do trino Deus e do céu adormeceu.

Em quem me comprazo (v. 11): Eis como os céus aceitaram a Jesus para a obra, à qual fôra chamado. Não é tanto se estamos apontados e enviados pelos homens para desempenhar qualquer tarefa; de suma importância é se Deus realmente nos aprova e nos envia para cumprir a obra.

Jesus, como Enoque, andava com Deus; como êsse patriarca, obteve testemunho de haver agradado a Deus.

Acêrca do batismo de Jesus nas águas e no Espírito lede, também, os comentários sôbre Mat. 3:13-17.

III. O SERVO É PROVADO, 1:12,13.

O reino de Satanás está seguro contra os nossos maiores esforços enquanto estamos sem o batismo do Espírito Santo. Como na vida de Cristo, a batalha renhida começa "logo" ao recebermos a unção do Espírito Santo.

> 12 E logo o Espírito o impeliu para o deserto.
> 13 A ali esteve no deserto quarenta dias, tentado por Satanás. E vivia entre as feras, e os anjos o serviam.

Logo o Espírito o impeliu... (v. 12): Como o vento enchia as velas dos antigos navios, levando-os ao seu destino, assim o Espírito Santo enche as vidas no mar da Sua votnade, impelindo-as às verdadeiras proesas.

Quatro coisas sem as quais o grande Servo de Jeová não estava pronto para servir:

1) *Seu batismo nas águas,* ato em que se confessou ser Homem entre os homens pecaminosos. Foi, igualmente, o ato em que se dedicou a Deus até a morte. Compare Rom. 6:4.

2) *Seu batismo no Espírito*. Compare Luc. 4:18; Atos 10:38. Reis, sacerdotes e profetas foram ungidos, o óleo, que sempre é símbolo do Espírito Santo, veiu sôbre êles para revesti-los com poder para a sua obra. Tudo isso era só como sombra do grande Ungido de Deus que foi revestido no tempo desta lição para servir como Rei, Sacerdote e Profeta.

3) *A voz de aprovação do céu*. Foi a voz do Pai, e transmitiu confôrto, fôrça e certeza ao Filho, na véspera de entrar no Seu ministério.

4) *A tentação e vitória sôbre Satanás*. Jesus devia sofrer tentação? Havia de ser provado?! Sim, foi uma parte da preparação do Mestre para Sua obra. Quando perguntaram a Lutero qual a primeira qualificação para o ministério, respondeu: "A tentação." — "E qual é a segunda?" — "A tentação." — "E qual é a terceira?" — E outra vez Lutero respondeu: "A tentação."

"Amados, não estranheis a ardente prova que vem sôbre vós para vos tentar." I Ped. 4:12. Quantas vêzes, depois de uma prova dura e incompreensível, encontramos com uma pessoa que podemos socorrer só porque havíamos passado na mesma prova antes e sòzinhos?

Sòmente aquêles que têm as quatro experiências do grande Servo de Jeová podem verdadeiramente servir aos seus semelhantes.

Lede os comentários sôbre Mat. 4:1-11, em Mateus: o Evangelho do Rei.

IV. O SERVO PRINCIPIA SUA OBRA NA GALILÉIA, 1:14-20.

Passara-se o tempo da preparação de Jesus para Seu ministério; devia iniciar Sua obra. Tudo que vem narrado nos capítulos 1:14 a 9:50 é sôbre Seu trabalho na Galiléia. Tudo que sabemos de Seu ministério na

Judéia, o qual durou um ano, está registrado em João 2:22 a 4:3.

1:14 E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galiléia, pregando o Evangelho do reino de Deus,

15 E dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no Evangelho.

16 E, andando junto do mar da Galiléia, viu Simão, e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores.

17 E Jesus lhes disse: Vinde após mim, e eu farei que sejais pescadores de homens.

18 E, deixando logo as suas redes, o seguiram.

19 E, passando dali um pouco mais adiante, viu Tiago, *filho* de Zebedeu, e João, seu irmão, que *estavam* no barco consertando as *redes*.

20 E logo os chamou. E êles, deixando o seu pai Zebedeu no barco com os jornaleiros, foram após êle.

Depois que João foi entregue à prisão (v. 14): Pode-se fazer silenciar um servo de Cristo, mas não se pode abafar Sua Mensagem. Se fôr sacrificado um ministro de Deus, Êle suscitará outro, talvez maior, como nesse caso de Jesus começar onde João Batista tivera de deixar a obra.

Logo os chamou (v. 20): Os quatro, Pedro, André, Tiago e João, já eram discípulos. Mas foram então chamados a deixarem seu ofício secular e entrarem em outra vida de serviço constante, na seara de almas.

V. O SERVO CURA UM ENDEMONINHADO, 1:21-28.

Êste milagre, o primeiro narrado por Marcos, foi como um duelo entre Satanás e o Filho de Deus. A narrativa serve bem para principiar a lista de outras vitórias, nos conflitos de Cristo contra o adversário da humanidade.

1:21 Entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, indo êle à sinagoga, ali ensinava.

22 E maravilharam-se da sua doutrina, porque os ensinava como tendo autoridade, e não como os escribas.

23 E estava na sinagoga dêles um homem com um espírito imundo, o qual exclamou, dizendo:

24 Ah! que temos contigo, Jesus nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus.

25 E repreendeu-o Jesus, dizendo: Cala-te, e sai dêle.

26 Então o espírito imundo, convulsionando-o, e clamando com grande voz, saiu dêle.

27 E todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si, dizendo: Que é isto? que nova doutrina é esta? pois com autoridade ordena aos espíritos imundos, e êles lhe obedecem!

28 E logo correu a sua fama por tôda a província da Galiléia.

Entraram em Cafarnaum (v. 21): Lede os comentários sôbre Mat. 4:13.

Foi Jesus, o Servo do Senhor, ungido e "poderoso em obras e palavras" (Luc. 24:19), que entrou em Cafarnaum. Desde o início de Seu ministério, não apenas proclamou a Mensagem, mas "andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo." Atos. 10:38.

Indo êle à sinagoga (v. 21): Sabemos que a formalidade dos cultos nas sinagogas não agradava a Cristo. Mas, em vez de ausentar-se, assistiu a êles para comunicar aos assistentes uma bênção espiritual. Compare Rom. 1:11. Sem qualquer censura, levantou tudo para um ambiente vibrante. Quantas vêzes nos queixamos da frieza e das imperfeições da igreja, em vez de nos esforçarmos para transformar tudo pelo poder divino, que Deus nos quer conceder!

Maravilharam-se (v. 22): É fato solene, mas é possível maravilharmo-nos sem ficarmos convencidos, persuadidos e salvos; é possível contemplarmos verdadeiros sinais dos céus, curas e prodígios, como presenciaram as multidões no tempo de Jesus, sem crermos.

Os assistentes na sinagoga estavam acostumados com argumentos intermináveis sôbre pontos insignificantes; Jesus tinha uma mensagem viva e prática para seus corações.

Êste Mestre não dizia: "Na lei de Moisés está escrito...", nem dizia: "Assim diz o Senhor." Mas ensinava-os como quem tem autoridade, dizendo: "Em verdade, em verdade te digo..."

Lede os comentários sôbre Mat. 7:28, 29, em Mateus: o Evangelho do Rei.

Na sinagoga dêles um homem com um espírito imundo (v. 23): Foi na sinagoga; não nos esqueçamos, os demônios, às vêzes, entram nos cultos!

No meio do sermão ouviu-se um grito horripilante. O endemoninhado, sem dúvida, entrara para estorvar a obra de Cristo.

Quantas vêzes os possesos de espíritos malignos passam despercebidos em nossos cultos, pela simples razão de Cristo não estar presente? Não é de nosso louvor se sempre acontece em nossos cultos como acontece nas reuniões de algumas igrejas tão mortas que os espíritos imundos não se sentem perturbados, e passam despercebidos.

O qual exclamou (v. 23): "Os demônios crêem e estremecem" (Tiago 2:19), na presença divina. A igreja pode esforçar-se em campanha após campanha, mas os homens continuam a zombar de Deus e do inferno. É sòmente com a descida do Espírito Santo, com poder, que os homens, dominados por Satanás, começam a bradar.

Que temos contigo (v. 24): Isto é, nada queremos de Ti; que desejas de nós? Os desejos de Cristo e os dos espíritos imundos estão diametralmente opostos. Quão grande é o abismo que separa Cristo dos que não O desejam!

Jesus nazareno (v. 24): Têrmo injurioso, que se tornou logo títluo de honra, Mar. 16:6; Luc. 18:37; Atos 2:22.

Vieste destruir-nos (v. 24): O horror dos espíritos imundos é que persistem em rebelião contra Deus, sabendo, ao mesmo tempo, que findará na sua própria destruição.

O Santo de Deus (v. 24): Vide Atos 16:17. É evidente que o demônio não desejava honrar a Cristo, mas dar a entender ao povo que se aliava com o Filho de Deus — calúnia, da qual o povo depois lançava mão, como arma contra Êle. Vide Mat. 12:24.

Então o espírito imundo, convulsionando-o (v. 26): O demônio, mostrando-se furioso por causa do fracasso em destruir o homem, obedeceu logo, saindo dêle.

E logo correu a sua fama por tôda a província da Galiléia (v. 28): A Galiléia era a têrça parte do território de Caanã. Jesus não precisava de outras credenciais, senão as maravilhas que operava. Vide Atos 2:22; Mar. 16:17,18.

VI. O SERVO CURA A SOGRA DE PEDRO, 1:29-34.

Se deixarmos Jesus entrar em nossa casa, podemos esperar: (1) Curas para nossos corpos. V. 31. (2) O privilégio de ministrar a Cristo. V. 31. (3) Nosso lar se tornar um centro de bênção para a circunvizinhança, Vs. 33, 34.

1:29 E logo, saindo da sinagoga, foram a casa de Simão e de André com Tiago e João.

30 E a sogra de Simão estava deitada com febre; e logo lhe falaram dela.

31 Então, chegando-se a ela, tomou-a pela mão, e levantou-a; e a febre a deixou, e servia-os.

32 E, tendo chegado a tarde, quando já se estava pondo o sol, trouxeram-lhe todos os que se achavam enfermos, e os endemoninhados.

33 E tôda cidade se ajuntou à porta.

34 E curou muitos que se *achavam* enfermos de diversas enfermidades, e expulsou muitos demônios, porém não daixava falar os demônios, porque o conheciam.

Tomou-a pela mão (v. 31): Marcos, mais que os outros evangelistas, gosta de escrever da maneira de Jesus tocar nos necessitados. O Filho de Deus não sòmente transmitia-lhes assim Seu poder, mas se identificava com êles, manifestando Sua ternura e compaixão. A cura divina deriva tanto do amor divino, como do poder sobrenatural.

Servia-os (v. 31): A palavra "sogra" em francês é "belle-mère", isto é, "linda mãe". As "lindas mães" não nos servem com tanta dedicação como a sogra de Pedro em ministrar a seu genro e seus hóspedes? Essas "lindas mães" não merecem o mesmo grau de honra como as nossas próprias mães?

Lede os comentários sôbre Mat. 8:14-15, em Mateus: o Evangelho do Rei.

VII. O SERVO RETIRA-SE PARA ORAR, 1:35-39.

Para continuar a Sua obra de ensinar e curar, foi necessário que Jesus Cristo se retirasse a um lugar afastado, onde podia passar tempo em contacto espiritual com o Pai, a fim de renovar Seu poder.

35 E, levantando-se de manhã muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava.
36 E seguiram-no Simão e os que com êle estavam.
37 E, achando-o, lhe disseram: Todos te buscam.
38 E êle lhes disse: Vamos às aldeias vizinhas, para que eu ali também pregue; porque para isso vim.
39 E pregava nas sinagonas dêles por tôda a Galiléia, e expulsava os demônios.

Levantando-se de manhã muito cedo (v. 35): Jesus, no dia anterior, encontrou sofrimento em tôda a parte: na sinagoga (v. 23), no lar (v. 30) e em tôda a cidade (v. 32). Passou o dia, até tarde da noite (vs. 32-34) ensinando e curando incansàvelmente. Esgotavam-se as fôrças em curar tanto como em pregar; saía dêle

poder cada vez que curava. Vide Mar. 5:30. Mas, às vêzes, a oração é mais essencial do que o próprio sono. Jesus, apesar da fadiga do longo dia anterior, levantou-se alta madrugada para orar. Se o nosso trabalho é tal que não temos fôrça física para orar em secreto, é porque trabalhamos na energia da carne.

Saiu (v. 35): Saiu, sem ser notado, da casa de Pedro, onde dormira. Os discípulos, depois de amanhecer o dia, sentiram falta do Mestre e saíram a procurá-Lo.

Muito sedo... lugar deserto (v. 35): São duas coisas essenciais: (1) A oração de madrugada, não sòmetne durante o dia. (2) A oração em secreto. Podemos orar verdadeiramente com a família, ou na igreja, se já oramos no lugar deserto. Note-se, nos vs. 36 a 38, como depois, enquanto os discípulos ficavam tomados pelo clamor do mundo, o Homem de oração permanecia firme em seguir a vontade do Pai.

Todos te buscam (v. 37): Em vez de Cristo mostrar-se orgulhoso ao saber da Sua popularidade, ardia ainda mais com desejo de levar a Mensagem aos povos que ainda não a ouviram.

VIII. O SERVO PURIFICA UM LEPROSO, 1:40-45.

Na manhã dêsse dia, o sol raiou sôbre uma criatura, expulsa da convivência dos homens, um leproso mais morto que vivo. Ao anoitecer do mesmo dia, êsse "homem cheio de lepra" (Luc. 5:12), achava-se limpo, feliz, livre de tôdas as dores e reestabelecido à companhia de seus amigos e queridos.

1:40 E aproximou-se dêle um leproso, que rogando-lhe, e pondo-se de joelhos, diante dêle, lhe dizia: Se queres, bem podes limpar-me.

41 E Jesus, movido de grande compaixão, estendeu a mão, e tocou-o, e disse-lhe: Quero; sê limpo.

42 E, tendo êle dito *isto,* logo a lepra desapareceu, e ficou limpo.

43 E, advertindo-o severamente, logo o despediu.

44 E disse-lhe: Olha, não digas nada a ninguém;

porém vai, mostra-te ao sacerdote, e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para lhes servir de testemunho.

45 Mas, tendo êle saído, começou a apregoar muitas coisas, e a divulgar o que acontecera; de sorte que Jesus já não podia entrar pùblicamente na cidade, mas conservava-se fora em lugares desertos: e de tôdas as partes iam ter com êle.

Aproximou-se dêle um leproso (v. 40): Se queremos receber de Cristo, devemos, como êsse leproso, aproximar-nos dÊle: (1) Com grande humildade; "rogando-Lhe e pondo-se de joelhos." (2) Com inteira e viva fé no Seu poder; "podes limpar-me." (3) Devemos ir a Jesus, como o leproso, não sòmente confiando em Seu poder em geral, mas em Seu poder sôbre a nossa própria necessidade; "podes limpar-ME." (4) Temos de nos aproximar de Jesus inteiramente submissos à vontade divina; "se queres."

Podes limpar-me (v. 40): O leproso pediu que Jesus o *limpasse,* não que o *curasse*. O Senhor ordenou que ficasse *limpo,* não apenas *curado*. E o leproso ficou *limpo;* não apenas *curado*. O leproso era imundo conforme a lei; a doença é tipo do pecado, Lev. 13.

Jesus, movido de grande compaixão (v. 41): Como neste leproso, não há em nós coisa alguma que mereça a bênção de Deus. Do mesmo modo que êle, recebemos a bênção sòmente porque Jesus se compadece profundamente de nós, ao ver nossa fraqueza e miséria.

Quero, sê limpo (v. 41): Jesus não disse ao leproso, como Eliseu a Naamã: "Vai, e lava-te sete vêzes no Jordão." Poder para curar o leproso foi-lhe transmitido pela palavra de Cristo. Enviou a sua palavra, e o sarou, Sal. 107:20.

Estendeu a mão, e tocou-o (v. 41): Não havia outra pessoa que ousasse tocar no leproso. Mas Cristo, para nos abençoar, desce ao nosso nível. Aquêle que tocou o leproso sem ficar imundo, nem contrair a doença, tornou-se como Seus irmãos, exceto no pecado. Como

manancial de água doce, manando da terra no meio de mar salgado, mas retendo sua doçura, apesar das águas salgadas em redor, assim é Cristo, Manancial da água permanentemente viva no meio da corrução dêste mundo.

Advertindo-o severamente (v. 43): Compare João 5:14: "Eis que já estás são, não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior." A lepra era, várias vêzes, o castigo por certos pecados, como no caso de Miriã (Núm. 12:10), Geazi (II Reis 5:27) e Uzias (II Cron. 26:19).

E disse-lhe: Olha não digas nada a ninguém (v. 44): Em vista da inclinação dos homens em descuidar de publicar o que Jesus faz para êles, é estranho que o Senhor ordenasse que o leproso curado não proclamasse a notícia de Que o curara. É provável que Cristo não quisesse que o homem ficasse exultando na cura antes de ir ao sacerdote conforme a lei. Mas é certo que a sua desobediência ao pedido de Cristo dificultou a obra do Mestre, "de sorte que Jesus já não podia entrar pùblicamente na cidade."

Capítulo II

O SERVO CURA OS OPRIMIDOS DO DIABO

O assunto da *cura divina,* no Evangelho de Marcos, inicia-se no primeiro capítulo, com a narrativa da cura de um endemoninhado em Cafarnaum. O evangelista mostra, em dez dos dezesseis capítulos de seu livro, como Jesus, depois de ungido, "andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo," Atos 10:38. É significativo que as últimas palavras dêsse Evangelho afirmam o fato de Jesus, à mão direita de Deus, continuar a confirmar, por meio dêsses sinais, a Palavra proclamada pelos discípulos na terra. *Marcos: o Evangelho do Servo de Deus* é riquíssimo de exemplos e lições práticas para os trabalhadores atuais que anelam seguir as pisadas do Trabalhador-mor, Jesus Cristo, servindo aos que estão enfermos no corpo e na alma.

I. O PARALÍTICO LEVADO POR QUATRO HOMENS, 2:1-12.

Jesus não se interessava em pregar sermões bem preparados para ganhar fama de grande orador. Tinha uma mensagem que nascera do amor profundo que sentira para com aquêles que tanto careciam dessa mensagem. O mesmo Cristo continua a procurar aquêles que estão prontos a servi-Lo na maior obra de tôdas, a de anunciar com poder do alto, o simples Evangelho, e ganhar muitas almas para o reino eterno.

2:1 E alguns dias depois entrou outra vez em Cafarnaum, e soube-se que estava em casa.
2 E logo se ajuntaram tantos, que nem ainda nos *lugares* junto à porta cabiam; e anunciava-lhes a palavra.

3 E vieram ter com êle conduzindo um paralítico, trazido por quatro,

4 E, não podendo aproximar-se dêle, por causa da multidão, descobriram o telhado onde estava, e, fazendo um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico.

5 E Jesus, vendo a fé dêles, disse ao paralítico: Filho, perdoados estão os teus pecados.

6 E estavam ali assentados alguns dos escribas, que arrazoavam em seus corações, *dizendo:*

7 Por que diz êste assim blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?

8 E Jesus, conhecendo logo em seu espírito que assim arrazoavam entre si, lhes disse: Por que arrazoais sôbre estas *coisas* em vossos corações?

9 Qual é mais fácil? dizer ao paralítico: Estão perdoados os *teus* pecados; ou dizer-*lhe*: Levanta-te, e toma o teu leito, e anda?

10 Ora para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados (disse ao paralítico),

11 A ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa.

12 E levantou-se, e, tomando logo o leito, saiu em presença de todos, de sorte que todos se admiraram e glorificaram a Deus, dizendo: Nunca tal vimos.

Soube-se que estava em casa (v. 1): Se Jesus Cristo estiver realmente em nossa casa, ou em nossa alma, todo o mundo o saberá.

A cura instantânea do pobre leproso (cap. 1:40-45), resultou em o povo afluir em massa "de sorte que Jesus já não podia entrar pùblicamente na cidade," Cap. 1:45. Entrou às escondidas em "Sua cidade" Mat. 9:1. Essa cidade era Cafarnaum, onde se hospedou, provàvelmente, na casa de Simão Pedro. Compare Cap. 1:29. Mas mesmo assim, "logo se ajuntaram tantos, que nem ainda nos lugares junto à porta cabiam" — e o incansável Mestre continuou Seu ministério de ensinar e curar.

Hoje, como também nos tempos antigos, onde se manifesta Seu poder para salvar e para curar, ali afluem as sedentas multidões, oprimidas por Satanás.

E estavam ali assentados fariseus e doutores da lei, que tinham vindo de tôdas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém (Luc. 5:17): Êsses doutores não se achavam assentados aos pés do Senhor, a semelhança de Maria (Luc. 10:39), para alimentar a alma. Estavam lá para criticar. Compare v. 7. É sempre a inclinação dos instruídos e dos eminentes em tôda parte, ficarem diante de Jesus discutindo e censurando. Não sòmente não entram, mas impedem a entrada dos enfermos e dos perdidos. (Vide Lucas 11:52.)

Um paralítico, trazido por quatro... (v. 3): Êstes quatro homens não podiam curar o paralítico, nem aliviar seus sofrimentos — mas podiam levá-lo a Jesus. E isso fizeram, não obstante os grandes embaraços.

Levaram-no, como estava, jazendo impotente sôbre seu leito de sofrimento — alguns paralíticos sofrem horrìvelmente, Mat. 8:6. O enfêrmo, inutilizado em todo o corpo estava resignado a passar o resto da vida inativo! Mas a resignação do paralítico é mais lastimável do que a paralizia espiritual de grande número de crentes diante do Cristo que deseja revesti-los de poder sobrenatural?

Descobriram o telhado... (v. 4): De fato, os quatro homens não se mostravam muito educados; não podiam abrir o teto da casa sem deixar cair pó e cacos de telha sôbre as cabeças dos eminentes críticos que rodeavam a Jesus. O Mestre não reprovou o procedimento indecoroso dos quatro homens, nem se mostrou impaciente quando interromperam o ensinamento de uma lição sublime, essencial e preciosíssima. Por entre as pessoas que rodeiam a Jesus, por cima da multidão, pela porta, pelo telhado, enfrentando qualquer censura, encarando perseguição, vencendo tôdas as pedras de tropêço e todos os obstáculos... nada importa se alcançarmos a verdadeira presença de Cristo, onde há cura, perdão e paz eterna. Jesus nunca ordenou quaisquer formas ou cerimônias para chegarmo-nos a Sua pre-

sença. Fitemos os olhos no próprio Filho de Deus e avancemos!

Vendo a fé dêles (v. 5): Não se diz: "Vendo-lhes a roupa... Vendo-lhes o dinheiro... Vendo-lhes o prestígio social..." É fé que Cristo deseja ver em nós; isso todos podemos alcançar.

A lição principal que alguns comentadores encontram neste versículo é que o perdão de nossos pecados é mais necessário que a cura de nossos corpos. Outros, com muito mais razão, dizem que a cura dêste paralítico nos ensina um livramento duplo: (1) De pecado. (2) De doença. O paralítico foi curado no mesmo instante em que lhe foram perdoados os pecados. Vide v. 9. Lede Isa. 53:4-6 e Mat. 8:16, 17. Jesus não levou apenas nossos pecados na cruz, mas também nossas doenças.

Perdoados (v. 5): Jesus não curava sem retirar a causa das doenças — o pecado. É nisso que falham a medicina e tôda a seita que não trata do problema do pecado.

Escribas... arrazoavam em seus corações (v. 6): Somos como os escribas, procurando descobrir algo de mal no próximo? Ou nos comportamos como Jesus, procurando fazer o bem e curar a todos os oprimidos do diabo? Atos 10:38.

Êste assim blasfema (v. 7): Erraram, não em pensar que o homem blasfema se arroga a si o direito de dizer: "Os teus pecados estão perdoados", mas em não reconhecer que Jesus é Deus, e portanto, tem autoridade de perdoar pecados.

Ora para que saibais... (v. 10): Note-se o argumento irrefutável de Cristo: Não podia curar a doença, que era o efeito, se não podia remover a causa, que era o pecado.

A ti te digo... (v. 11): Cristo ordenou que o homem curado tomasse seu leito, não apenas para provar que foi perfeitamente curado, mas para demonstrar que

tinha fôrça para levá-lo. Mandou-o para casa, para servir àqueles que antes o serviam.

Levanta-te... (v. 11): Não foi tanto a fé dos quatro homens que levaram o paralítico até a presença de Cristo, que o curou. Mas foi antes a fé que o Mestre se esforçou para aumentar e fazer crescer no coração do próprio paralítico.

De sorte que todos se admiraram (v. 12): Admiraram-se todos, mas não se converteram. Viviam no clarão do Sol da Justiça, contudo os corações permaneciam fechados. Grande é nossa culpa se guardarmos o coração fechado contra o Senhor que faz inumeráveis maravilhas em redor de nós todos os dias. Lede Mat. 11:23, 24, sôbre a condenação dêste mesmo povo, de Cafarnaum, que se admiraram do poder de Jesus, mas não se converteram.

Tomando o leito, retirou-se (v. 12): O leito que servira para levar o paralítico, então foi levado por êle. Os problemas que servem para levar-nos a Jesus, depois são levados por nós.

II. A CHAMADA DE MATEUS, 2:13-17.

2:13 E tornou a sair para o mar, e tôda a multidão ia ter com êle, e êle os ensinava.

14 E, passando, viu Levi, *filho* de Alfeu, sentado na alfândega, e disse-lhe: Segue-me. E, levantando-se, o seguiu.

15 E aconteceu que, estando sentado *à mesa* em casa dêste, também estavam sentados à mesa com Jesus e seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque eram muitos, e o tinham seguido.

16 E os escribas e fariseus, vendo-o comer com os publicanos e pecadores, disseram aos seus discípulos: Por que come e bebe êle com os publicanos e pecadores?

17 E Jesus, tendo ouvido isto, disse-lhes: Os sãos não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores.

Tornou a sair para o mar... êle os ensinava (v. 13): Jesus tinha bons pulmões e qualquer lugar era-Lhe como templo santificado para Seu maravilhoso ministério.

Viu a Levi... (v. 14): Lede os comentários sôbre Mat. 9:9-13.

III. A QUESTÃO DO JEJUM, 2:18-22.

Os fariseus, e talvez também os discípulos de João, jejuavam duas vêzes por semana, Luc. 18:12. Parece que foi mesmo nesse dia em que Jesus e Seus discípulos se banqueteavam na casa de Levi (v. 15), "que os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando." V. 18.

> 2:18 Ora os discípulos de João e os fariseus jejuavam; e foram e disseram-lhe: Por que jejúam os discípulos de João e os dos fariseus, e não jejuam os teus discípulos?
>
> 19 E Jesus disse-lhes: Podem *porventura* os filhos das bodas jejuar enquanto está com êles o espôso? Enquanto têm consigo o espôso, não podem jejuar;
>
> 20 Mas dias virão em que lhes será tirado o espôso, e então jejuarão naquêles dias.
>
> 21 Ninguém deita remendo de pano novo em vestido velho; doutra sorte o mesmo remendo novo rompe o velho, e a rotura fica maior;
>
> 22 E ninguém deita vinho novo em odres velhos; doutra sorte, o vinho novo rompe os odres e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; o vinho novo deve ser deitado em odres novos.

Por que jejuam... e não jejuam os teus discípulos? (v. 18): O mundo sempre tropeça sôbre o que a Igreja não faz, esquecido das muitas coisas que ela faz.

Podem porventura os filhos das bodas jejuar enquanto está com êles o espôso? (v. 19): A noiva (a Igreja) não se acha triste na presença do noivo (Cristo). "Comei, amigos, bebei abundantemente, ó amados" (Cant. 5:1), se o Noivo estiver conosco. Mas se não es-

tiver, jejuai e O buscai até vencer o pecado que faz separação entre vós e Êle.

A questão do jejum surgiu entre êles, querendo permanecer debaixo da lei. A obra de Cristo, isto é, a graça de Deus, é como: (1) *Pano novo*. Se experimentarmos consertar roupa velha com pano novo, certamente o pano novo recolherá e a rotura ficará maior. E se experimentarmos consertar nossa vida debaixo da lei com os preceitos do novo conserto, o resultado será ainda mais triste. (2) *Vinho novo*. Não se guardava vinho novo em odres velhos (vasilhas de couro de animais), para evitar que o vinho novo, na fermentação, rompesse os odres. Isto é, os corações debaixo da lei não suportarão o vinho do novo conserto.

IV. A QUESTÃO SÔBRE O SÁBADO, 2:23-28.

Note-se a constância dos fariseus em observar a Jesus; andavam atraz dÊle, mesmo nos campos, procurando ocasião contra Êle e os discípulos.

> 2:23 E aconteceu que, passando êle *num* sábado pelas searas, os seus discípulos, caminhando, começaram a colher espigas.
>
> 24 E os fariseus lhe disseram: Vês? por que fazem no sábado o que não é lícito?
>
> 25 Mas êle disse-lhes: Nunca lêstes o que fez Davi quando estava em necessidade e teve fome, êle e os que com êle *estavam?*
>
> 26 Como entrou na casa de Deus, no tempo de Abiatar, sumo sacerdote, e comeu os pães da proposição, dos quais não era lícito comer senão aos sacerdotes, dando também aos que com êle estavam?
>
> 27 E disse-lhes: O sábado foi feito por causa do homem, *e* não o homem por causa do sábado.
>
> 28 Assim o Filho do homem até do sábado é Senhor.

Os fariseus lhe disseram (v. 24): Os discípulos tinham todo o direito de arrancar algumas espigas para saciar a fome, Deut. 23:25. E nem quebravam a lei de

Deus em assim fazer, apesar da acusação que ceifavam e debulhavam no sábado. Compare Luc. 6:1.

Quantas vêzes nós, como faziam os fariseus, nos queixamos do que nos parece defeito no próximo, sem percebermos a gloriosa oportunidade de aliviar suas necessidades.

E os seus discípulos, tendo fome (Mat. 12:1): Estranho como pareça, o Rei dos reis deixava, às vêzes, Seus servos, os mesmos que andavam com Êle, passar fome. De fato o próprio Rei, às vêzes, passava fome, Luc. 4:2; Mar. 11:12; João 4:6-8, 31.

Não é de admirar, portanto, se Seus fiéis servos, hoje, sentem apêrto. Contudo aos discípulos de Jesus não lhes faltou realmente coisa alguma, Luc. 22:35. Deus lhes dava tudo de que necessitavam. Não tinham razão de andar ansiosos, Mat. 6:25-34. Nem temos nós razão de andar inquietos e preocupados acêrca de coisa alguma, Fil. 4:6,7. Não convém duvidar da promessa de Deus em suprir tôdas as nossas *necessidades* (Fil. 4:19), sòmente porque não recebemos tudo que *desejamos*.

No tempo de Abiatar, sumo sacerdote (v. 26): Vide I Sam. 21:1-15 e 22:20-23. Aimeleque, pai de Abiatar era sumo sacerdote. É provável, porém, que Abiatar servia como sumo sacerdote ao lado de seu pai. Abiatar foi sumo sacerdote depois da morte de seu pai, e o filho de Abiatar, também chamado Aimeleque, sucedeu a seu pai no mesmo ofício. Vide II Sam. 8:17.

O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado (v. 27): Algumas pessoas dão ênfase à distinção entre mandamentos "morais" e mandamentos "cerimoniais". As exigências "morais" são aquelas que em si mesmas são justas e nunca podem ser revogadas. Ao contrário, as leis "cerimoniais" são aquelas sôbre observâncias, sôbre o cumprimento de certos ritos, por exemplo: os mandamentos acêrca dos holocaustos e o incenso, os regulamentos sôbre os

animais limpos e os animais imundos, etc. As leis "cerimoniais" podem ser abrogadas na mudança de dispensação, mas não as leis "morais". É certo que existe tal distinção. Enganam-se, porém, os que dizem que os dez mandamentos perfazem a lei moral e inalterável. Porque, em primeiro lugar, há na antiga aliança muitos preceitos "morais" que não estão incluídos nos dez mandamentos. Por exemplo, Êx. caps. 21 a 23 e Lev. caps. 18 a 22. Em segundo lugar, a lei acêrca de guardar o sábado, e que se encontra no Decálogo, é "cerimonial". Pode-se exigir a obediência a um mandamento "moral" em outra dispensação sob outra base ou por outros motivos, mas jamais se pode abrogá-lo. Deus nunca pode, por exemplo, em qualquer dispensação, abolir o mandamento: "Não dirás falso testemunho." Contudo o mandamento acêrca de guardar o sábado foi pôsto de lado:

1. Os sacerdotes no templo profanam o sábado e ficam inculpáveis, Mat. 12:5.

2. Os que trabalham no sábado para aliviar o sofrimento aos animais, e dos homens, não têm culpa, Mat. 12:11,12.

Assim o Filho do homem é Senhor mesmo do sábado (Mar. 2:28), e tem o direito de pô-lo de lado, quando e como Lhe parecer bem. Cristo, por fim, removeu inteiramente o mandamento de guardar o sétimo dia, cravando-o na cruz. Depois do dia de Pentecoste não se encontra o mandamento de observá-lo. É significativo que Paulo em suas catorze epístolas menciona o dia do sábado sòmente uma vez: "Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados." Lede Col. 2:14-17. "O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado."

Capítulo III

O SERVO CONTINUA SEU MINISTÉRIO DE CURAR

De tôdas as curas de Jesus, consta que ao menos sete realizaram-se no dia de sábado: (1) A do endemoninhado em Cafarnaum, Mar. 1:21-28. (2) A da sogra de Pedro, Mar. 1:29-31. (3) A do homem da mão ressequida, Mar. 3:1-6. (4) A do paralítico no tanque de Betesda, João 5:1-9. (5) A do cego de nascença, João 9:1-34. (6) A da mulher encurvada, Luc. 13:10-16. (7) A do hidrópico, Luc. 14:1-6.

A tôdas essas curas, senão as duas primeiras, houve grande oposição da parte dos fariseus, porque foram feitas no sábado. Consideravam a cura do corpo sòmente uma coisa sécular, para efetuar durante a semana e não no dia santo de sábado. É justamente isso que pensa a ciência médica; a cura é profissão, é negócio — o corpo humano não é considerado tanto obra do Criador, como máquina, sujeita à perícia e à ciência dos homens. Mas o corpo é mais que organismo material, é templo do Espírito Santo e membro do corpo de Cristo. Deus redimiu tanto nossos corpos como nossas almas. Portanto o Senhor curava no dia de sábado.

I. A CURA DO HOMEM DA MÃO MIRRADA, 3:1-12.

Cristo demonstrou que a lei do Velho Testamento foi designada para a liberdade e o bem dos filhos de Deus. As delícias do sábado do Velho Testamento estão aumentadas no dia do Senhor (o domingo) do Novo Testamento. O mais alto grau de encanto conhecido pelos homens é o que se realiza enquanto em comunhão

com o Criador. E o dia do Senhor é, antes de tudo, o dia reservado para êsse fim.

3:1 E outra vez entrou na sinagoga, e estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada.
2 E estavam observando-o se curaria no sábado, para o acusarem.
3 E disse ao homem que tinha a mão mirrada: Levanta-te e vem para o meio.
4 E perguntou-lhes: É lícito no sábado fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida, ou matar? E êles calaram-se.
5 E, olhando para êles em redor com indignação, condoendo-se da dureza do seu coração, disse ao homem: Estende a tua mão. E êle *a* estendeu, e foi-lhe restituída a sua mão, sã como a outra.
6 E, tendo saído os fariseus, tomaram logo conselho com os herodianos contra êle, procurando ver como o matariam.
7 E retirou-se Jesus com os seus discípulos para o mar, e seguia-o uma grande multidão da Galiléia e da Judéia,
8 E de Jerusalém, e da Iduméia, e *d*além do Jordão, e de perto de Tiro e de Sidon; uma grande multidão, que ouvindo quão grandes *coisas* fazia, vinha ter com êle.
9 E êle disse aos seus discípulos que lhe tivessem sempre pronto um barquinho junto dêle, por causa da multidão, para que o não oprimisse,
10 Porque tinha curado a muitos, de tal maneira que todos quantos tinham *algum* mal se arrojavam sôbre êle, para lhe tocarem.
11 E os espíritos imundos, vendo-o, prostravam-se diante dêle, e clamavam, dizendo: Tu és o Filho de Deus.
12 E êle os ameaçava muito, para que não o manifestassem.

Outra vez entrou na sinagoga (v. 1): Jesus está sempre presente nos verdadeiros cultos. Como sucedeu nessa ocasião em Cafarnaum, assim acontece hoje; se o Mestre estiver presente em nossa igreja, desaparecem o formalismo, a frieza, o indiferentismo — em uma palavra, haverá vida e fé *em ação*.

Estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada (v. 1): Segundo uma tradição, êsse homem era

pedreiro, e por causa do seu triste incômodo, não podia mais ganhar o pão para a sua família.

Lucas (6:6) acrescenta que era a mão direita. Ficou sem fôrça para tirar com a mão qualquer coisa para si, sem poder segurar qualquer objeto e sem jeito para trabalhar. Temos, ou não, fôrça nas mãos, firmeza de vontade e segurança na fé? Com o grande Médico, há cura para os paralizados de espírito e para os incapacitados de corpo.

E estavam observando-o... (v. 2): Êsses religiosos na sinagoga, sem qualquer sentimento de compaixão, ao contemplar o triste estado do homem que não podia mais ganhar o pão para sua família, sòmente se ocupavam em formular planos para destruir o Médico que ia curá-lo. É triste, mas não é sòmente de mão mirrada que sofrem os filhos de Deus; alguns padecem de coração ressequido. Existe coisa mais dura e cruel do que o formalismo da religião?

Cuidemos em que êsse mal insidioso de censurar e condenar o próximo não se apodere de nosso próprio coração. (Compare Isa. 29:20,21.)

Vem para o meio (v. 3): Devia confessar pùblicamente a sua miserável incapacidade e inteira dependência do poder divino para ser libertado. Os homens sempre querem esconder seus defeitos, Prov. 28:13.

Salvar a vida, ou matar? (v. 4): Era isso mesmo que os fariseus planejavam; cogitavam de um meio para matar a Jesus. (Vide o v. 6.) Nunca nos escandalizemos, lembrados de que a corrupção na religião pode alcançar o mais baixo grau: foram professos filhos de Deus, os zelosos fariseus, que planejavam matar a Jesus. Foi no sábado. Foi na sinagoga onde o povo se reunia para adorar a Deus!

Olhando para êles em redor com indignação, condoendo-se... (v. 5): No Velho Testamento menciona-se repetidamente a ira de Deus; no Novo Testamento refere-se muito a Seu amor. Mas há um só Senhor. "A

ira do Cordeiro" (Apoc. 6:16) é tão santa como o "sangue do Cordeiro." A indignação de Jesus na sinagoga não era de ressentimento ou malícia de interesseiro, mas um sentimento misturado de compaixão. O Senhor estava *indignado* e *condoído*. A indignação de uma pessoa meiga como Jesus é mais terrível que qualquer outra paixão. O mais temível é o semblante misturado de ira e compaixão. Vide Mar. 10:14; João 11:33.

Disse ao homem: Estende a tua mão (v. 5): Uma das coisas que êsse homem não podia fazer, por certo, era justamente a de estender a mão ressequida. Mas com a ordem de estender veio o poder divino para estendê-la e o homem a estendeu. Certo pregador conta que viu um epitáfio, significativo dessa mesma verdade, gravado em um túmulo de certo cemitério da Nova Inglaterra: "Ela fazia o que não podia."

E, tendo saído os fariseus, tomaram logo conselho com os herodianos (v. 6): Os herodianos eram do partido da dinastia de Herodes; portanto, eram inimigos dos fariseus. Contudo, uniram-se contra Aquêle que consideravam seu inimigo comum.

Jesus curou a mão mirrada, mas não os corações mirrados — porque êles não quiseram.

Retirou-se Jesus (v. 7): Afastar-se de perigo é justo; abandonar o pôsto de serviço é traição. Há tempos em que devemos fugir de uma cidade para outra. Mas há, também, outras ocasiões quando devemos declarar, como Lutero: "Eis-me aqui; não posso retirar-me; Deus me ajude! Amém."

Porque tinha curado a muitos (v. 10): Acêrca do ministério de Jesus curar, lede os comentários sôbre Mat. 4:23; 8:16,17; 19:2, em Mateus: o Evangelho do Rei.

II. O SERVO ESCOLHE OS DOZE AUXILIARES. 3:13-19.

3:13 E subiu ao monte, e chamou *para* si os que êle quis; e vieram a êle.
14 E nomeou doze para que estivessem com êle e os mandassem a pregar;
15 E para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios:
16 A Simão, a quem pôs o nome de Pedro,
17 E a Tiago, *filho* de Zebedeu, e a João, irmão de Tiago, aos quais pôs o nome de Boanerges, que significa: Filhos do trovão;
18 E a André, e a Filipe, e a Bartolomeu, e a Mateus, e a Tomé, e a Tiago, *filho* de Alfeu, e a Simão, o cananeu.
19 E a Judas Iscariotes, o que o entregou.

Vede os comentários sôbre Mat. 10:1-4 e Luc. 6:12-16.

III. O PECADO IMPERDOÁVEL, 3:20-30.

Que tinha feito Êle para que O julgassem louco? Vide v. 21. Certamente não foi por causa das maravilhas que operava; o mundo não considera demente o homem que faz proezas. "Muitos dêles diziam: Tem demônio, e está fora de si, por que o ouvis? Diziam outros: Estas palavras não são de endemoninhado; pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?", João 10:20,21. Consideravam-nO louco por causa de Sua maneira de viver; dedicava-se a fazer sempre a vontade do Pai celestial e exigia dos homens que tivessem fé nÊle. Onde tudo é mentira, a verdade parece esquisita. Onde todos os homens são interesseiros e pecaminosos, aquêle que é puro e abnegado parece anormal. Paulo, acusado de ter enloquecido, devia explicar que foi constrangido pelo amor de Cristo a fazer como êle fazia. Exige-se explicação dos que vivem como Cristo vivia, II Cor. 5:13-15. Não se pode amar a Deus

de todo o coração, de tôda alma e de todo entendimento sem o mundo estranhar, como estranhava a Jesus.

3:20 E foram para uma casa. E afluiu outra vez a multidão, de tal maneira que nem sequer podiam comer pão.
21 E, quando os seus ouviram *isto,* saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si.
22 E os escribas, que tinham descido de Jerusalém, diziam: Tem Beelzebú, e pelo príncipe dos demônios expulsa os demônios.
23 E, chamando-os a si, disse-lhes por parábolas: Como pode Satanás expulsar Satanás?
24 E, se um reino se dividir contra si mesmo, tal reino não pode subsistir;
25 E, se uma casa se dividir contra si mesma, tal casa não pode subsistir;
26 E, se Satanás se levantar contra si mesmo, e fôr dividido, não pode subsistir; antes tem fim.
27 Ninguém pode roubar os bens do valente, entrando-lhe em sua casa, se primeiro não maniatar o valente; e então roubará a sua casa.
28 Na verdade vos digo que todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, e tôda a sorte de blasfêmias, com que blasfemarem;
29 Qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca obterá perdão, mas será réu do eterno juízo.
30 (Porque diziam: Tem espírito imundo).

Quando os escribas deliberadamente acusaram Jesus de expulsar demônios pelo *príncipe dos demônios* (v. 22), o Mestre respondeu: "Qualquer que blasfemar contra o Espírito Santo nunca obterá perdão," V. 29.

Sôbre o pecado imperdoável, vede, também, Mat. 12:31; Heb. 6:4-6; 10:26-29 e I João 5:16.

Os escribas fizeram a longa e árdua viagem de Jerusalém à Galiléia para frustrar a obra de Cristo, V. 22. O pecado dêsses copistas e instrutores da lei de Deus, consistia no ato de êles blasfemarem contra o Espírito Santo, v. 29. Blasfemaram, isto é, dirigiram insulto contra a Pessoa que deviam respeitar. Os escribas, apesar de saberem que foi o Espírito Santo que ope-

rava em Jesus, resolveram deliberadamente acabar com Sua obra, atribuindo Seu poder ao príncipe dos demônios. Assim fecharam a única porta que lhes abria para a salvação — não havia mais esperança de perdão para êles.

"Portanto convém-nos atentar com mais diligência para as coisas que já temos ouvido, para que em tempo algum nos desviemos delas," Heb. 2:1. Quantos membros da igreja começam a descuidar das orações e ausentar-se dos cultos? Quantos assim passam a preferir a companhia de incrédulos à convivência dos irmãos? De pouco a pouco esfriam até ficarem enojados de tudo que é espiritual, declarando que todos os crentes são hipócritas. Depois de passar certo ponto é impossível renová-los para o arrependimento. Por fim, saem dêste mundo para o suplício eterno.

Contudo, apesar do horror da possibilidade de cometer o pecado imperdoável, a maioria dos que receiam ter cometido êsse pecado, não tem razão de assim julgar. O fato de o pecador desejar vir a Jesus é prova que não cometeu o pecado imperdoável. Pois Êle mesmo diz: "O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora," João 6:37.

Nem siquer podiam comer (v. 20): Há comida mais essencial e mais gostosa do que aquela para nosso físico. (Comp. João 4:31-34).

Chamando-os a si, disse-lhes (v. 23): Note-se a maneira de Jesus responder ao insulto, sòmente com mansidão e amor.

Se uma casa... (v. 23): Se uma casa, um lar, uma família, uma igreja, estiver dividida contra si mesma, tal casa, tal lar, tal família, tal igreja não poderá subsistir.

IV. A FAMÍLIA DE JESUS, 3:31-35.

É evidente, pela maneira de Maria se comportar, que não era mãe da *natureza divina* de Jesus, mas da Sua *natureza humana*.

3:31 Chegaram então *seus* irmãos e sua mãe; e, estando de fora, mandaram-no chamar.

32 E a multidão estava assentada ao redor dêle, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram, e estão lá fora.

33 E êle lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos?

34 E, olhando em redor para os que estavam assentados junto dêle, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos.

35 Porquanto qualquer que fizer a vontade de Deus êsse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe.

Chegaram então seus irmãos e sua mãe... (v. 31): Consta, no v. 21, que os parentes de Jesus, também, O consideravam fora de si; até os amigos do Mestre, os que O amavam mais ìntimamente foram levados por essa calúnia! Vê-se nos vs. 31-35 como Sua mãe e Seus irmãos queriam levá-Lo a um lugar sossegado, até que se recuperasse de Seu desvario mental! Jesus nem lhes enviou resposta; apenas declarou aos ouvintes que reconhecia como mãe e irmãos sòmente aquêles que desejassem ouvir e observar a Palavra de Deus.

Capítulo IV

PARÁBOLAS DO SERVO

Mateus nos dá onze das parábolas de Jesus, não encontradas nos outros Evangelhos: (1) O joio, Mat. 13:24-30. (2) O tesouro escondido, Mat. 13:44. (3) A pérola de grande valor, Mat. 13:45,46. (4) A rêde varredoura, Mat. 13:47-49. (5) O credor incompassivo, Mat. 18:23-35. (6) Os trabalhadores na vinha, Mat. 20:1-16. (7) Os dois filhos, Mat. 21:28-32. (8) As bodas do filho do rei, Mat. 22:1-14. (9) As dez virgens, Mat. 25:1-13. (10) Os talentos, Mat. 25:14-30. (11) Os cabritos e as ovelhas, Mat. 25:31-46.

Marcos registra apenas duas parábolas, não mencionadas por Mateus e nem por Lucas: (1) A semente que cresce secretamente, Mar. 4:26-29. (2) Os servos vigilantes, Mar. 13:34,35.

Em Lucas há dezesete parábolas não citadas nos outros Evangelhos: (1) Os dois devedores, Luc. 7:41-43. (2) O bom samaritano, Luc. 10:25-37 (3) O amigo importuno, Luc. 11:5-8. (4) O rico insensato, Luc. 12:16-21. (5) Os servos vigilantes, Luc. 12:35-40. (6) O mordomo, Luc. 12:42-48. (7) A figueira estéril, Luc. 13:6-9. (8) A grande ceia, Luc. 14:16-24. (9) A construção de uma tôrre, Luc. 14:28-33. (10) A moeda perdida, Luc. 15: 8-10. (11) O filho perdido, Luc. 15:11-32. (12) O administrador infiel, Luc. 16:1-13. (13) O rico e Lázaro, Luc. 16:19-31. (14) O senhor e seu servo, Luc. 17:7-10. (15) A viúva importuna, Luc. 18:1-8. (16) O fariseu e o publicano, Luc. 18:10-14. (17) As dez minas, Luc. 19:12-27.

Em João não há parábola, nem nas epístolas.

Em Mateus e Lucas há três parábolas comuns aos dois Evangelhos: (1) Os dois fundamentos, Mat. 7:24-27; Luc. 6:46-49. (2) O fermento, Mat. 13:33,34; Luc. 13:20-21. (3) A ovelha perdida, Mat. 18:12-14; Luc. 15:1-10.

Em Mateus, Marcos e Lucas encontram-se sete parábolas comuns a todos os três Evangelhos: (1) A candeia debaixo do alqueire, Mat. 5:15; Mar. 4:21; Luc. 8:16. (2) Pano novo em vestido velho, Mat. 9:16; Mar. 2:21; Luc. 5:36. (3) Vinho novo em odres velhos, Mat. 9:17; Mar. 2:22; Luc. 5:37,38. (4) O semeador, Mat. 13:1-23; Mar. 4:1-9; Luc. 8:4-15. (5) O grão de mostarda, Mat. 13:31,32; Mar. 4:30-34; Luc. 13:18-20. (6) A vinha, Mat. 21:33-46; Mar. 12:1-12; Luc. 20:9-19. (7) A figueira, Mat. 24:32-35; Mar.13:28-31; Luc. 21:29-33.

I. A PARÁBOLA DO SEMEADOR, 4:1-20.

Esta parábola é uma das sete comuns a todos os três Evangelhos; Mateus, Marcos e Lucas.

4:1 E outra vez começou a ensinar junto do mar, e ajuntou-se a êle grande multidão, de sorte que êle entrou e assentou-se num barco, sôbre o mar; e tôda a multidão estava em terra junto do mar.

2 E ensinava-lhes muitas *coisas* por parábolas e lhes dizia na sua doutrina:

3 Ouvi: Eis que saiu o semeador a semear;

4 E aconteceu que, semeando êle, uma *parte da semente* caiu junto do caminho, e vieram as aves do céu, e a comeram;

5 E outra caiu sôbre pedregais, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque não tinha terra profunda;

6 Mas, saindo o sol, queimou-se; e, porque não tinha raiz, secou-se.

7 E outra caiu entre espinhos, e, crescendo os espinhos, a sufocaram e não deu fruto.

8 E outra caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu; e um produziu trinta, outro sessenta, e outro cem.

9 E disse-lhes: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.
10 E, quando se achou só, os que estavam junto dêle com os doze interrogaram-no acêrca da parábola.
11 E êle disse-lhes: A vós vos é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas aos que estão de fora tôdas *estas coisas* se dizem por parábolas,
12 Para que, vendo, vejam, e não percebam; e, ouvindo, ouçam, e não entendam; para que se não convertam, e lhes sejam perdoados os pecados.
13 E disse-lhes: Não percebeis esta parábola? como pois entendereis tôdas as parábolas?
14 O que semeia, semeia a palavra;
15 E os que estão junto do caminho são aquêles em quem a palavra é semeada; mas, tendo-a êles ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada nos seus corações.
16 E da mesma sorte os que recebem a semente sôbre pedregais; os quais, ouvindo a palavra, logo com prazer a recebem;
17 Mas não têm raiz em si mesmos, antes são temporãos; depois, sobrevindo tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam.
18 E outros são os que recebem a semente entre espinhos, os quais ouvem a palavra;
19 Mas os cuidados dêste mundo, e os enganos das riquezas e as ambições doutras coisas, entrando, sufocam a palavra, e fica infrutífera.
20 E os que recebem a semente em boa terra são os que ouvem a palavra e *a* recebem, e dão fruto, um a trinta, outro a sessenta, outro a cem, por um.

Ajuntou-se a êle grande multidão (v. 1): O povo afluía, nesta ocasião, "de tôdas as cidades" (Luc. 8:4), para ouvir a pregação de Cristo. O Mestre, porém, conhecia o coração das massas. Um propósito da parábola do semeador foi o de prevenir os discípulos do triste fato de a pregação da Palavra, mesmo do Deus Todo-Poderoso, não produzir colheita de cem por cento em todos os ouvintes.

O que semeia, semeia a palavra (v. 14): O fiel semeador semeia a Palavra a eito — "junto a tôdas as águas", em tôdas as qualidades de terra (Isa. 32:20; Mar. 16:15), não sabendo onde ela vai ficar. Semeia a

Palavra sem observar o vento, nem as nuvens. Ecl. 11:4,6. Semeia a *Palavra;* não passa o tempo explicando-a, nem interpretando-a e nem discutindo-a. Semeia a *Palavra,* não desperdiça o tempo censurando qualquer uma das várias seitas do mundo. Semeia a *Palavra,* não suas próprias idéias e opiniões. Êle não se mostra a si mesmo, mas proclama a *Palavra*. Anuncia a *Palavra,* pois sente o mesmo pêso que pesa sôbre o coração do Senhor. (Compare "pêso", Isa. 13, Vers. Almeida.) O humilde servo "leva a preciosa *semente,* andando e chorando," Sal. 126:6. Compare Jer. 20:9.

Vejam, e não percebam... (v. 12): Tais ouvintes da Palavra são como os ídolos mencionados no Salmo 135:15-17; "Têm olhos, e não vêem."

O mero prazer de assistir à pregação da Palavra não é recomendação. A Palavra de Deus para milhares de pessoas batizadas é como Ezequiel para os judeus: "Eis que tu es para êles como uma canção de amores, canção de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra," Ez. 33:32.

Boa audição é tão essencial como boa pregação.

Os que estão junto do caminho (v. 15): Não "compreendem" a Palavra (Mat. 13:19), porque o coração está endurecido, como a terra pisada à beira do caminho. Para tais o amor de Deus, a compaixão de Cristo, a glória e as bênçãos dos céus e o horror do inferno não significam coisa alguma.

A SEMENTE SEMEADA EM SOLO À BEIRA DO CAMINHO representa: (1) Não sòmente os maus, mas os indiferentes e todos que não deixam a Semente penetrar. (2) Os que não crêem no Criador, dizendo que não "compreendem" a Palavra, Mt. 13:19. Os crentes, também, não entendem tudo, mas guardam a Palavra no coração e o Senhor dá entendimento. Luc. 2:19, 50, 51; II Tim. 2:7. (3) Os ocupados. A Palavra de Deus

enriquece a alma, mas temos de estudá-la para compreendê-la.

Corações endurecidos e não quebrantados, não servem para a fé que salva.

Vem logo Satanás e tira a palavra (v. 15): Se a Palavra ficar no exterior de nosso ser, é tão certo que Satanás a tirará quanto é certo que os passarinhos comerão a semente que cair na dura terra à beira do caminho. Nossa segurança consiste em esconder a preciosa Palavra no coração, Sal. 119:11.

Não deixes Satanás te roubar a Palavra, tens de enfrentá-la no juízo.

Que recebeu a semente sôbre pedregais... (v. 16): Como nasce logo a semente que cai em terra sôbre rocha, porque não há profundidade de solo, assim alguns pecadores "ouvindo a palavra, logo a recebem com alegria." Aceitam-na superficialmente; não há profundidade na sua experiência, porque não "calcularam a despesa," Luc. 14:27; Mat. 16:24; 7:14; II Tim. 3:12.

A SEMENTE SEMEADA EM SOLO ROCHOSO representa: (1) Os medrosos. Estão atraídos pela glória da vida cristã, chegam com alegria mas não têm coragem de romper com seus vícios, nem com seus companheiros que seguem o caminho do mundo. (2) Os sentimentalistas. Seguem a Cristo só por sentimento, só quando se sentem comovidos. (3) Os queixosos e excessivamente sensíveis. Não estão bem arraigados em Cristo e sentem demasiadamente tôda a censura da parte do próximo. Todos os defeitos nos irmãos servem-lhes como pedra de tropêço. Vede, ao contrário, o exemplo de Paulo, II Cor. 11:23-33. (4) Os que morrem espiritualmente com qualquer tribulação. (5) Os que não suportam o sol causticante da perseguição. Aquilo que faz robustecer o crente arraigado em Cristo, sòmente serve para os matar. Falta-lhes a alimentação interior; ficam vencidos pelas circunstâncias exteriores.

Mas não têm raiz em si mesmos (v. 17): A criança em poucos minutos faz um jardim de rosas, violetas, papoulas, cravos; um lindo canteiro de flores de várias côres. Mas todos estão apenas com a aste fincada no chão. Ao nascer o sol, tudo murcha, tudo morre. Se não temos raízes em nós mesmos, seremos de pouca duração espiritualmente.

Os que recebem a semente entre espinhos (v. 18): Êste solo é fôfo e tem profundidade, quer dizer o coração está aberto e talentoso. Mas não pode produzir trigo e joio juntos. Não devemos esperar que a Palavra de Deus sufoque os "espinhos", mas temos de "capinar" nosso coração.

A SEMENTE SEMEADA ENTRE ESPINHOS representa: (1) Os que deixam "os cuidados do mundo" sufocar a Palavra. Vide Fil. 4:6,7. (2) Os que deixam "as riquezas" sufocarem a Palavra, Luc. 8:14; Mat. 19:24; 6:24; I Tim. 6:17. (3) Os que deixam "as ambições doutras coisas" (v. 19) sufocarem a Palavra. (4) Os que deixam os "deleites da vida" sufocarem a Palavra, Luc. 8:14.

Perguntaram a certo dono de grande moinho, que contribuira com a metade do dinheiro necessário para a construção do templo, acêrca do sermão de inauguração. Tinha de confessar que, enquanto o pregador falava, êle estava calculando mentalmente quantas e quais máquinas poderia colocar dentro do edifício, se o possuísse, para fazer outro moinho. Um outro membro, representante duma grande companhia de seguros de vida, confessou que perdera todo o culto porque olhava para diversos homens presentes e fazia os planos para visitá-los e vender-lhes apólices.

O crente que está ocupado a ponto de não dedicar o domingo a Deus, de não achar tempo para orar, de não ler a Palavra e nem ensiná-la aos filhos, está demasiado ocupado.

Os que receberam a semente em boa terra (v. 20): São os que têm o coração lavrado por Deus, e os espinhos arrancados. Nestes a Palavra não é furtada, nem negligenciada e nem sufocada. A primeira qualidade de solo representa os que em nada crêem; a segunda, os que crêem superficialmente; a terceira, os que crêem com reserva e a quarta, os que crêem de todo o coração e produzem fruto.

A SEMENTE SEMEADA EM BOA TERRA representa: (1) Os que ouvem a Palavra e oram sôbre ela, Sal. 119:18. (2) Os que a compreendem, Mat. 13:23. Mas não entendem sem meditação. (3) Os que produzem fruto. Isso é o grande alvo do Semeador, Cristo, que os ouvintes dêm *fruto*. "Trinta, sessenta e cem por um", conforme a prontidão em dar lugar para a Palavra no coração, e nos esforçarmos para entendê-la.

Jesus principia a parábola do semeador com a palavra "ouvi" e termina-a com a admoestação: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça", v. 9. Apesar de o solo, no material, não ter culpa, se estiver duro, cheio de pedras ou infestado de espinhos, nós, no espiritual, somos responsáveis se nosso coração estiver edurecido, se não estiver aberto para a Palavra arraigar-se profundamente, ou se deixarmos coisas terrestres sufocarem a Palvra. Perguntemo-nos a nós mesmos: Meu coração é como qual dessas quatro qualidades de solo?

Há ainda maiores bênçãos para os que perguntam: Meu coração está em condições para produzir cem por um, ou sòmente sessenta, ou mesmo sòmente trinta, por um?

II. A PARÁBOLA DA CANDEIA, 4:21-25.

O alvo desta parábola é destacar a famosa parábola do semeador em nosso coração.

4:21 E disse-lhes: Vem *porventura* a candeia para se meter debaixo do alqueire, ou debaixo da cama? não *vem antes* para se colocar no velador?

22 Porque nada há encoberto que não haja de ser manifesto; e nada se faz *para ficar* oculto, mas para ser descoberto.

23 Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.

24 E disse-lhes: Atendei ao que ides ouvir. Com a medida com que medirdes vos medirão a vós, e ser-vos-á ainda acrescentada.

25 Porque ao que tem, ser-lhe-á dado; e, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

Candeia: Um pratinho com torcida em azeite doce. *Alqueire*: Medida de cêrca de catorze litros.

Vem por ventura a candeia... (v. 21): O homem que recebe os dons e as graças (II Ped. 1:3-11) do céu, torna-se um farol. "A alma do homem é a lâmpada do Senhor," Prov. 20:27. Tal homem, acendido pelo "Pai das luzes" (Tiago 1:17), mesmo entre os mais eminentes, é apenas uma "lâmpada", comparado ao "Sol da justiça." Uma lâmpada dá muito pouca luz, fàcilmente se apaga e deve ser contìnuamente reabastecida. Contudo, não é guardada debaixo da cama, nem debaixo duma vasilha. Quantos filhos de Deus têm dinheiro, talento e dons espirituais, mas não os usam para o benefício do próximo. Os que estão acesos, como candeias, devem colocar-se "no velador." isso é, aproveitar-se de tôda a oportunidade de deixar a divina luz brilhar por meio de atos e de palavras.

Porque nada há encoberto que não haja de ser manifesto (v. 22): A razão porque nos cumpre "colocar nossa candeia no velador" é que não há bênção recebida de Deus que seja ùnicamente para nosso próprio benefício. As riquezas do Evangelho recebidas nunca são para esconder no coração, mas para ser manifestas, para ser proclamadas em tôda parte. Apesar de Cristo ensinar ocultamente as lições por meio de parábolas, não convém aos discípulos guardá-las escondidas.

Ao que tem, ser-lhe-á dado... (v. 25): Nada temos. Deus nos dá tudo. Quanto mais aceitamos, portanto, tanto mais Êle nos dá. Quanto mais damos, também, tanto mais capacidade teremos para receber.

III. A PARÁBOLA DA SEMENTE, 4:26-29.

Esta parábola é uma das duas registradas sòmente por Marcos.

> 4:26 E dizia: O reino de Deus é assim como se um homem lançasse semente à terra,
>
> 27 E dormisse, e se levantasse de noite ou de dia, e a semente brotasse e crescesse, não sabendo êle como.
>
> 28 Porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga.
>
> 29 E, quando *já* o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa.

Nesta parábola vê-se a Igreja como semente lançada à terra. A semente cresce sem os homens saberem como, a não ser pelo poder misterioso da terra. A Igreja, plantada na terra, cresce também, sem os homens saberem como, a não ser pelo poder do Espírito Santo. A semente lançada à terra nasce, cresce, dá espiga e ao amadurecer "mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa." Igualmente a Palavra semeada no coração dos homens nasce, cresce, dá fruto e ao amadurecer será ceifada para o reino eterno. Além da lição principal, há outras aplicações práticas das palavras da parábola:

Como se um homem lançasse semente à terra (v. 26): Sem lançar semente à terra, não haverá safra; festejá-se a ceifa, mas não sem primeiro suportar o labor de semear. Há crentes que se acham tomados pelo gôzo de estudar a Bíblia e meditar sôbre a Palavra de Deus de dia e de noite, até o ponto de descuidar da responsabilidade de semear. E não há safra na sua vida.

Igualmente, sem passar tempo colhendo, não haverá semente para semear. Contudo há servos de Deus que não querem colher a Palavra, passando todo o tempo semeando. Semeiam se tiver semente; semeiam se não a tiver. Isso é, continuam o formalismo de semear. Mas o *estudo da Palavra* é indispensável ao que *semeia a Palavra*.

E dormisse, e se levantasse de noite ou de dia, e a semente... (v. 27): Há ainda outros servos de Deus que, depois de semear a Palavra fielmente, descansam, deixando o Espírito Santo produzir fruto. Não estão ociosos, mas levantam-se "de noite ou de dia," cuidando de seus deveres. Deixam a semente semeada aos cuidados de Deus onde deve estar. Semearam a incorruptível semente (I Ped. 1:23) e têm fé no Senhor dar a safra. "Porque a terra por si mesma frutifica." Há três etapas:

Primeiro a erva (v. 28): A semente nasce, sua fôlha ornando a doutrina, Tito 2:10.

Depois a espiga (v. 28): Manifestando ao mundo sua decisão de receber de Deus e produzir fruto.

Por fim o grão cheio na espiga (v. 28): O fruto desenvolvido e maduro, pronto para a mão do dono da seara apanhá-lo, representa a alma cheia da plenitude de Deus — cheia de boas obras realizadas pelo poder do Espírito Santo — cheia e curvada humildemente e satisfeita diante do Criador.

Mete-lhe logo a foice (v. 29): A foice não destrói o trigo, apenas separa-o da terra. "O grão cheio na espiga" não teme a foice, mas clama: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" Sabe que, enquanto o joio é cortado para ser queimado no fogo eterno, o trigo é ceifado para o lar eterno.

Devemos regozijar-nos ao ver como o tempo passa depressa. Cada dia, que se passa, leva-nos mais perto da ceifa e da inauguração do reino de Deus.

IV. A PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA, 4:30-34.

Lede os comentários sôbre Mat. 13:31,32.

V. JESUS ACALMA UMA TEMPESTADE, 4:35-41.

A história dêste temporal lembra a arca de Noé, atirada dum lado para outro, nas grandes águas que cobriam a terra. É tipo da Igreja de Cristo, no mar tempestuoso do mundo atual. "As portas do inferno não prevalecerão contra ela."

4:35 E, naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes: Passemos para a outra banda.
36 E êles, deixando a multidão, o levaram consigo, assim como estava, no barco; e haviam também com êle outros barquinhos.
37 E levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia.
38 E êle estava na popa dormindo sôbre uma almofada, e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não se te dá que pereçamos?
39 E êle, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou, e houve grande bonança.
40 E disse-lhes: Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé?
41 E sentiram um grande temor, e diziam uns aos outros: Mas quem é êste, que até o vento e o mar lhe obedecem?

Sendo já tarde (v. 35): Foi no mesmo dia em que Êle se esforçou em proclamar a Palavra por parábolas. Sem descansar, saiu para levar a Mensagem ao território de Gadara e para libertar um homem completamente subjugado por Satanás. Deixou-nos o exemplo de não pensarmos tanto no descanso antes de entrarmos em nosso verdadeiro descanso.

Note-se que o barco que Cristo usara como púlpito, estava sob os Seus cuidados; apesar de estar em perigo,

não podia ir a pique. Êle cuida daquilo e aquêle, que é dedicado a Sua obra.

Cristo podia ir por terra, o lugar não era muito distante. Mas foi no barco para demonstrar que é Deus tanto do mar como da terra sêca. Há grande confôrto nisso para os que "descem ao mar, embarcando em navios."

Para a outra banda (v. 35): Para o outro lado do mar de Tiberíades, isso é, do mar da Galiléia, para Gadara, na tribo de Gade.

Êles... o levaram consigo, assim como estava (v. 36): Isso é, sem comer, nem com qualquer outra preparação, nem mesmo sair do barco em que passara o dia ensinando as multidões na praia. Não podia desembarcar do bote sem ficar apertado pela multidão ao ponto de não poder comer, nem descansar. A pregação não é fácil aos que se dedicam a obra, movidos de compaixão. É impossível passar o dia implorando aos homens que cheguem a Deus sem sentir grande cansaço de corpo, mente e alma. Os pregadores que insistem com o povo, com ânsia, sempre ficam depois gastos e exaustos.

E levantou-se grande temporal (v. 37): Os turistas que visitam o mar da Galiléia testificam que é sujeito a tais tempestades. Está muito abaixo do nível do mar, quase inteiramente cercado de serras, das quais se desencadeiam repentinamente grandes borrascas.

Observem-se:

Os ventos da adversidade batem de todos os lados. Há falência no comércio. Um membro da família desvia-se de Cristo. A doença, como víbora, apodera-se dum querido. A morte entra no lar. Os ventos de contratempos batem no barco no lado de fora; os ventos de dúvidas, no lado de dentro.

A viagem foi feita com a ordem de Cristo. Ainda mais, Êle os acompanhava. Nunca convém concluir, portanto, que grandes provações indicam sempre que

estamos desagradando a Deus. Nem nos convém pensarmos que os sofrimentos são sempre provas de Cristo não estar conosco.

Cristo podia evitar essa tempestade, concedendo aos discípulos uma brisa agradável para levá-los em paz ao destino determinado. Mas o que ordenou foi para a glória de Deus. Compare João 11:4.

É sòmente na presença de Cristo nas maiores alturas que há calma perpétua. Aqui na terra, a Igreja está agitada por tempestades, uma após outra.

Enquanto Satanás se ocupa em levantar tempestades, Cristo dedica-se a acalmá-las. Êle o pode fazer, Êle o tem feito. Êle está contentíssimo em o fazer, pois veio proclamar paz na terra.

O barco... já se enchia (v. 37): Por certo êsses marinheiros, acostumados às vicissitudes dos pescadores no mar da Galiléia, haviam feito tudo possível para salvar-se da grande tormenta. Haviam-se esforçado até o maior grau. Estavam face a face com seu sepultamento nas águas do mar. Não nos enganemos pensando que a borrasca que ameaça nos tragar seja mais violenta do que a dos apóstolos e de nossos irmãos.

E êle estava na pôpa (v. 38): O barco, enquanto Jesus está a bordo, não pode ir a pique. A sarça ardendo em fogo, enquanto Deus está nela, não se consome. Se Cristo estiver no coração, a nossa vida nunca pode ir a pique, nem jamais se consumir. "Maior é o que está em vós do que o que está no mundo," I João 4:4.

Dormindo sôbre uma almofada (v. 38): Lê-se sòmente neste versículo de ocasião em que Cristo dormia. Estava repetidamente em vigílias, passando noites inteiras em oração a Deus. Dormia, porém, durante a tempestade. Dormia, não de falsa segurança como o desobediente Jonas na antiguidade, mas de santa paz, descansando nos braços do Pai. Compare Atos 12:4. O grande Servo, contente e exausto de servir o dia inteiro,

descansava em sono profundo sem se acordar, apesar da grande violência da procela.

Mestre, não se te dá que pereçamos? (v. 38): Parece que foi mais um caso dos discípulos censurarem o Mestre do que Lhe suplicarem socorro. Descobre-se, nisso, a familiaridade que gozavam com Êle e a grande liberdade que lhes concedia. Ao mesmo passo, achavam-se tão aflitos que mal sabiam o que diziam. Pensar que Cristo descuide, às vêzes, de Seu povo, é praticar-Lhe a maior injustiça. Como na ocasião dessa tempestade, nunca é de Sua vontade que pereça um dos mais pequeninos, Mat. 18:14.

Se clamamos: "Mestre, não se te dá que pereçamos", Sua resposta para nós é a Sua humilhação, o Seu sofrimento e a Sua morte na cruz em nosso lugar.

Pereçamos (v. 38): Foi uma oração fervoroso e sem formalismo. É sòmente quando percebemos o perigo iminente que estamos impelidos a orar verdadeiramente. O primeiro passo para ser salvo é reconhecer que estamos perdidos. Igualmente, sem reconhecer o nosso perigo, a nossa necessidade, a nossa pobreza diante de Deus, não podemos orar; apenas repetimos nossas orações, não oramos.

E êle, despertando (v. 39): Cristo parece estar dormindo enquanto passamos grande provação? Convém acordá-Lo, clamando em oração.

Repreendeu o vento (v. 39): Jesus — glória ao Seu bendito nome — não reprova o clamor dos angustiados, mas repreende a causa de sua angústia. Repreende o poder tempestuoso que faz levantar as ondas de tristeza e de temor até nossa alma ficar ameaçada de naufragar.

E disse ao mar (v. 39): Moisés mandou as águas com uma vara; Josué, com a arca da aliança; Elizeu, com o manto dum profeta; mas Cristo, apenas com uma palavra.

O vento se aquietou (v. 39): Grande foi êste milagre, feito por Aquêle que trouxera o grande dilúvio sôbre a terra no tempo de Noé, o Mesmo que abrira as águas do mar Vermelho, que dividira o rio Jordão e que trouxera nuvens de gafanhotos, no Egito, por meio de um grande vento.

Houve grande bonança (v. 39): Não sòmente cessou o vento, mas desapareceram imediatamente as ondas. A bonança que Cristo nos traz é muito maior do que a tempestade de pecado que nos perturba.

Todos que residiam nas praias do mar da Galiléia viram, certamente, a grande bonança. Não ouviram a voz do Mestre, mas viram a bonança. Lembremo-nos, com tôda bonanca de nossa vida, apesar de não discernir a voz do Senhor, de agradecer Aquêle que, movido de compaixão, mandara acalmar a tempestade.

Cristo, ao acalmar completamente o grande temporal, demonstrou que mesmo "o príncipe das potestades do ar" tem de obedecer às ordens divinas.

Por que sois tão tímidos? (v. 40): Observe-se que Cristo não censurou os discípulos porque O incomodaram, mas porque se incomodaram a si mesmos, temendo a fúria da tempestade.

Cristo está a bordo do barco de nosso coração? Col. 1:27; I João 4:4. Pode o barco afundar quando o Filho de Deus está a bordo?!

Onde está a vossa fé (v. 40): Os pecadores temem. Os marinheiros pagãos tremem. Mas vós, discípulos de Cristo, "por que sois tão tímidos"?

Qual o proveito de crer em Cristo, se não se pode crer na hora de grande provação? Vale a pena ter fé, se essa fé é inativa?

Conta-se que certa mulher não compreendia como seu marido podia comportar-se com grande calma durante um temporal. "Vou mostrar-te", disse êle, e avançou fazendo aproximar uma faca afiada mais e mais perto do coração da espôsa. "Não estás com

mêdo?" — "Não, porque é tua a mão que segura a faca". — "E foi a mão de meu Pai que segurava a tempestade."

E sentiram um grande temor (v. 41): Enquanto a tempestade rugia, temiam mais a tempestade do que a Cristo, clamando: Mestre não se te dá que pereçamos?" Mas ao ver a maneira de o vento e o mar obedecerem a Sua voz, temiam o Senhor mais do que temeram a tempestade. Temiam na presença de Um que "até o vento e o mar Lhe obedecem." Compare Apoc. 1:17.

A PARÁBOLA DA TEMPESTADE

Note-se como o milagre de Jesus em acalmar a tempestade tem, também, o aspecto de parábola:

(1) Nossa vida é um barco. (2) O mar (mundo) é tempestuoso. (3) Satanás sempre procura afundar o barco de nossa vida, I Ped. 5:8. (4) Com o Criador a bordo estamos seguros, Mat. 28:19,20. (5) Temos certeza de que Êle está a bordo? (6) É bom clamar, pedindo-Lhe socorro, v. 38. (7) É só Êle que pode dar bonança. (8) Andar com Jesus a bordo não é garantia de não haver borrasca. (9) Tempestade não é prova de que estamos desagradando a Deus. (10) Tudo está inteiramente nas mãos do Salvador. Êle queria mostrar aos discípulos que, ao levantar-se outro temporal, não deviam temer, porque Êle sabe e pode acalmar o mar.

Capítulo V

O SERVO VENCE DEMÔNIOS, A DOENÇA E A MORTE

O fato de todos os três evangelistas, Mateus, Marcos e Lucas, narrarem a história dos três grandes milagres dêste capítulo, salienta a importância de "atentar com mais diligência" às lições que êsses eventos nos ensinam.

I. A CURA DO ENDEMONINHADO GADARENO, 5:1-20.

O amor é a maior fôrça no céu, na terra e no inferno. Foi o amor que levou Deus a dar Seu unigênito Filho, João 3:16. Era o amor que impelia Seu Filho, o grande Servo, a falar as palavras de graça, operar os milagres de misericórdia e dar Sua vida em resgate de muitos. Na libertação do endemoninhado gadareno encontra-se um exemplo penetrante do poder divino que opera por amor.

5:1 E chegaram à outra banda do mar, à província dos gadarenos.

2 E, saindo êle do barco, lhe saiu logo ao seu encontro, dos sepulcros, um homem com espírito imundo;

3 O qual tinha a *sua* morada nos sepulcros, e nem ainda com cadeias o podia alguém prender;

4 Porque, tendo sido muitas vêzes prêso com grilhões e cadeias, as cadeias foram por êle feitas em pedaços, e os grilhões em migalhas, e ninguém o podia amansar.

5 E andava sempre, de dia e de noite, clamando pelos montes, e pelos sepulcros, e ferindo-se com pedras.

6 E, quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-o.
7 E, clamando com grande voz, disse: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? conjuro-te por Deus que não me atormentes.
8 (Porque lhe dizia: Sai dêste homem, espírito imundo.)
9 E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? E lhe respondeu, dizendo: Legião *é* o meu nome, porque somos muitos.
10 E rogava-lhe muito que os não enviasse para fora daquela província.
11 E andava ali pastando no monte uma grande manada de porcos.
12 E todos *aquêles* demônios lhe rogaram, dizendo: Manda-nos para aquêles porcos, para que entremos nêles.
13 E Jesus logo lho permitiu. E, saindo aquêles espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada se precipitou por um despenhadeiro no mar (eram quase dois mil), e afogaram-se no mar.
14 E os que apascentavam os porcos fugiram, e o anunciaram na cidade e nos campos; e saíram muitos a ver o que era aquilo que tinha acontecido.
15 E foram ter com Jesus, e viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido e em perfeito juízo, e temeram.
16 E os que *aquilo* tinham visto contaram-lhes o que acontecera ao endemoninhado; e acêrca dos porcos.
17 E começaram a rogar-lhe que saísse dos seus têrmos.
18 E, entrando êle no barco, rogava-lhe o que fora endemoninhado *que* o *deixasse* estar com êle.
19 Jesus, porém, não lho permitiu, mas disse-lhe: Vai para tua casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes *coisas* o Senhor te fêz, e *como* teve misericórdia de ti.
20 E êle foi, e começou a anunciar em Decápolis quão grandes *coisas* Jesus lhe fizera; e todos se maravilhavam.

Chegaram à outra banda (v. 1): Vede Mar. 4:35. Por que o Senhor mandou que passassem para o outro lado? Foi para descansar? Estava exausto depois de um dia de trabalho. Vide Mar. 4:38. Mas não foi por causa do cansaço, como se vê pelo fato de Êle regressar imediatamente, sem descansar, vs. 17,18. Houvera tempes-

tade porque Jesus não fazia a vontade do Pai? Também, não. Êle foi chamado, da outra margem do lago, para libertar o endemoninhado, e Satanás esforçou-se para evitar que a Sua obra se realizasse. Apesar de já tarde (Mar. 4:35), não demoraram até o dia seguinte. Foram socorrer duas almas abatidas por Satanás, e, uma vez libertadas, voltaram.

Lucas diz que o endemoninhado "não andava vestido." Mateus diz que os dois "tão ferozes eram que ninguém podia passar por aquêle caminho."

O necessitado não procurou a Jesus, mas Êle o procurou com compaixão. Todos os crentes, também, têm de dizer: "Eu não O procurei, mas Êle passou o *grande mar,* até aqui, para *me salvar.*" Os que seguem o grande Servo do Senhor, não esperam que os necessitados e perdidos venham para aceitarem a libertação, mas obedecem a Sua ordem: "Ide..."

Se Jesus entrasse hoje em nossa cidade, em que Êle mostraria interêsse? Por certo nos doentes, nos cansados, nos aleijados, nos cegos, nos mendigos, nos endemoninhados.

Jesus sempre transborda de virtude e energia.

Somos surdos para com a chamada de além mar, isto é, fora de nosso território, onde Satanás por muitos séculos escraviza e tem muitos milhões de almas prêsas?

Podemos achar tempo em nossa vida, mui ocupada na margem ocidental do mar, para atender à chamada do outro lado? Filipe, no meio de um grande avivamento e em tempo de muitas conversões, foi enviado para o deserto, Atos 8:26. A ordem de Cristo é a de pregar o Evangelho a tôdas as nações.

Havia grandes impedimentos; Satanás fêz tudo para destruir o grupo inteiro, antes de chegar à terra dos gadarenos, Mar. 4:37-39.

O mar da Galiléia fica duzentos metros abaixo do nível do mar. As tempestades descem de repente, do

céu limpo. Mas diz que o Senhor *repreendeu* a tempestade, portanto não devemos esquecer-nos de que era Satanás que queria impedir a obra do Senhor no território dos gadarenos. Convém ao crente reconhecer a presença de espíritos imundos impedindo a obra que o Senhor lhe deu para consumar e repreendê-los no Seu nome, vide Luc. 10:17.

Sepulcros (v. 2): Todos os escraviazdos por Satanás residem realmente no cemitério,, são mortos, Efe. 2:1. Preferem a convivência daqueles que os piedosos receiam.

Um homem (v. 2): Consta em Mateus que eram dois endemoninhados. Certamente Marcos e Lucas, ao mencionar sòmente um, referiam-se ao mais notável dos dois, ao mais dominado e infeliz dos dois.

Tão ferozes eram que ninguém podia passar por aquêle caminho (Mat. 8:28): O pecado é o inimigo da liberdade. Quantos não podem fazer aquilo que tanto desejam por causa do pecado do próximo! Por exemplo, o marido, por causa de vício, morre deixando sua mulher e seus filhos inocentes, na miséria.

Com espírito imundo (v. 2): O mal toma posse do pecador, dominando seus atos, seus pensamentos e sua vida. É tirano cruel, déspota absoluto, sôbre tôdas as aptidões do seu ser.

Ninguém o podia subjugar (v. 4): A lei, autoridades, cientistas, pregadores, pais, não podem subjugar o pecador. O endemoninhado gadareno é fiel retrato do homem possesso do demônio da embriaguez, ou da imundícia ou o da imoralidade.

O mundo está aprendendo que a fôrça é mais que a matéria. Um fio elétrico faz mais que cem homens. A fôrça espiritual pode ser boa ou má. A fôrça do Espírito de Deus em Sansão, que tinha corpo como qualquer homem, fêz mais que uma multidão de homens armados.

De dia e de noite, clamando... ferindo-se (v. 5): Os possessos ferem-se de noite com as pedras agudas

da imoralidade e bebedice, e gritam de manhã com a dor do remorso e da doença. Servem um chefe duro que lhes exige completem sua própria destruição.

Que tenho eu contigo, Jesus...? (v. 7): Os demônios reconhecem que Jesus tem autoridade para julgar os homens e os anjos. "Que tenho eu contigo, Jesus?": é o grito de muitos até hoje. Os que vivem no pecado odeiam a santidade de Deus. Não querem Cristo e temem ser atormentados por Êle. Para êles não há esperança no Filho de Deus Altíssimo.

Legião (v. 9): Uma legião entre os romanos consistia de seis mil soldados. A palavra lembra os exércitos daquele tempo, bem organizados e dominando o mundo inteiro. O endemoninhado gadareno era como uma cidade invadida e dominada por um exército de demônios organizados para cumprir tôda a ordem do seu chefe.

Para fora daquela província (v. 10): "E rogavam-lhe que os não mandassem para o abismo" (Luc. 8:31), o lugar onde estão prêsos os espíritos caídos. Vede Judas 6, II Ped. 2:4; Apoc. 9:1, 2, 11.

E êle lhes disse: Ide (Mat. 8:32): Não se doma, nem se domina e nem se reforma o mal. A única cura é expulsá-lo. E isto só pela Palavra do Filho de Deus.

Como é grande a aptidão para o mal ou para o bem o ser humano, quando num só homem pode habitar tantos demônios, a ponto de precipitar, de uma vez, dois mil porcos ao mar!

Os demônios fizeram dos porcos o que queriam fazer dos homens, precipitaram-nos na destruição. O mal sempre procura levar suas vítimas pelo caminho mais perto para a ruína.

A manada... se afogaram (v. 13): Cristo fêz bem em destruir a propriedade que não Lhe pertencia? Sim, tinha o direito porque era contra a lei criar porcos, êste animal era cerimonialmente imundo, Lev. 11:7. Compare Seu ato de purificar o templo, Mar. 11:15-17.

TRÊS PROVAS DO ENDEMONINHADO GADARENO TER FICADO LIVRE:

1) *Assentado* (v. 15): O pobre homem impelido pelo diabo, dia e noite, agora tem um lugar para descansar, sentado aos pés de Jesus. Vide Luc. 8:35. Uma prova de o homem ser salvo é seu desejo de ficar aos pés do Mestre e ouvir as Suas palavras. (Compare Luc. 10:39.)

2) *Vestido* (v. 15): Compare Luc. 15:22; Isa. 61:10. A pessoa salva não quer andar nua, nem seminua, como decreta a moda. Quando se converte um selvícola da África, das ilhas do Pacífico, ou de qualquer outro lugar, êle sempre quer vestir-se.

3) *Em perfeito juízo* (v. 15): Quando se converte uma pessoa, o mundo diz que perdeu o juízo. A verdade é que só assim pode alcançar perfeito juízo.

Outrora era louco fanático, agora é discípulo humilde.

Cristo já nos libertou de todo o poder de Satanás, mas estamos no gôzo dessa mesma liberdade? Rom. 6:14, 18; Gal. 5:1, 13.

Estavam possuídos de grande temor (Luc. 8:37): Mêdo do poder de Jesus! Não queriam mais tal poder; foi caro demais, perderam de uma vez dois mil porcos! Mas quando pediram que Jesus saísse, perderam o melhor Amigo.

Começaram a rogar-lhe que saísse dos seus têrmos (v. 17): Não ligaram importância ao homem libertado, mostraram interêsse sòmente nas coisas materiais. Tinham perdido dois mil porcos, e sempre há perseguição quando os pecadores perdem dinheiro por causa do Evangelho. (Compare Atos 16:19, 20; 19:23-27).

Os que não querem deixar o pecado não querem Cristo. Se queres ficar livre do pecado, aceita o Senhor Jesus. Se queres morrer no pecado, roga que Êle saia, e sairá.

Rogava-lhe... que o deixasse estar com êle (v. 18): É o desejo de tôdas as almas verdadeiramente salvas por Cristo. É o desejo do primeiro amor. Mas o Salvador quer que todos saiam para testificar: "Vai... e anuncia-lhes... (V.19). E quando Cristo voltou para êsse território, de Gadara, chegaram as multidões, dezenas de milhares, para ouvir a história do Seu amor e poder, e houve grande colheita. (Compare V. 20 com Mar. 7:31 a 8:9. Decápolis era a região de dez cidades, das quais uma era Gadara.) Nós, salvs por Jesus, estamos informando outros do Salvador que achamos? Obreiros, estais seguindo o exemplo do Mestre, animando os homens e mulheres salvos a testificarem de Jesus?

Começou a anunciar em Decápolis (v. 20): O homem verdadeiramente libertado do espírito maligno é animado por outro espírito. Como podia ser doutro modo? O Senhor fizera-lhe grandes coisas, levantando-o da maior miséria. Êle queria mostrar ao seu Salvador a gratidão de seu coração.

Cristo perguntou: "Qual é o teu nome?" A resposta foi: "Legião". V. 9. O Senhor levou o homem a confessar seu desespêro sob o domínio da "legião" de demônios. Isso fêz para que os discípulos o soubessem; o povo do lugar já o sabia. Com a ordem de Cristo, a "legião" saiu. Foram dispersos entre dois mil porcos! A libertação dêsse homem foi um exemplo através dos séculos da habilidade de Jesus Cristo em libertar a pessoa possessa mesmo do maior número de espíritos malignos. Êsse endemoninhado gadareno era como um inferno; era uma casa de demônios. Com a palavra de Jesus, "Ide", o templo do inferno tornou-se em templo de Deus. Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para todo o sempre. Se O deixarmos enunciar a palavra "Ide", por intermédio de nós, Êle pode limpar a pessoa, que enfrentamos, de tudo que é do inferno. E pode fazer tal pessoa tornar-se um missionário, como fêz com

o homem de Gadara, antes possesso de uma legião de demônios. Creiamos em que Cristo é o mesmo da antiguidade. Creiamos em que não há caso demasiado difícil para Êle. Enfrentemos o nome "Legião" com o nome "Jesus". Mas não sem primeiramente deixar Deus dar poder à palavra por meio do Espírito Santo.

II. A RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO E A CURA DA MULHER HEMORRÁGICA, 5:21-43.

A história da cura da mulher hemorrágica é como um parêntese no meio da narrativa da ressurreição da filha de Jairo. Os milagres de Cristo eram numerosos e muitas vêzes um se intercalava em outro.

5:21 E, passando Jesus outra vez num barco para a outra banda, ajuntou-se a êle uma grande multidão: e êle estava junto do mar.
22 E, eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome de Jairo, e, vendo-o, prostrou-se aos seus pés,
23 E rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda; *rogo-te* que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare, e viva.
24 E foi com êle, e seguia-o uma grande multidão, que o apertava.
25 E certa mulher, que havia doze anos tinha um fluxo de sangue,
26 E que havia padecido muito com muitos médicos, e dispendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior;
27 Ouvindo *falar* de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou no seu vestido.
28 Porque dizia: Se tão sòmente tocar nos seus vestidos, sararei.
29 E logo se lhe secou a fonte do seu sangue; e sentiu no *seu* corpo estar *já* curada daquele mal.
30 E logo Jesus, conhecendo que a virtude de si mesmo saíra, voltou-se para a multidão, e disse: Quem tocou nos meus vestidos?
31 E disseram-lhe os seus discípulos: Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem me tocou?
32 E êle olhava em redor, para ver a que isto fizera.
33 Então a mulher, que sabia o que lhe tinha acon-

tecido, temendo e tremendo, aproximou-se, e prostrou-se diante dêle, e disse-lhe tôda a verdade.

34 E êle lhe disse: Filha ,a tua fé te salvou; vai em paz, e sê curada dêste teu mal.

35 Estando êle ainda falando, chegaram *alguns* do principal da sinagoga, a quem disseram: A tua filha está morta; para que enfadas mais o Mestre?

36 E Jesus, tendo ouvido estas palavras, disse ao principal da sinagoga: Não temas, crê sòmente.

37 E não permitiu que alguém o seguisse, a não ser Pedro, e Tiago, e João, irmão de Tiago.

38 E, tendo chegado a casa do principal da sinagoga, viu o alvorôço, e os que choravam muito e pranteavam.

39 E, entrando, disse-lhes: Por que vos alvoroçais e chorais? a menina não está morta, mas dorme.

40 E riam-se dêle; porém êle, tendo-os feito sair, tomou consigo o pai e a mãe da menina, e os que com êle estavam, e entrou onde a menina estava deitada.

41 E, tomando a mão da menina, disse-lhe: Talita cumi—que, traduzido, é: Menina, a ti te digo, levanta-te.

42 E logo a menina se levantou, e andava, pois *já* tinha doze anos; e assombraram-se com grande espanto.

43 E mandou-lhes expressamente que ninguém o soubesse; e disse que lhe dessem de comer.

Um dos principais da sinagoga (v. 22): Jairo era um dos dirigentes dos cultos da sinagoga local dos judeus. Naturalmente um homem de tão elevada posição no mundo religioso teria muitos preconceitos de Jesus, especialmente quando as outras autoridades estavam contra. Jairo não sòmente foi a Jesus; humilhou-se, prostrando-se a Seus pés. Isso nos ensina que há muitos em alta posição que sentem profundamente a sua insuficiência e que anseiam conhecer a Cristo ìntimamente.

Rogava-lhe muito (v. 23): Sem dúvida, Jairo fazia oração com formalidade nos cultos, mas então orou verdadeiramente. Quando confiamos em organização, recebemos o que a organização tem para dar. Quando confiamos na instrução, alcançamos o que a educação oferece. Quando confiamos na eloqüência, alcançamos o que seja possível realizar por meio de eloqüência.

Aquêle que confia na religião, recebe o que o formalismo tem para dar. Aquêle, porém, que ora confiando no Senhor, alcança o que Deus pode fazer.

Minha filha está moribunda (v. 23): Era filha única!, Luc. 8:42. A morte não entra sòmente nas casas dos pobres, mas mesmo os ricos têm de beber o mesmo cálice de amargura.

"Papai, vou morrer?" perguntou uma menina de quatro anos a seu pai. Êle, profundamente comovido, respondeu, dizendo-lhe a verdade. Ela, de rosto mui pálido e triste, perguntou mais: "Ó papai, o túmulo é tão frio e escuro! Mas papai vai comigo?" O pai, ainda mais comovido, respondeu que não podia ir antes de o Senhor chamá-lo. — "Papai, a mamãe pode ir comigo?" Se pudesse abrigar-se nesse colo de amor e sentir êsses braços segurá-la, o túmulo não seria mais lugar de horror. Com dor insuportável no coração, o pai deu a mesma resposta dantes. A cordeirinha conhecia bem a Jesus, e, virando-se para a parede, orou e derramou o coração diante dÊle. Logo, com a plena fé de criança, e cheia de gôzo, dirigiu-se ao pai dizendo: "Ó papai, o túmulo não está mais escuro, Jesus irá comigo!"

E foi com êle (v. 24): Jairo foi a Jesus muito oprimido em espírito mas voltou conduzindo-O à sua casa, grandemente aliviado. Como Cristo foi com Jairo, também nos acompanhará aonde há doença, chôro ou ao leito de morte. É sempre muito mais fácil encarar as dificuldades quando Cristo está conosco. (Compare Êxo. 33:15).

Um fluxo de sangue (v. 25): O nosso mundo sofre, desde o dia que Caim matou a Abel, de "um fluxo de sangue," isto é, de guerra e homicídio, que os homens não podem curar.

Mulher que havia doze anos tinha um fluxo de sangue (v. 25): Vasava-lhe gradualmente a vida — a vida está no sangue. Achava-se fraca, imunda cerimonialmente (vide Lev. 15:19) e miserável. É símbolo do

pecado que nos torna fracos, imundos e miseráveis, separando-nos dos amigos.

Note-se a interrupção de Jesus para atender ao pedido de Jairo, como repetidas vêzes no Seu ministério foi interrompido. Mas em caso algum o Mestre não ficou perturbado ou se esqueceu da necessidade do aflito. Jesus podia ir logo para atender à filhinha de Jairo e socorrer a mulher depois, mas quis demorar. Quando Abraão oferecia Isaque em holocausto, o anjo não interveiu antes de Abraão levantar o cutelo. Quando Jacó lutava com o anjo, a bênção foi concedida só ao romper do dia. Jesus supriu o vinho novo em Caná só depois de ter falhado o outro. O Senhor não quer que Seus filhos sofram sem necessidade, mas quer aumentar-lhes a fé.

Como a demora em chegar à casa de Jairo cooperava para o bem! O chefe recebeu um testemunho maior; em vez de presenciar apenas a cura da doença de sua filha, viu-a ressuscitada da morte!

Nada lhe aproveitando isso (v. 26): Quantos, como esta mulher, experimentam todo remédio para a alma e o corpo, e só vão a Jesus porque não há outro meio a experimentar? E como é amoroso e cheio de graça nosso grande Médico, que jamais recusou alguém!

Lucas, era médico (Col. 4:14) e êle diz que a mulher "gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curada", Luc. 8:43. É mais razoável concluir que Lucas não continuou como médico depois da sua conversão.

E logo se lhe secou a fonte de Seu sangue (v. 29): Há três fases salientes da sua fé e sua cura: (1) Ela cria que seria curada; dizia: "Se eu tão sòmente tocar no seu vestido ficarei sã," Mat. 9:21. (2) Então ela "veio por detrás, ... tocou no seu vestido." A fé da doente se manifestou em ação. A fé é mais que crer, é o contacto vivo com o Salvador vivo. "Quem tocou nos meus vestidos?" — "A multidão te aperta". Há grande

diferença entre tocar na fímbria da roupa de Jesus COM o alvo de receber, e ficar na Sua presença SEM propósito. Alguns cantam com voz forte, oram com alvorôço, esforçam-se para fazer grandes proezas e não recebem de Jesus, enquanto outros, nos cultos e na vida diária, sentindo grande necessidade, chegam com alvo definido e recebem. (3) Ela estava certa de ter recebido depois de ter sòmente crido e chegado em pessoa a Jesus; "sentiu no seu corpo já estar curada", v. 29. Não sentiu e depois creu, mas creu antes de sentir.

Ao grande número de pessoas que apertava a Jesus, Êle não ligava importância. Mas quando no íntimo percebeu que alguém Lhe tocava de propósito, no mesmo instante saiu de Seu coração amoroso poder para curar a mulher que Lhe tocava. Apesar do universo que O guarda e das hostes que O cercam nos céus, podemos estender a mão entre todos e receber a bênção que anelamos.

A virtude (v. 30): Que foi esta "virtude" que curou a mulher, se não o Espírito Santo? Cristo, à destra de Deus, anela encher-nos da mesma virtude? Atos 2:33. Sem dúvida Paulo estava cheio dêste poder, quando do seu corpo levaram lenços e aventais para os necessitados e foram curados de doenças e libertados de espíritos malignos.

Então a mulher aproximou-se... (v. 33): Ela tinha de confessar abertamente o que tinha recebido. Cristo exige que nós testifiquemos das bênçãos que Êle nos concede. Assim ela tinha de deixar seu acanhamento e contar tudo perante os homens. Quanto perdemos por acanhamento e timidez!

Filha, a tua fé te salvou (v. 34): E quanto ganhou por testificar? Ganhou confôrto, paz, aquêle descanso divino, que é a herança daqueles que têm fé. Não só o corpo mas todo o ser ficou são, e a gozar uma união com Deus que não conhecia antes.

A tua filha está morta (v. 35): Tivera de encarar a doença, agora era a morte. Como a notícia de casa magoava-lhe o coração! Mesmo os que andam com Cristo têm de passar grandes provações, como no caso de Jairo.

Para que enfadas mais o Mestre (v. 35): Nestas palavras descobre-se o limite da sua fé. É fácil honrá-Lo, chamando-Lhe "Mestre", enquanto o coração não confia nÊle.

Pedro, Tiago e João (v. 37): Por que escolheu êstes três? Talvez por causa da sua fé e de estarem em mais íntima comunhão com Êle. Assim acompanhavam-no em espírito.

Quantas vêzes, em cultos de vigília (Luc. 9:28), cai a maior bênção dos céus sôbre os crentes que permanecem em oração, depois de sair a maior parte dos outros?

Riam-se dêle (v. 40): Zombavam das palavras de Cristo, pois o que viam com os olhos parecia contradizer o que Êle declarava. (Compare II Ped. 3:4).

Mesmo como os zombadores foram expulsos, assim os que descrêem estão excluídos automàticamente das bênçãos espirituais.

Talita cumi (v. 41): As palavras são aramaicas, da língua que se falava então na Palestina. Marcos registra as maravilhosas palavras, sem traduzi-las, justamente como enunciadas por Jesus.

E logo a menina se levantou (v. 42): Foram ressuscitados da morte, ao menos, três, no tempo do Velho Testamento: o Filho da viúva de Zarefate, I Reis 17:17-24; o filho da sunamita, II Reis 4:18-37 e o homem lançado na sepultura de Eliseu, II Reis 13:20,21. Igualmente foram três no ministério de Cristo: o filho da viúva de Naim, Luc. 7:11-17; a filha de Jairo, Mar. 5:35-43 e Lázaro, João 11:1-44. Jesus mandou que os doze ressuscitassem os mortos, Mat. 10:8. Contudo, foi

sòmente depois do dia de Pentecostes que alguém foi ressuscitado, Atos 9:36-42.

E disse que lhe dessem de comer (v. 43): Aprendemos que depois de o Senhor fazer Sua obra, Êle espera que façamos a nossa parte. Depois de ressuscitada a menina da morte, ordenou que a alimentassem. Depois da ressurreição de Lázaro, mandou que o soltassem. O anjo libertou Pedro do cárcere, mas havia de seguir sòzinho para casa.

Capítulo VI

A MORTE DE JOÃO BATISTA

Pergunta-se: Por que o Senhor permitiu que Satanás findasse com a vida de João Batista, no meio de sua santa carreira, que eletrizava o povo professo de Deus. A resposta é que Deus não deixou o diabo cortar a vida de João da terra antes de êle completar a sua parte no maravilhoso avivamento. Sua morte, à mão do carrasco, aconteceu no fim de uma vida madura. Os servos de Deus são imortais até o dia de completarem sua carreira na terra. A vida de João está comparada a uma vela acesa e sob tremenda pressão atmosférica, como em alguns trabalhos, dentro de caixas pneumáticas, abaixo da superfície das águas. Uma vela sob tais condições brilha com tal intensidade que é impossível apagá-la, soprando a plenos pulmões. Mas o desgaste é igualmente grande. A vida acesa de João ardia e brilhava com tal intensidade, sob a pressão do Espírito Santo, desde o nascimento, que se consumiu dentro de poucos anos.

I. JESUS É REJEITADO EM NAZARÉ, 6:1-6.

Foi uma viagem de um dia para Jesus e Seus discípulos, de Cafarnaum, situado à beira do mar da Galiléia, até Nazaré, nos montes da mesma província.

6:1 E partindo dali, chegou à sua pátria, e os seus discípulos o seguiram.

2 E, chegando o sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se admiravam, dizendo: "Donde lhe vêm estas *coisas?* e que sabedoria *é* esta que

lhe foi dada? e como se fazem tais maravilhas por suas mãos?

3 Não é êste o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas e de Simão? e não estão aqui conosco suas irmãs? E escandalizavam-se nêle.

4 E Jesus lhes dizia: Não há profeta sem honra senão na sua pátria, entre os seus parentes, e na sua casa.

5 E não podia fazer ali obras maravilhosas; sòmente curou alguns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos.

6 E estava admirado da incredulidade dêles. E percorreu as aldeias vizinhas, ensinando.

Partindo dali, chegou a sua pátria (v. 1): Jesus chegou, não ao lugar onde nascera, mas onde se criara, a Nazaré, onde moravam Seus parentes. Seus patrícios haviam-nO rejeitado uma vez, mas o Senhor, na Sua misericórdia, não recusa os que O rejeitam uma vez. Lá voltou Jesus, apesar do grande perigo. Vide Luc. 4:29. Depois de operar grande número de milagres em outros lugares, queria dar ao povo de Nazaré mais uma oportunidade.

E os seus discípulos o acompanharam (v. 1): Os discípulos de Jesus mostravam-se prontos para encarar o mesmo perigo em Nazaré. Tinham abandonado tudo para acompanhá-Lo onde quer que Êle fôsse.

Chegando o sábado, começou a ensinar na sinagoga (v. 2): Parece que o povo de Nazaré não afluiu para ouvir a pregação de Cristo, como as multidões nos demais lugares. Não havia oportunidade de pregar antes de o povo reunir-se no sábado, como de costume. Naturalmente, tanto Êle como os ouvintes, lembravam-se de Seu costume, quando jovem, de ocupar um lugar na mesma sinagoga. Em vez de explosão de ira da parte dos ouvintes, como quando pregara lá a última vez (Luc. 4:28,29), havia oposição mais calma, mas talvez não menos amarga. Houve uma confusão de vozes perguntando: "Não é êste o carpinteiro?" "Não é o Filho de Maria?" Etc.

Não é êste o carpinteiro (v. 3): Quantas pessoas, depois, pegaram nas suas ferramentas, renovadas em espírito e em corpo, com a lembrança do Senhor, trabalhando dia após dia em Nazaré. Seu exemplo ensina-nos a aborrecer a vida ociosa. Entre os judeus havia o bom costume de os pais ensinarem seus filhos a trabalharem com as mãos, mesmo antes de entrarem em qualquer profissão intelectual. Não há maior êrro que os pais podem praticar, do que criar seus filhos para passarem o tempo na indolência.

E escandalizavam-se dêle (v. 3): Jesus criara-se entre êles. Conheciam-nO ìntimamente durante tôda a vida. Não acreditavam que fôsse Profeta. Havia sòmente uma outra fonte da sabedoria e poder milagrosos que operavam nÊle. Essa fonte era o maligno. Achavam mais conveniente crer, no seu interêsse, que Êle estava aliado com Satanás, do que confessar que era o Mensageiro de Deus.

Não há profeta sem honra senão na sua pátria... (v. 4): Jamais houve na terra, lugar tão privilegiado como Nazaré. Durante trinta anos o Filho de Deus residia lá. E quando, no meio de Seu ministério público, voltou a Nazaré, "muitos, ouvindo-o, se admiravam." "Nunca homem algum falou assim como êste homem." Contudo se escandalizavam dÊle.

É nossa tentação desprezar as bênçãos que nos rodeiam. Quantos, dos que têm Bíblias e bons livros em abundância, ouvem sermões tôdas as semanas, estão matriculados em uma classe de Escola Dominical, e têm todos os privilégios de um país cujo govêrno dá liberdade de adorar a Deus, como as Escrituras ensinam, sabem dar valor a tais coisas? Verdadeiramente "a familiaridade cria desprêzo."

Não podia fazer ali obras maravilhosas... (v. 5): Estamos desanimados quando os enfermos ficam sem cura? Lembremo-nos de que o próprio Cristo não podia

curar em Nazaré, por causa da incredulidade do povo. Vide v. 6. Compare Luc. 5:17. Os crentes juntos, contudo, podem, até certo ponto, criar ambiente de fé próprio para realizar curas.

Há muitas coisas que o Senhor quer fazer para nós, mas não o pode, pois não O deixamos fazer.

Curou alguns poucos enfermos (v. 5): Jesus, apesar de rejeitado em Nazaré, mostrou-se benigno para com o povo. Deixou-nos o glorioso exemplo de esforçar-nos para fazer o bem, com alegria, aos que não nos querem bem e nem se mostram gratos.

Estava admirado da incredulidade (v. 6): Consta duas vêzes nas Escrituras que Jesus se maravilhou: (1) Admirou-se da fé do centurião de Cafarnaum, um *gentio,* Luc. 7:9. (2) Maravilhou-se da incredulidade de Seus patrícios me Nazaré. Estava admirado ao ver a extraordinária fé em um gentio. Mas estava igualmente admirado da cegueira do povo da Sua própria cidade. A incredulidade é, conforme a palavra mesmo de Cristo, o maior grau de pecado, João 16:9. De tôdas as Suas experiências de encontrar-se com a incredulidade, a do povo de Nazaré penalizou-O mais. Conheciam a pureza da sua mocidade e naturalmente Êle esperava ao menos uma expressão de gratidão.

Percorreu as aldeias vizinhas, ensinando (v. 6): Se não podemos fazer o bem onde queremos, convém-nos fazê-lo onde podemos. Quantas vêzes encontram-se portas abertas nas aldeias do interior do país, quando as portas nas grandes cidades nos ficam fechadas!

II. A PRIMEIRA COMISSÃO DOS APÓSTOLOS, 6:7-13.

Observe-se como os apóstolos, também, ungiam os enfermos com óleo, V. 13. Compare Tiago 5:14.

Acêrca da Primeira Comissão, vide os comentários sôbre Mat. 10:5-15, em Mateus: o Evangelho do Rei.

III. A MORTE DE JOÃO BATISTA, 6:14-29.

Esta história é uma página do livro dos mártires que Deus guarda no Seu amor. O conflito entre as densas trevas e a gloriosa luz, entre a pureza dos céus e a imundície do inferno, nunca foi mais destacado do que no caso de Herodes Antipas e João Batista. Tal encontro não pode ser menos que grande crise na vida dos dois. Para Herodes havia desprêzo eterno; para João, "Preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos," Salmo 116:15.

6:14 E ouviu *isto* o rei Herodes (porque o nome de Jesus se tornara notório), e disse: João, o que batizava, ressuscitou dos mortos, e por isso estas maravilhas operam nêle.

15 Outros diziam: É Elias. E diziam outros: É um profeta, ou como um dos profetas.

16 Herodes, porém, ouvindo *isto,* disse: Êste é João, que mandei degolar; ressuscitou dos mortos.

17 Porquanto o mesmo Herodes mandara prender a João, e encerrá-lo maniatado no cárcere, por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão, porquanto tinha casado com ela.

18 Pois João dizia a Herodes: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.

19 E Herodes o espiava, e queria matá-lo, mas não podia;

20 Porque Herodes temia a João, sabendo que *era* varão justo e santo; e guardava-o com segurança, e fazia muitas *coisas,* atendendo-o, e de boamente o ouvia.

21 E, chegando uma ocasião favorável em que Herodes, no dia dos seus anos, dava *uma* ceia aos grandes e tribunos, e príncipes da Galiléia,

22 Entrou a filha da mesma Herodias, e dansou, e agradou a Herodes e aos que estavam com êle à mesa; disse então o rei à menina: Pede-me o que quiseres, e eu *to* darei.

23 E jurou-lhe, dizendo: Tudo o que me pedires te darei, até metade do meu reino.

24 E, saindo ela, perguntou a sua mãe: Que pedirei? E ela disse: A cabeça de João Batista.

25 E, entrando logo apressadamente, pediu ao rei, dizendo: Quero que imediatamente me dês num prato a cabeça de João Batista.

26 E o rei entristeceu-se muito; *todavia,* por causa do juramento e dos que estavam com êle à mesa, não lha quis negar.

27 E, enviando logo o rei o executor, mandou que lhe trouxessem ali a cabeça *de João*. E êle foi, e degolou-o na prisão;

28 E trouxe a cabeça num prato, e deu-a à menina, e a menina a deu a sua mãe.

29 E os seus discípulos, tendo ouvido *isto,* foram, tomaram o seu corpo, e o puseram num sepulcro.

O rei Herodes (v. 14): O vocábulo "herodes" quer dizer heróico. Não é, porém, nome próprio para essa família, dada mais à astúcia e à velhacaria do que a heroísmo. Quase tôda a história da orgulhosa família é de brigas, de suspeitas, de intrigas e de horrível dissolução. Quase todos os reis da casa de Herodes partiram dêste mundo não desejados, sem alguém sentir falta dêles e nem alguém chorá-los. Na funesta e minguante luz da soberania dos herodianos, Cristo viveu e morreu e sob seu domínio foram lançados os alicerces da Igreja de Cristo.

Herodes o Grande, que degolou os Inocentes (Mat. 2), reinou sôbre a Judéia do ano 39 ao ano 4 A. C.

Herodes Antipas, filho de Herodes o Grande, e que mandou degolar a João Batista, era tetrarca da Galiléia, de 4 A. C. a 39 A. D.

Herodes Agripa I, neto de Herodes o Grande e que matou Tiago, irmão de João, à espada (Atos 12), era rei de 37 a 44 A. D.

Herodes Agripa II, que assistiu, do lado dos romanos, à tomada de Jerusalém por Tito, no ano de 70 A. D., era rei da Judéia, de 52 a 68 A. D.

E ouviu isto o rei Herodes (v. 14): Cristo passara mais de dois anos no Seu vibrante e glorioso ministério de pregar e curar. Herodes, porém, ouviu falar nisso sòmente neste tempo, quando" o nome de Jesus se tor-

nara notório." E o mesmo acontece assim até hoje; os humildes ouvem falar de Cristo antes dos grandes dentro de palácios, cujas grossas paredes, com as multidões em redor, não deixam Sua voz penetrar. (Vide I Cor. 1:26; 2:8).

E disse: João, o que batizava, ressuscitou dos mortos (v. 14): João, enquanto vivia, "não fêz sinal algum," João 10:41. Mas Herodes concluiu que João, ressuscitado da morte, tinha mais poder do que antes de morrer. O temor do rei nos serve como exemplo, elucidando Prov. 28:1: "Fogem os ímpios, sem que ninguém os persiga."

Herodes mandara cortar a cabeça de João. Os discípulos "tomaram o seu corpo e o puseram num sepulcro." Mas mesmo assim, Herodes não ficou livre de João. O tirano não se enganava em pensar que tinha ainda de se encontrar com João. A sua própria consciência o denunciou; êle mesmo disse: "A João mandei eu degolar", Luc. 9:9. Temia a João enquanto êsse vivia; temia-o, porém, muito mais estando morto. Os que lutam contra Deus se acham frustrados, mesmo quando chegam a pensar que são campeões. Os que se regozijavam quando foram mortas as duas testemunhas, foram tomados de grande terror ao verem-nas ressuscitadas e subindo aos céus, Apoc. 11:10,11. Os maus não precisam que alguém os denuncie. A sua própria consciência faz isso. Que ninguém se engane, Deus deixou em todos os homens, mesmo nos mais vis, o Seu testemunho. É, a consciência, sem o Espírito Santo, um guia cego. Não salva a ninguém. Ainda que esteja cauterizada (I Tim. 4:2) e pisada com os pés, existe em tôdas as pessoas uma consciência que as acusa ou as defende. Tanto a experiência, como as Escrituras, provam isso, Rom. 2:15. Diz-se que o sangue de Abel clamava desde a terra, depois de Caim o matar. Certo homem tinha de confessar que matara seu irmão, empurrando-o dum navio abaixo. Desde en-

tão, não podia olhar para as águas do mar sem ver os olhos de seu irmão, fitos nêle. Nero, depois de matar a própria mãe, foi atormentado pela aparição do rosto dela. Compare a angústia da consciência dos irmãos de José, no Egito, Gên. 42:21,22.

Outros diziam... (v. 15): Os próprios patrícios de Jesus escandalizavam-se dÊle (v. 3), porque conheciam a sua humilde parentela. Mas outros, livres dêsses preconceitos, tinham os corações abertos para crer qualquer coisa, menos a verdade. Creram que era Elias, um dos profetas, etc. Aquêles que de propósito descrêem na verdade, são, geralmente, os mais crédulos acêrca de enganos e superstições.

Herodes mandara prender a João, e encerrá-lo manietado no cárcere (v. 17): O historiador judaico, Josefo, diz que Herodes guardou João, prêso na fortaleza de Maqueros, no litoral do mar Morto.

João dizia a Herodes: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão (v. 18): A repreensão de João Batista foi como holofote divino que iluminou o íntimo da negra vida de Herodes. Vivendo com Herodias, era culpado de incesto (Lev. 20:21), de adultério e de grande injustiça em tomar para si a espôsa de seu irmão Felipe. Note-se como João falou fiel e enfàticamente. Não disse apenas que o ato de Herodes era vergonhoso. Nem sòmente que era mau exemplo. Mas disse, sem rodeios, que era ilícito, que era contra a lei. O que não é lícito a um súdito fazer, não convém a um príncipe ou a um grande fazer. Mas quem é idôneo para repreender a um príncipe?

Herodias... queria matá-lo (v. 19): Dizer a verdade produz ódio, como todo o fiel pregador pode testificar. (Vide Prov. 9:8; 15:10.) Parece-nos que João errou em reprovar a Herodes, e ficar implicado em tão grave situação? Não nos enganemos, não é parte de verdadeira sabedoria calar-nos quando seja a nossa obrigação, como porta-vozes de Deus, clamar contra o

pecado. (Vide Ezeq. 3:18; Atos 20:26,27.) É melhor que os pecadores persigam os pregadores agora, por causa de sua fidelidade, do que amaldiçoá-los, por causa de indifelidade, durante tôda a eternidade.

Herodes temia... (v. 20): Note-se como o rei Herodes, desumano como era, sofria de temores. Os grandes que desejam ser um pavor para seus súditos, são, muitas vêzes, um pavor para si mesmos.

A história de Herodes ilustra como pode a má consciência fazer uma pessoa tornar-se covarde. Notem-se quantas coisas êsse governante temia:

1) Temia ofender a sua espôsa, V. 17.
2) Temia o povo, Mat. 14:5.
3) Temia a João, V. 20.
4) Temia quebrar seu juramento, V. 26.
5) Temia que João tivesse ressuscitado da morte, V. 14.

Como são verdadeiras as palavras de Salomão: "Fogem os ímpios, sem que ninguém os persiga; mas qualquer justo está confiado como o filho de leão." Prov. 28:1. O temor a Deus nos liberta do temor aos homens.

Herodes temia a João, sabendo que era varão justo e santo (v. 20): Vê-se nisto como é possível aproximar-se da graça e da glória de Deus e ainda não alcançar nem uma e nem outra, e perecer eternamente. Herodes "temia a João". Sabia que era "varão justo e santo." Atendeu-o e mesmo "de boamente o ouvia." Mas uma coisa Herodes não queria fazer; não se submetia a Deus em abandonar o pecado de adultério. A deixar Herodias, preferia perder a sua alma para todo o sempre. É possível o pecador sentir grande convicção de pecado sem se arrepender.

Guardava-o com segurança (v. 20): Guardava-o seguramente, das mãos de Herodias, que procurava matá-lo, V. 19. Calcula-se que João Batista estêve um ano e meio no cárcere, prisioneiro incomunicável. Isso

foi quase tanto tempo quanto passara no seu ministério público.

Chegando uma ocasião favorável (v. 21): "Uma ocasião favorável" a Herodias. Ela esperava tal oportunidade para matar a João.

Entrou a filha da mesma Herodias (v. 22): O historiador Josefo nos informe que o nome dessa filha de Herodias era "Salomé".

E dançou (v. 22): Uma dança licenciosa, perante pessoas embriagadas, à maneira dos romanos. Compare o caso da virtuosa Vastí, Ester 1:10-12.

E agradou a Herodes (v. 22): Se a dança nos atrai, como atraiu a Herodes, convem-nos lembrar o que resultou dessa dança. O grande pregador, Spurgeon, dizia que quando via um baile, sentia dor no pescoço, porque lembrava do famoso pregador que perdera a cabeça numa dança.

Tudo o que me pedires te darei, até metade do meu reino (v. 23): Vê-se, nesse caso de Herodes, como o pecado primeiramente nos atrai; em seguida, nos inflama; e, por fim, nos escraviza. Herodes, na maior insensatez, declarou-se pronto a conceder a metade do seu reino, só por ver uma dança imoral! Porém quantos estão prontos a trocar a própria alma, e mais a saúde, a prosperidade, a paz, sim, todo o reino do céu, pelo preço insignificante de um copo de vinho, pela gratificação de seu orgulho, pela aquisição de um pouco de dinheiro. A raça de Esaú ainda é numerosa; continua-se a vender a primogenitura por um guisado.

Entrando logo apressadamente, pediu ao rei, dizendo: Quero que imediatamente... (v. 25): Estas palavras descobrem a profundeza do ódio do maligno contra João Batista.

Quero... num prato a cabeça de João Batista (v. 25): Ela podia escolher até a metade do reino do rei! V. 23. Podia pedir palácios, jóias, vestidos vistosos

e opulentos, tudo que o coração desejasse. Mas antes, queria a cabeça de um homem justo e irrepreensível!

O rei entristeceu-se muito (v. 26): Então, por que não recusou terminantemente cumprir sua promessa precipitada? "Por causa do juramento... não lha quis negar." Mas não há juramento que seja válido quando tem de pecar para cumpri-lo. (Compare Mat. 21:29.)

Enviando logo o rei o executor (v. 27): Não convinha que concedesse a João Batista qualquer julgamento ou oportunidade de defender-se, nem qualquer formalidade de lei ou justiça para solenizar sua morte. João Batista, felizmente, estava morto para o mundo e a sua morte, apesar de repentina, não lhe era grande surpresa.

A vida de João foi-lhe tirada, não no lugar designado para a execução dos sentenciados à morte, mas secretamente, na própria cela onde êsse filho de Deus jazia. E isso para evitar que a cidade se amotinasse. Quanto sangue inocente já foi assim derramado através dos séculos!

Assim se calou aquela voz que clamava no deserto, apagou-se a candeia que ardia e alumiava. Assim caiu aquêle profeta, o Elias do Novo Testamento, como sacrifício de uma mulher arrogante e adúltera, a Jezabel do Novo Testamento.

João Batista, contudo, mesmo depois de morto, ainda fala. Um mundo onde Herodes permanece sentado no salão festivo e o corpo de João Batista, sem cabeça, jaz na masmorra, precisa de alguém para endireitá-lo. Quando a necessidade chega ao maior grau, então o remédio está mais perto. A verdade vence por meio daquilo que parece o fracasso de João Batista.

Note-se: João Batista, o último dos profetas, morreu como martir da lei de Moisés, não por causa de seu testemunho do Messias que chegara.

Num prato (v. 28): A cabeça de João Batista foi levada num prato ao banquete como fôsse a principal

gulodice da sobremesa — um prato com sangue . Naquela época era costume o vencedor fitar sua vítima com cruel satisfação. Conta-se que Marcos Antônio mandava que as cabeças de seus inimigos lhe fôssem trazidas à mesa e que se divertia fitando-as enquanto jantava.

São Jerônimo relata que Herodias, depois de receber a ensanguentada cabeça de João numa bandeja, divertiu-se furando-lhe a língua com alfinete. * Por certo mentes sanguinárias gostam de cenas sanguinárias!

Herodias pode furar a língua morta, mas essa língua fala mais do que antes da morte de João. Herodes celebrou seu aniversário com vinho e sangue, mas foi um aniversário muito mais importante para sua vítima. No meio da festa, abre-se repentinamente a porta da cela de João. Na luz que entra pela porta aberta percebe-se uma espada. Sem demora, pois Herodias exige pressa (vide v. 25), a cabeça de João cai ao chão e o grande arauto do Rei está liberto para ir espiritualmente adiante dÊle entre as massas não evangelizadas.

Os seus discípulos... tomaram o seu corpo, e o puseram num sepulcro (v. 29): Os discípulos de João jejuavam repetidamente quando seu *noivo* lhes foi tirado. Oravam fervorosamente, também, pedindo que Deus o libertasse, como a igreja orou pedindo a libertação de Pedro, Atos 12:5. Mas repentinamente se desvanecem tôdas as suas esperanças. Os discípulos choram e pranteiam, enquanto o mundo se regozija.

Note-se como os dois primeiros mártires do Novo Testamento foram honrados por meio de entêrro: João Batista por seus discípulos e Estêvão por "uns varões piedosos."

---

* Na história universal, consta que Fluvia, mulher de Marcos Antônio, fêz da mesma forma. Cícero atacou-a com violência nas suas *Filípicas*. No momento das proscrições, quando trouxeram a seu marido a cabeça de Cícero, dizem que ela lhe furou a língua com um alfinete.

Josefo, na sua história dos judeus, faz menção da morte de João Batista, acrescentando que a destruição do exército de Herodes, na guerra com o rei Aretas — cuja filha era a espôsa de Herodes, a quem largou para tomar Herodias — foi considerada, pelos judeus, como justo julgamento de Deus, por seu crime de degolar João Batista. Por fim, impelido por Herodias, Herodes foi a Roma para solicitar o título de rei. O resultado foi que o imperador desterrou os dois para Lião, na Gália (França). Diz-se acêrca de Salomé,a filha de Herodias, que, depois de casar-se com o tio, Felipe, morreu das conseqüências de uma queda no gêlo. Sua morte foi considerada como retribuição da parte dela na morte de João Batista.

Uma das lições mais salientes da história da morte dêste grande, humilde e fiel precursor do Messias é a pequena remuneração que alguns dos mais incansáveis servos de Deus podem esperar receber aqui nesta terra. Como Estêvão, Tiago e outros "dos quais o mundo não era digno," João Batista foi chamado a selar seu testemunho com seu próprio sangue. Tais histórias servem para lembrar-nos de que o descanso, a coroa, o galardão, estão todos depois desta vida. Aqui devemos semear, trabalhar, militar e suportar perseguição. Mas "as aflições dêste tempo presente não são para comparar à glória que em nós há de ser revelada," Rom. 8:18.

Meses depois da morte de João Batista, Jesus estava diante de Herodes, "que também naqueles dias estava em Jerusalém." "E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito; porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dêle muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal, e interrogava-o com muitas palavras, mas êle nada lhe respondia," Luc. 23:8,9. O silêncio de Jesus foi uma mensagem profundamente eloqüente. Foi como se Jesus dissesse: "A pregação de João te comoveu grandemente, até o coração anelar a

presença de Deus. Mas deixaste a lascívia e a leviandade abafarem êsse anelo. Se não ouviste a João, não me ouvirás." O clamor de João ainda soava aos ouvidos de Herodes: "Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão." Antes de Herodes obedecer a essa mensagem, Jesus não tinha qualquer coisa para lhe dizer. Nossa lição: "Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá," Sal. 66:18.

IV. A PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES, 6:30-44.

Os discípulos ajuntaram-se a Jesus, e contaram-lhe tudo (v. 30): Depois de os discípulos de João enterrarem o corpo sem cabeça, de seu mestre (v. 29), foram contar tudo a Jesus. Sem dúvida o alvo dos discípulos foi mais para receber confôrto dÊle do que avisá-Lo de Seu perigo. O Pai de todo o confôrto deixa, às vêzes, na Sua grande graça, Seus filhos tristes para impeli-los a Cristo.

Acêrca da primeira multiplicação dos pães, lede os comentários sôbre João 6:1-13, em João: o Evangelho do Filho de Deus.

V. JESUS ANDA POR SÔBRE AS ONDAS, 6:45-52.

Lede os comentários sôbre Mat. 14:22-33, em Mateus: o Evangelho do Rei.

VI. JESUS EM GENESARÉ, 6:53-56.

Lede os comentários sôbre Mat. 14:34-36, em Mateus: o Evangelho do Rei.

Capítulo VII

O SERVO E A TRADIÇÃO DOS ANCIÃOS

Havia ainda grandes multidões de "ovelhas da casa de Israel" famintas, tristes e doentes. O Servo do Senhor continuava a servir-lhes incansàvelmente, alimentando não sòmente as suas almas mas os seus corpos — de uma vez quase cinco mil homens. Cap. 6. "E onde quer que entrava, ou em cidade, ou aldeias, ou no campo, apresentavam os enfermos... e todos... saravam." Cap. 6:56. Mas no meio dessa obra grandiosíssima, e sem paralelo, aparecem Seus críticos, resultando no Seu famoso sermão sôbre o que realmente contamina o homem.

I. DISCURSO SÔBRE RELIGIÃO DE CORAÇÃO, 7:1-23.

7:1 E ajuntaram-se a êle os fariseus, e alguns dos escribas que tinham vindo de Jerusalém.

2 E, vendo que alguns dos seus discípulos comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar, os repreendiam.

3 Porque os fariseus, e todos os judeus, conservando a tradição dos antigos, não comem sem lavar as mãos muitas vêzes;

4 E, *quando voltam* do mercado, se não se lavarem, não comem. E muitas outras *coisas* há que receberam para observar, *como* lavar os copos, e os jarros, e os vasos de metal e as camas.

5 Depois perguntaram-lhe os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos conforme a tradição dos antigos, mas comem o pão com as mãos por lavar?

6 E êle, respondendo, disse-lhes: Bem profetizou Isaías acêrca de vós, hipócritas ,como está escrito: Êste povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim;

7 Em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens.

8 Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens; *como* o lavar dos jarros e dos copos; e fazeis muitas outras *coisas* semelhantes a estas.

9 E dizia-lhes: Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição.

10 Porque Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe; e quem maldisser, ou o pai ou a mãe, morrerá de morte.

11 Porém vós dizeis: Se um homem disser ao pai ou à mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta ao Senhor;

12 Nada mais lhe deixais fazer por seu pai ou por sua mãe,

13 Invalindando, assim a palavra de Deus pela vossa tradição, que vós ordenastes. E muitas *coisas* fazeis semelhantes a estas.

14 E, chamando outra vez a multidão, disse-lhes: Ouvi-me vós todos, e compreendei.

15 Nada há, fora do homem, que, entrando nêle, o possa contaminar; mas o que sai dêle isto é que contamina o homem.

16 Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.

17 Depois, quando deixou a multidão, e entrou em casa, os seus discípulos o interrogavam acêrca desta parábola.

18 E êle disse-lhes: Assim também vós estais sem entendimento? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar,

19 Porque não entra no seu coração, mas no ventre, e é lançado fora, ficando puras tôdas as comidas?

20 E dizia: O que sai do homem isso contamina o homem.

21 Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios,

22 Os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura.

23 Todos êstes males procedem de dentro e contaminam o homem.

Os fariseus e alguns dos escribas (v. 1): Os escribas e os fariseus eram os grandes da igreja judaica, mas inimigos de Jesus. Êstes, que chegaram nesta ocasião, eram, sem dúvida, homens escolhidos para acabar com o ministério de Jesus. Eram homens instruídos e de talento. Vieram de Jerusalém, a Santa Cidade, aonde afluíam as doze Tribos de Israel. Note-se como se esforçavam, andando de Jerusalém, na Judéia, a Cafarnaum na Galiléia, viagem árdua de dois dias. Quantas vêzes o ódio e a oposição se mostram mais espertos do que o amor e a colaboração! E a mais amarga oposição é aquela que se alimenta de ódio religioso.

Seus discípulos comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar (v. 2): Não quer dizer que os discípulos comiam sem observar as regras de higiene, mas sem cumprir a cerimônia, exigida pelos rabis, de lavar as mãos.

Como lavar os copos, e os jarros, e os vasos de metal e as camas (v. 4): Seu zêlo era tal, que lavaram, mergulhando conforme o sentido do original, até os móveis.

Por que não andam os teus discípulos conforme a tradição... (v. 5): Certamente a acusação mais grave que podiam formular, contra os discípulos, foi essa de comer sem lavar as mãos cerimonialmente. Não podiam acusá-los de avareza, nem de imoralidade, nem de calúnia, nem de mentira — sòmente de desprezar a tradição dos anciãos.

Êste povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim (v. 6): Qual a nossa idéia de avivamento? É quando multidões começam afluir aos cultos? Ou é quando os que assistem tornam-se mais humildes, mais bondosos, mais mansos e retos na vida diária? Nem convém ficarmos contentes ao levar nosso corpo para os cultos se o coração ficar em casa. Nem devemos ficar satisfeitos em louvar a Deus em alta voz, se o coração estiver longe do culto. Há um romance tão estranho que admiramos o autor conseguir ima-

ginar tal coisa. Os corpos dos que morreram voltam das águas do mar ao navio. Homens mortos trabalham com os cabos. Homens mortos erguem as velas. Homens mortos dirigem o navio. Mas não é essa peça de ficção igual ao que se vê, na realidade, em algumas igrejas? Um homem morto prega no púlpito. Homens mortos cantam. Homens mortos levantam a oferta. Homens mortos ocupam os bancos. São como a igreja em Sardo, Apoc. 3:1-6.

Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens (v. 8): *A tradição dos anciãos,* como os fariseus a intitulavam, era uma compilação de leis, colecionadas pelos mestres judaicos, através dos séculos. No seu zêlo para conservar sua religião pura, os fariseus formularam numerosas regras para condições locais. Essas regras aumentaram até formar grande código que, pouco a pouco, suplantava as próprias Escrituras.

Três vêzes o Senhor denunciou êsse pecado entre os fariseus de se governar pelas tradições, e não pelas Escrituras. (Vide vs. 8, 9 e 13.) O primeiro passo dessa seita foi o de suplementar as Escrituras, acrescentando suas tradições. O segundo passo foi o de dar igual valor às tradições ao lado das Escrituras. O terceiro foi o de honrar as tradições antes das Escrituras. No tempo de Cristo, o povo considerava a obediência às tradições a verdadeira religião. Não se ligava importância mais à obediência às Escrituras.

Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição (v. 9): Notemos que os ensinos de Cristo e os apóstolos eram a princípio tradição oral. Porém os apóstolos estavam presentes para salvaguardá-los. E porque reconheciam o perigo de seus ensinos serem alterados, foram, pelo Espírito Santo, levados a escrevê-los.

Mas por tradição, queremos dizer os ensinos de Cristo e os apóstolos que não foram conservados em

manuscritos. Todos êstes ensinos, que passavam de boca em boca por muitos tempos, até serem escritos, naturalmente sofreram grande mudança.

A única tradição baseada sôbre as Palavras de Jesus, que chegou a circular no tempo dos apóstolos, sabemos que era êrro, João 21:22,23.

As tradições dos anciãos (v. 3) consistiam do Talmud e do Targum, ou seja, um comentário do Velho Testamento. Os judeus não ousavam ler as Escrituras sem êstes dois ao lado. Igualmente, hoje em alguns círculos, consideram-se as tradições dos padres como inspiradas.

De forma alguma, porém, podemos aceitar qualquer tradição como a Palavra de Deus, seja a igreja que a proclame ou grupo de homens, contradizendo a Palavra escrita. (Vide Gal. 1:8; Deut. 4:2; Apoc. 22:18,19; Isa. 8:20; Heb. 4:12,13; Col. 2:8).

Moisés disse:... (v. 10): Observe-se o contraste: "Moisés disse...", "Vós dizeis...", V. 11.

Do coração dos homens saem os maus pensamentos... (vs. 21-23): Se saem abelhas constantemente de caixa, de parede, ou de outro lugar, sabemos que há colmeia dentro. Se saem de nossa vida maus pensamentos ou alguns dêsses outros pecados mencionados, é porque há ninho de tais coisas em nosso coração. Em livro popular, de certo missionário à África, há fotografia de um rapaz erguendo os cotos dos braços. Suas mãos foram cortadas por ordem do chefe da tribo, porque era ladrão. Em baixo do retrato o missionário escrevera: "Não são as mãos que furtam, mas o coração." É pela fé que Deus purifica o coração, a fonte de tôda a impureza, Atos 15:9. É o único e o verdadeiro remédio.

"Mais legislação! Mais legislação! Mais legislação! clamam as massas. As leis de um país determinam quase tudo. "Mais instrução! Mais instrução! Mais instrução!" insiste o povo. Quem pode calcular o valor da

campanha contra o analfabetismo e os esforços para educar a mocidade. Mas antes de clamar: "Mais legislação!" e "Mais instrução!" convém bradar: "Dá-nos regeneração! Regeneração! Regeneração!" Sem a regeneração do coração, muito pouco, ou nada, valem a legislação e a educação!

A súmula das últimas palavras dêste sermão de Cristo é que nossos cultos devem proceder sempre do coração. Qual a primeira coisa de que carecemos para sermos crentes? Um novo *coração*. Qual é o sacrifício que é próprio oferecer a Deus? "Um *coração* quebrantado e contrito." Qual é a verdadeira circuncisão? A circunsição do *coração*. O que deve fazer a igreja morna? "Rasgai o vosso *coração,* e não os vossos vestidos." Qual é a verdadeira obediência? A de obedecer de todo o *coração*. Qual é a fé que nos salva? Crer de todo o *coração*. Onde deve Cristo habitar? Em nosso *coração,* pela fé. Qual é a coisa principal que a Sabedoria nos pede? "Dá-me, filho meu, o teu coração."

II. A MULHER SIRO-FENÍCIA, 7:24-30.

Ninguém que vai a Jesus é lançado fora (João 6:37), contudo, como a mulher siro-fenícia, todos têm de encarar e vencer as barreiras para chegar a Sua presença.

7:24 E, levantando-se dali, foi para os têrmos de Tiro e de Sidon. E, entrando numa casa, não queria que alguém o soubesse, mas não pôde esconder-se;
25 Porque uma mulher, cuja filha tinha um espírito imundo, ouvindo *falar* dêle, foi, e lançou-se aos seus pés.
26 E esta mulher era grega, sirofenícia de nação, e rogava-lhe que expulsasse de sua filha o demônio.
27 Mas Jesus disse-lhe: Deixa primeiro saciar os filhos; porque não convém tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos,
28 Ela, porém, respondeu, e disse-lhe: Sim, Senhor; mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas dos filhos.

29 Então êle disse-lhe: Por essa palavra, vai; o demônio *já* saiu de tua filha.

30 E, indo ela para sua casa, achou a filha deitada sôbre a cama, e que o demônio já tinha saído.

Levantando-se dali, foi para os têrmos de Tiro... (v. 24): Jesus passou a maior parte do último ano do Seu ministério público, em território dos gentios; na Fenícia, em Decápolis e na Peréia. Mas Seu fruto ali era tão grande como fôra na Galiléia; Sua fama O precedera e apesar de entrar ocultamente não podia esconder-se.

Lede, também, os comentários sôbre Mat. 15:21.

Não pôde esconder-se (v. 24): Pode-se colocar uma vela debaixo dum alqueire, mas não o sol. Enchia-se tôda a casa, onde Jesus estava, do perfume do "óleo de alegria" com que fôra ungido, e O descobria. Vale muito mais dar o lugar a Jesus Cristo, que Êle anela em nossos cultos, do que anunciá-los em todos os jornais e distribuir toneladas de "convites".

Filha tinha um espírito imundo (v. 25): Como são graves e angustiosas as calamidades, às quais as crianças são sujeitas!

Havia para a mulher siro-fenícia, na sua tribulação, um só Abrigo, Jesus. Bendita sêde que nos leva a Jesus! Bendita pobreza que, como no caso do filho pródigo, nos impele à casa de fartura!

Lançou-se aos pés (v. 25): Os que desejam receber de Cristo têm de prostrar-se-Lhe aos pés; devem humilhar-se e submeter a Êle tudo. Lembremo-nos, contudo, que é vão prostrarmo-nos em corpo sem nos prostrarmos em espírito, João 4:24.

Era grega (v. 26): Falava grego, não hebraico. Jesus, como todo o povo da Palestina, conhecia, também, o grego.

Siro-fenícia de nação (v. 26): Havia a Fenícia da Síria e, também, a de Cartago.

Rogava-lhe que expulsasse de sua filha o demônio (v. 26): Note-se como sua oração era explícita; pediu definidamente, em contraste a muitas orações indefinidas que Deus "abençôe" a fulano e a sicrano.

A maior bênção que podemos pedir para nossos filhos é que o Senhor expulse o espírito imundo que lhes domina e que se tornem em verdadeiros santuários do Espírito Santo.

Filho de Davi tem misericórdia de mim (Mat. 15:22): Nas palavras da mulher descobre-se que ela compartilhava dos sofrimentos da filhinha — "tem compaixão de *mim.*" O que a filhinha sofria, a mãe, também, sofria. Os verdadeiros intercessores participam dos mesmos sofrimentos daqueles pelos quais suplicam. Vede o exemplo de Moisés (Êxo. 32:32) e de Daniel (cap. 9:5). Cristo, nosso Intercessor, sente os nossos sofrimentos, Atos 9:4.

Sim, Senhor (v. 28): Não se pode falar contra os verdadeiramente humildes, sem êles reconhecerem e confessarem suas faltas. A siro-fenícia confessou imediatamente que não merecia coisa alguma.

Comem, debaixo da mesa, as migalhas (v. 28): Talvez a mulher lembrava-se dos cinco mil homens alimentados por Jesus e das migalhas que caíram ao chão, além dos doze cestos de pedaços recolhidos.

Por essa palavra (v. 29): "Então lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé (Mat. 15:28). Jesus louvou a sua fé; a mulher mostrara-se sábia, humilde, mansa, paciente, perseverante em orar, mas o Senhor observou, antes de tudo, a sua fé.

Vê-se como a fé da mulher removeu "monte" após "monte":

1) O primeiro "monte" foi a doença da sua filhinha, que estava "horrìvelmente endemoninhada", Mat. 15:22. O estado da menina era tal que a mãe "clamava" na sua angústia, Mat. 15:22.

2) A oposição dos discípulos. "E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem chorando atrás de nós," Mat. 15:23. Estranho como pareça, para chegar à presença de Jesus, tem-se de enfrentar o grande "monte" da oposição de Seus discípulos. Os filhos de Deus, muitas vêzes, escandalizam-se com o clamor (Mat. 15:22) e as lágrimas (Mat. 15:23) dos verdadeiramente contritos.

3) O "monte" da sua nacionalidade. A mulher era gentia "separada da comunidade de Israel," Efés. 2:11, 12. Antes de chegar a Jesus tinha de vencer os seguintes obstáculos:

4) O "monte" do silêncio de Jesus, Mat. 15:23. Como nos oprime o espírito quando Deus nos não responde! Inumeráveis santos conheciam o que a siro-fenícia experimentou quando "Êle, porém, não lhe respondeu palavra," Mat. 15:23. (Vide Hab. 1:2; Sal. 44:23; 28:1; 22:1,2; Mat. 27:46; Heb. 2:17,18).

5) As palavras de Jesus, que pareciam duras e contra seu pedido. No início, Jesus, não podia socorrer a mulher; não foi enviado senão às ovelhas perdidas de Israel (Mat. 15:24) e ela era cananéia. Sua fé a levou, não sòmente a persistir em suplicar, mas em adorar, Mat. 15:25. Não sabemos o que foi, mas logo algo aconteceu no céu, e Jesus se achou livre para conceder-lhe o pedido. Quantas vêzes recebemos sòmente quando abrimos nosso coração endurecido para render-Lhe o verdadeiro louvor devido ao Seu bendito nome!

Achou a filha deitada sôbre a cama, e que o demônio já tinha saído (v. 30): A menina, apesar de estar muito distante, foi curada. Jesus enviou a Sua palavra e a sarou. (Vide Sal. 107:20.)

A menina, apesar de se achar em estado desesperador, tinha uma mãe que orava; há esperança para os que têm mãe que ora.

III. A CURA DE UM SURDO E GAGO, 7:31-37.

Nessa ocasião os mudos falaram, os coxos andaram, os cegos viram, Mat. 15:29-31. Contudo está contada a história da cura de um só, dêste homem surdo e gago. O seu estado era pesaroso, V. 32. Apesar de sua cura ser espetacular, está narrada sòmente por Marcos.

7:31 E êle, tornando a sair dos têrmos de Tiro e de Sidon, foi até ao mar da Galiléia, pelos confins de Decápolis.
32 E trouxeram-lhe um surdo, que falava difìcilmente; e rogaram-lhe que pusesse a mão sôbre êle.
33 E, tirando-o àparte de entre a multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos; e, cuspindo, tocou-lhe na língua.
34 E, levantando os olhos ao céu, suspirou, e disse: Effata; isto é, Abre-te.
35 E logo se abriram os seus ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente.
36 E ordenou-lhes que a ninguém o dissessem; mas, quanto mais lho proibia, tanto mais o divulgavam.
37 E, admirando-se sobremaneira, diziam: Tudo faz bem: faz ouvir os surdos e falar os mudos.

De Sidon, foi até ao mar da Galiléia, pelos confins de Decápolis (v. 31): Foi viagem a pé de, ao menos, dois dias. Assim fazia Jesus Suas longas caminhadas, "fazendo bem e curando a todos os oprimidos do diabo." Acabara de curar a filha da mulher cananéia e partira para servir os necessitados em outras regiões.

E trouxeram-lhe um surdo (v. 32): Foi melhor levar o surdo a Jesus do que discutir com êle. É melhor levar os nossos amigos surdos a Jesus, do que discutir com êles. A virtude que sai da Pessoa de Jesus é suficiente, seja qual fôr a enfermidade, Luc. 8:46.

Um surdo que falava difìcilmente (v. 32): Por causa da sua surdez, entendia sòmente com dificuldade o que lhe foi dito. Porque era gago, não era fácil comunicar aos outros o que queria dizer.

O surdo e gago é tipo daquele que não conhece a Deus e cujos ouvidos espirituais estão fechados à Palavra de Deus e em cujos lábios não há oração, nem ações de graças e nem testemunho vibrante de Seu poder e graça para salvar, curar, confortar, e socorrer em tôdas as necessidades. Os que não ouvem distintamente a voz de Deus não falam livremente das Suas grandezas. Sua promessa a Ezequiel é também nossa: "Quando eu falar contigo, abrirei a tua boca," Ezeq. 3:27.

Pusesse a mão sôbre êle (v. 32): Aquêle que "conhecia o que havia no homem," não impôs a mão sôbre êste homem como Lhe pediram, sabendo que foi melhor agir de outra maneira. Um foi curado entre a multidão, outro foi enviado a lavar-se no tanque de Siloé, mas o surdo e gago foi levado fora da multidão, fora da confusão, onde podia receber uma impressão mais profunda. A alguns Êle dá a Sua bênção enquanto cercados de irmãos, mas a outros Êle trata no deserto. Como bom médico, Êle cuida de todos conforme as circunstâncias e condições de cada um.

E, tirando-o à parte (v. 33): O primeiro passo, em qualquer dificuldade, é ficar *à parte* com Jesus. Como Moisés, convém virar para lá e ver esta grande visão, Êxo. 3:3. Dentro do quarto e no santuário da alma é o lugar para ouvir o que Êle quer dizer.

Meteu-lhe os dedos nos ouvidos (v. 33): Foi quase só por vista e tato que Jesus podia comunicar-lhe qualquer idéia e, portanto, colocou os dedos nos ouvidos do surdo como quisesse dizer: "Vou furar o obstáculo que não deixa o som entrar e vou restaurar tua audição." Queria por meio de sinais criar fé nesse homem.

Cuspindo, tocou-lhe na língua (v. 33): Como se quisesse dizer: "Sua língua que fica sêca e pega ao céu da boca, permanecerá úmida e livre. Dá Sua boca saiu o bálsamo para curar, Mar. 8:23. "Enviou a sua palavra e os sarou," Sal. 107:20.

Levantando os olhos ao céu (v. 34): Como se quisesse dizer: Estou orando por ti. Quero que faças o mesmo. Devia reconhecer que a cura vem só de cima. Lembra da ocasião em que Deus respondeu à desculpa de Moisés: "Quem fêz a boca do homem?" Êxo. 4:11.

Os que querem transmitir ao próximo uma iluminação dos céus devem, também, ficar com os olhos fitos nas coisas celestiais. Convém ao líder espiritual testificar: "O que temos visto com os olhos vo-lo anunciamos", I João 1:1-3.

Olhando para os céus recebemos coragem e fé. Não ficamos desalentados e descrendo como os que olham para o próximo ou para si mesmos.

Os que olham para os céus evitam a vida monótona. Os crentes aborrecem a repetição, por muito tempo, de coisas espirituais, mas não aquêles que olham para os céus.

Suspirou (v. 34): Deus o Pai, "piedoso e benigno," Sal. 145:8. Deus o Filho, "movido de grande compaixão," Luc. 7:13; Mar. 1:41. Diz-se que no Egito, onde as grandes enchentes periódicas do Nilo fertilizam a terra, prediz-se a safra pela altura que as águas do rio alcançam no tempo de inundações; o número de metros de água determina o grau de fertilidade que a enchente deixa espalhada sôbre os campos. Igualmente, podemos saber do grau de fertilidade, que o crente alcançará, pelo grau de compaixão que sente para com o próximo. Compare Ezeq. 9:4.

A obra dos filhos de Deus, sem compaixão é fria e sem fruto. Ao mesmo passo, compaixão sem obras endurece o coração.

Efata (v. 34): Jesus falava Aramaico, língua parecida ao hebráico antigo. A Bíblia porém, foi escrita primeiro em grego, idioma quase universal daquele tempo. Esta palavra "efata" foi introduzida aqui no relatório de Marcos por causa da impressão profunda que sentiram quando Jesus a enunciou.

Abriram os seus ouvidos, e a prisão de sua língua se desfez (v. 35): Ao abrirem-se os ouvidos, solta-se o empecilho da língua. Os que realmente ouviram o que o Senhor disse, não podem deixar de falar do que têm visto e ouvido.

Ordenou-lhes que a ninguém o dissessem (v. 36): Naquele tempo tinham surgido vários messias falsos que fomentaram rebeliões que os romanos aquietaram, derramando sangue dos judeus. Jesus quis evitar a impressão de que Êle incitava o povo à rebelião, sabendo que Seus inimigos procuravam acusá-Lo disso mesmo, Luc. 23:5, 14, 15.

Tanto mais o divulgavam (v. 36): Se aquêles, proibidos a pregar e testificar, não podiam calar-se, quanto mais fervorosos nós devemos ser em proclamar a mensagem que Êle nos entregou?!

Tudo faz bem (v. 37): Compare Mat. 15:30, 31. Pode-se dizer o mesmo das obras de Jesus Cristo, de Quem se diz, de tudo que criou no princípio: "Eis que era muito bom", Gên. 1:31. É provável que falaram assim lembrados de Isaías 35:4-6.

Capítulo VIII

O SERVO ALIMENTA QUATRO MIL PESSOAS

Uma das grandes lições ensinadas pela repetição da multiplicação dos pães é que a generosidade de Cristo não é sòmente grande, mas repetida. Há sempre, em tôdas as ocasiões e sejam quais forem as circunstâncias, abundância de pão, ao nosso dispor, na casa de nosso Pai. Compare Luc. 15:17.

I. A SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES, 8:1-9.

Ao passo que a primeira multiplicação dos pães está narrada por todos os quatro Evangelistas (Mat. 14: 13-21; Mar. 6:32-44; Luc. 9:10-17; e João 6:5-13), a segunda está contada sòmente por Mateus (15:32-39) e Marcos.

8:1 Naqueles dias ,havendo mui grande multidão, e não tendo que comer, Jesus chamou a si os seus discípulos, e disse-lhes:

2 Tenho compaixão da multidão, porque há já três dias que estão comigo, e não têm que comer.

3 E, se os deixar ir em jejum para suas casas, desfalecerão no caminho, porque alguns dêles vieram de longe.

4 E os seus discípulos responderam-lhe: Donde poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto?

5 E perguntou-lhes: Quantos pães tendes? E disseram-lhe: Sete.

6 E ordenou à multidão que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães, e tendo dado graças, partiu-os, e deu-os aos seus discípulos, para que os pusessem diante dêles, e puseram-*nos* diante da multidão.

7 Tinham também uns poucos de peixinhos; e, tendo dado graças, ordenou que também lhos pusessem diante.

8 E comeram, e saciaram-se; e dos pedaços que sobejaram levantaram sete alcofas.

9 E os que comeram eram quase quatro mil; e despediu-os.

Havendo mui grande multidão (v. 1): Qual a influência do humilde Jesus que levou a faminta multidão ao deserto para passar três dias sem comer, escutando as palavras que saíam de Sua boca? Há sòmente uma resposta: NÊle está a fonte da vida e felicidade eternas. Bem-aventurados aquêles cuja alma fica estasiada com o descobrimento dessa fonte. Como Abraão sairão, não sabendo para onde vão. Como Eliseu, ao cair sôbre êles o manto profético, sentem-se impelidos a seguir. Foi assim com Moisés, com Daví, com Mateus, com Saulo, e com todos que sentiram o poder do Espírito os impelindo.

Quanto à multidão perder o desejo de comer, compare João 4:31-34.

Tenho compaixão da multidão (v. 2): Daqueles, a quem os orgulhosos fariseus aborreciam, Jesus se compadeceu. É fato penetrante que de todos os sentimentos de Jesus, não há um mencionado tantas vêzes como o da Sua compaixão. Consta nas Escrituras que Êle sentia gôzo, tristeza, gratidão, ira, admiração. Mas Sua compaixão se menciona mais que qualquer dêstes.

"Compaixão" quer dizer *"sofrer com"*. Compare Heb. 4:15. O Senhor tinha sentido no Seu corpo fadiga e fome; era o mais pobre dos pobres. Sabia o que os publicanos sentiram; Êle mesmo era desprezado e rejeitado. Sabia como os publicanos queriam a companhia do próximo; portanto, comia com êles. Sabia como o leproso imundo desejava sentir o contacto da mão de alguém, coisa para sempre a êle proibida; assim estendeu a Sua mão e o tocou, curando a dor do coração, ao mesmo tempo que curava o corpo.

Há já três dias que estão comigo (v. 2): O Mestre não apenas contou os dias que a multidão passara consigo, mas media a profundeza da sua necessidade.

Se os que perdem duas refeições tornam-se comilões na terceira, que dizer dos que passam três dias sem comer? Contudo todos os quatro mil comeram e se saciaram! V. 8.

E não têm que comer (v. 2): Assim disse Jesus aos discípulos. Apesar de dar maior ênfase ao espiritual (Compare João 6:27), Êle é, também, prático, lembrando-se das necessidades do físico. Quatro mil pessoas encontravam-se no deserto, longe de casa e sem ter o que comer. Os que seguem a Cristo encontram-se com muitos e grandes empecilhos.

Não têm que comer (v. 2): Estas palavras descrevem, também, a alma despertada, faminta, estranha aos concertos da promessa e sem esperança no mundo.

Se os deixar ir em jejum... desfalecerão no caminho (v. 3): Se Êle nos deixar ir sós, podemos desfalecer e perecer. Se Êle não saciar nossa alma, quem o fará? Compare João 6:68. É só Êle que se compadece de nossas fraquezas, Heb. 4:15, 16.

Donde poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto (v. 4): Os discípulos não se lembravam da maneira de Cristo alimentar os cinco mil? É triste, mas o coração humano esquece-se logo das grandes beneficências do Senhor. Esquece-se da maneira em que havia sido libertado de dificuldades ou de tristezas. Israel, libertado do Egito, e depois de Faraó no mar Vermelho, não sabia como se libertar da sêde e da fome no deserto.

A pergunta: *Poderá alguém satisfazê-los de pão no deserto?* A resposta evidente: *Ninguém pode, absolutamente ninguém, entre os homens!* Mas há Um que pode, Cristo Jesus!

Sete (v. 5): Como era grande o contraste entre os poucos pães e a grande multidão. E como é grande o contraste entre um bilhão (mil milhões) de almas

atuais, que nunca ouviram o Evangelho de salvação, e a nossa pouca fé! Mas como Cristo multiplicou os poucos pães, Êle quer multiplicar nossa pouca fé — até alcançarmos tôdas essas almas. *Senhor, aumenta-nos a fé,* Mar. 9:24.

E ordenou à multidão que se assentasse (v. 6): A multidão faminta mostrou sua fé em Cristo, assentando-se quando longe de casa e quando havia apenas sete pães entre êles. Se queremos receber do Senhor, temos de assentar-nos e olhar para cima. Temos de deixar de nos esforçar na carne, como Êle pede, e permitir que Seu poder opere em nós.

E tomando os sete pães (v. 6): Aquêle, que podia tornar as pedras em pães, queria, antes, usar o pouco de comida que os discípulos possuíssem. Êle quer, em nós, o fruto que vem de nosso sacrifício e nunca despreza os poucos recursos que temos.

E tendo dado graças (v. 6): Vede outros exemplos e preceitos, ensinando-nos a dar graças antes de comer: Mar. 6:41; Luc. 24:30; Atos 27:35; Rom. 14:6; I Tim. 4:5.

E dos pedaços que sobejaram levantaram sete alcofas (v. 8): Quando as quatro mil pessoas começaram a comer, havia apenas sete pães e alguns peixinhos. Mas quando acabaram de comer e de se fartar, restavam sete alcofas — muito mais do que havia no início! A provisão era tanta que ninguém podia retirar-se com fome sem se culpar de si mesmo. A provisão do Evangelho é igualmente suficiente para saciar tôdas as almas, de tôdas as nações e de todos os séculos. A coisa mais trágica e horrenda é a de uma pessoa desprezar o convite de assistir à grande ceia e passar para o inferno, com a fome espiritual roendo-lhe a alma.

E os que comeram eram quase quatro mil (v. 9): Convém que os seguidores de Cristo permaneçam juntos, num só grupo, num só rebanho. As ovelhas de Cristo, se permanecerem juntas, serão tôdas alimentadas.

II. PEDE-SE UM SINAL DOS CÉUS, 8:10-13.

8:10 E, entrando logo no barco com os seus discípulos, foi para as partes de Dalmanuta.
11 E saíram os fariseus, e começaram a disputar com êle, pedindo-lhe, para o tentarem, *um* sinal do céu.
12 E, suspirando profundamente em seu espírito, disse: Por que pede esta geração *um* sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se dará sinal algum.
13 E, deixando-os, tornou a entrar no barco, e foi para a outra banda.

Foi para as partes de Dalmanuta (v. 10): O Servo do Senhor foi a Dalmanuta, para que nenhum canto da terra dissesse que não tinha oportunidade de ouvir Sua Mensagem. Mas encontrado aí o espírito de argumento, e nenhuma oportunidade de fazer bem, deixou-os, entrando no barco e voltando. V. 13.

Pedindo-lhe, para o tentarem (v. 11): O pedido dos fariseus não foi de quem desejasse saber da verdade, mas dos que tinham preconceitos e procuravam desculpar-se, permanecendo na incredulidade. Aos sinceros Jesus concedia sinais em abundância.

Um sinal dos céus (v. 11): Os fariseus não podiam negar as curas que Jesus fizera na terra, mas exigiam que lhes mostrasse um sinal dos céus. Passando por cima dos dois sinais dos céus (Mat. 3:16, 17; João 12:28), insistiam que os demônios faziam maravilhas na terra, mas sòmente Deus podia fazê-las nos céus. Isto é, maravilhas, como a de Josué, quando mandou que o sol se detivesse (Jos. 10:13), como a de Samuel quando o trovão lhe respondeu (I Sam. 12:18), ou como a de Elias quando dos céus veio o golpe de morte sôbre os capitães que foram prendê-lo, II Reis 1. Os fariseus, davam a entender, pela maneira de fazer seu pedido, que os milagres não provavam a Sua missão divina, sendo antes obras satânicas.

E, suspirando profundamente (v. 12): A nossa incredulidade magoa profundamente o coração do Senhor,

porque apaga a luz de que muito carecemos e fecha a porta aos céus diante de nós.

III. O FERMENTO DOS FARISEUS E O DE HERODES, 8:14-21.

8:14 E êles se esqueceram de levar pão, e no barco não tinham consigo senão um pão.
15 E ordenou-lhes, dizendo: Olhai, guardai-vos do fermento dos fariseus e *do* fermento de Herodes.
16 E arrazoavam entre si, dizendo: *É* porque não temos pão.
17 E Jesus, conhecendo isto, disse-lhes: Para que arrazoais, que não tendes pão? não considerastes, nem compreendestes ainda?? tendes ainda o vosso coração endurecido?
18 Tendo olhos, não vedes? e, tendo ouvidos, não ouvis? e não vos lembrais,
19 Quando parti os cinco pães entre os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços levantastes? Disseram-lhe: Doze.
20 E, quando *parti* os sete entre os quatro mil, quantas alcofas cheias de pedaços levantastes? E disseram-lhe: Sete.
21 E êle lhes disse: Como não entendeis ainda?

Guardai-vos do fermento (v. 15): Fermento nas Escrituras é tipo de falsas doutrinas e de impiedade, Gal. 5:9; I Cor. 5:7.

Jesus falou em três fermentos: (1) O dos fariseus; observação das tradições dos homens e religião exterior. Fermento de hipocrisia, Luc. 12:1. (2) O dos saduceus. (Vide Mat. 16:6.) Os saduceus desacreditavam no sobrenatural, Atos 23:8. Portanto o "fermento" dos saduceus era o cepticismo, a doutrina de duvidar de tudo que seja espiritual. (3) O de Herodes. Êste parece saduceu. O partido de Herodes (Mat. 22:16) consistia dos judeus mundanos cujo alvo era agradar os romanos. O "fermento" de Herodes, portanto, era mundanismo e conformismo.

Jesus previnia Seus discípulos dêsses perigos que, também, nos ameaçam. Estamos no mesmo caminho, inclinados a cair nos mesmos atoleiros, a da hipocrisia em religião, o de conformismo com o pecado e o das filosofias e doutrinas falsas ensinadas ao povo.

IV. A CURA DE UM CEGO EM BETSAIDA, 8:22-26.

Esta é a história da cura, na impenitente cidade de Betsaida (vide Mat. 11:21), pelo bendito *Oculista,* enviado para proclamar restauração da vista aos cegos, Luc. 4:18,19.

> 8:22 E chegou a Betsaida; e trouxeram-lhe um cego, e rogaram-lhe que lhe tocasse.
> 23 E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; e, cuspindo-lhe nos olhos, e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa.
> 24 E, levantando êle os olhos, disse: Vejo os homens; pois os vejo como árvores que andam.
> 25 Depois tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos, e êle, olhando firmemente ficou restabelecido, e já via ao longe e distintamente a todos.
> 26 E mandou-o para sua casa, dizendo: Não entres na aldeia.

A cura dêste cego está historiada sòmente por Marcos e tem muitos pontos comuns à cura do surdo e gago (7:31-37), narrada ùnicamente, também, pelo mesmo evangelista. Nas duas curas, Jesus tirou os pacientes à parte para realizar Suas maravilhas em oculto. Nas duas ocasiões empregou os mesmos meios singulares, tocando-os com um dedo molhado de saliva. Mandou que o surdo e gago, curado, a ninguém contasse como foi libertado, ao cego, depois de ver perfeitamente, ordenou que voltasse para casa e que não entrasse na aldeia.

Trouxeram-lhe um cego (v. 22): Os nomes das pessoas, que levaram êsse cego a Jesus, não são conhecidos na terra, mas da sua obra jamais se esquecerá. "Trou-

xeram" o cego porque não podia chegar sem auxílio. Ou estava resignado, talvez, a passar o resto da vida sem ver. Assim são os cegos espiritualmente, os olhos fechados por Satanás. Mesmo uma vez despertados sôbre seu perigo eterno, só podem procurar a porta às apalpadelas. Carecem grandemente de nosso auxílio.

Rogaram-lhe que lhe tocasse (v. 22): Como é prático êste exemplo de levar os cegos, com compaixão, um após outro, a Cristo e rogar-Lhe a favor dêles! Não há caso demasado difícil para Êle.

Tomando o cego pela mão (v. 23): Quanto sentiu o cego no coração quando Jesus lhe apertou a mão! Quem pode esquecer-se do primeiro contacto com Cristo? Que confôrto ao sentirmos a Sua verdade apertar-nos o coração e verificarmos que estamos em contacto com o Filho de Deus.

Levou-o para fora da aldeia (v. 23): Compare Mar. 7:32,33. Quis que o cego se sentisse sòzinho com Seu Salvador. É a sós com Cristo que recebemos as verdadeiras bênçãos.

Cuspindo-lhe nos olhos (v. 23): A saliva não curou os seus olhos. Cristo empregou-a apenas para aumentar sua fé. Compare II Reis 20:7; 2:20,21; João 9:6,7; Tiago 5:14.

Impondo-lhe as mãos (v. 23): As mãos benditas, cheias de virtude e bênção. Como no caso do cego, quando não podemos vê-Lo, Êle faz-nos sentir Sua presença.

Depois tornou a por-lhe as mãos (v. 25): Com o primeiro toque das mãos do Salvador, o homem via indistintamente, mas com o segundo contacto "via ao longe distintamente." Jesus não libertou êste homem da cegueira num instante, mas gradualmente. Podia fazê-lo instantaneamente, mas foi a Sua vontade curá-lo de passo em passo. Primeiro o cego disse que viu os homens "como árvores que andam". Depois a sua vista foi completamente restaurada e "via ao longe e

distintamente." A sua cura de pouco a pouco era, talvez, por causa da sua fé que aumentava gradualmente. Não é essa nossa experiência espiritual? Primeiro recebemos um glorioso clarão. Mas apesar de ser vibrante, é apenas uma aparência vaga das verdades espirituais. Reconhecemos o valor delas sem ser possuídos por elas. Depois chegamos a uma experiência que nos abre os olhos para vê-las como nunca antes. (Vide Efés. 1:18; Luc. 24:45.) Carecemos do segundo contacto? (Sal. 119:18.)

Olhando firmemente ficou restabelecido (v. 25): Há lição espiritual nisto, para nós: Não é para a honra de Cristo que os nossos olhos fiquem iluminados apenas até o ponto de aceitar opiniões falsas. É nossa responsabilidade ter os olhos abertos para ver "ao longe e distintamente."

E mandou-o... (v. 26): Era porque Jesus não queria excitar mais a curiosidade vã do povo de Betsaida? Compare Mat. 11:21. Ou mandou o cego curado para casa porque havia lá pessoas que deviam ouvir seu testemunho do poder divino? De qualquer forma, a vida dêste homem, desde então, seria um testemunho constante do Senhor. Seus olhos foram abertos de tal maneira que transformaram tôda a sua vida.

V. A CONFISSÃO DE PEDRO, 8:27-30.

Lede os comentários sôbre Mat. 16:13-20, em Mateus: o Evangelho do Rei.

VI. JESUS ANUNCIA A SUA MORTE, 8:31-33.

Lede os comentários sôbre Mat. 16:21-23, em Mateus: o Evangelho do Rei.

VII. O DEVER DE LEVAR A PRÓPRIA CRUZ, 8:34-38.

Lede os comentários sôbre Luc. 9:23-27, em Lucas: o Evangelho do Filho do homem.

Capítulo IX

O SERVO NA SUA GLÓRIA

A transfiguração é uma visão da glória do grande Servo. Se seguirmos os Seus passos sem essa visão nos tornaremos escravos e perderemos o poder para servir. Ao memo passo, se gozarmos da visão sem servir, tornar-nos-emos visionários e perderemos a visão.

Aquêles que nunca tiveram a visão do monte não podem socorrer os necessitados ao pé do monte. (Vide vs. 14 a 29): Nosso estudo da transfiguração pode ser, se quisermos, como uma visita em pessoa a êsse monte; podemos acompanhar os três discípulos prediletos, ver a glória do Senhor, ouvir a voz de Deus e regressar para servir aos necessitados, vendo ninguém, "senão sòmente Jesus." Enquanto permanecermos nÊle, podemos servir com a glória, a certeza e o poder do monte.

A ocasião da transfiguração marca o início de outra importante etapa no ministério de Jesus. (Vide Luc. 9:51.) Dêsse cume de glória manifestou a firme resolução de ir a Jerusalém, viagem que é a mais notável de tôdas na história do mundo.

I. A TRANSFIGURAÇÃO, 9:1-8.

9:1 Dizia-lhes também: Em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegado o reino de Deus com poder.

2 E seis dias depois Jesus tomou *consigo* a Pedro, a Tiago, e a João, e os levou sós, em particular, a um alto monte; e transfigurou-se diante dêles;

3 E os seus vestidos tornaram-se resplandecentes, em extremo brancos como a neve, tais como nenhum lavandeiro sôbre a terra os poderia branquear.

4 E apareceu-lhes Elias com Moisés, e falavam com Jesus.

5 E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Mestre, bom é que nós estejamos aqui, e façamos três cabanas, uma para ti outra para Moisés, e outra para Elias.

6 Pois não sabia o que dizia, porque estavam assombrados.

7 E desceu uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, e saiu da nuvem uma voz que dizia: Êste é o meu filho amado; a êle ouvi.

8 E, tendo olhado em roda, ninguém mais viram, senão só Jesus com êles.

Sem que vejam chegado o reino de Deus com poder (v. 1): Jesus dissera, seis dias antes da Sua transfiguração, que alguns então presentes não morreriam antes de vê-Lo *no Seu reino*. Mateus, Marcos e Lucas ligam cuidadosamente essa promessa à narrativa da Sua transfiguração. Concluímos, portanto, que essa cena deslumbrante *no monte santo* (II Ped. 1:18) é uma amostra, um penhor, do reino de Cristo. Na transfiguração foi permitido aos homens um olhar momentâneo para dentro do reino prometido e ver o Servo na Sua formosura. (Vide Sal. 27:4 e Isa. 33:17.)

Jesus tomou consigo a Pedro, a Tiago e a João (v. 2): Por que não levou consigo os outros nove? Porque eram incapazes de compreender o sentido da visão. Os três eram mais avançados espiritualmente, portanto podiam receber revelações mais avançadas. Compare Heb. 5:11 a 6:3. As coisas mais profundas e preciosas são sòmente para os crentes mais chegados ao Mestre. Houve três ocasiões a que êsses três apóstolos assistiram: (1) De ressuscitar a filha de Jairo da morte, Mar. 5:37. Os mais chegados a Cristo contemplam melhor Seu poder. (2) Da transfiguração. Os mais íntimos têm olhos para ver a Sua glória. (3) No Getsêmane, Mat. 26:37. Os mais fervorosos participam mais plenamente de Seus sofrimentos.

E os levou sós, em particular (v. 2): Sòmente Lucas menciona o propósito de Cristo subir o monte para orar. É sòmente êle, também, que se refere a Jesus orar nas seguintes crises: No Seu batismo. Luc. 3:21. Quando as multidões afluíram para ouvi-Lo e serem curadas, Luc. 5:16. Antes de escolher os doze, Luc. 6:12. Quando, depois de alimentar os cinco mil, queriam constituí-Lo Rei, Luc. 9:18; compare João 6:15.

A um alto monte (v. 2): Monte Tabor é geralmente considerado como o lugar da transfiguração. Porém muitos comentadores acham que fôsse o monte Hermom, que se ergue a grande altura perto de Cesaréia de Filipe. Êstes chamam a atenção ao fato de o Tabor não ser "um alto monte." O monte Hermom é alto; nunca se derrete o gêlo do seu cume.

Monte (v. 2): Note-se o que diz acêrca das experiências de Cristo em montes: em um monte pregou Seu famoso sermão (Mat. 5:1); subiu a um monte quando quis orar (Mat. 14:23); em um monte foi transfigurado; no monte das Oliveiras pregou o grande sermão profético (Mat. 24:3); no alto do Gólgota foi crucificado; em um monte da Galiléia encontrou os discípulos depois da ressurreição (Mat. 28:16); e do monte das Oliveiras, na Judéia, subiu para os céus, Atos 1:12.

E transfigurou-se (v. 2): Foi após uma noite inteira de oração no deserto que Cristo convidou os três apóstolos, vide Luc. 9:37. E estando êle orando, transfigurou-se a aparência de seu rosto," Luc. 9:29. Sua intercessão resultou no milagre da transfiguração. É nas noites inteiras de oração que podemos esperar as experiências mais gloriosas.

Note-se, também, os seguintes exemplos de oração no *deserto*: Luc. 5:16; 6:12; 9:28; 22:39-42.

No momento de Jesus começar a orar, era como qualquer homem. Mas em contacto com o Pai começou Seu rosto a brilhar como o sol e a roupa como a luz. Foi a entrada da glória do céu no Seu corpo que pro-

duziu o que se chama Sua transfiguração. * É patente que o alvo da transfiguração era o de encorajar os discípulos. Imediatamente antes (Mar. 8:31-38) e logo após (vs. 30-32) o Senhor falava-lhes sôbre o triste fato de que se aproximava o tempo da Sua crucificação. Nesse tempo de profundo pavor, tristeza e perplexidade dos discípulos, Jesus os levou a um lugar, à parte, e pediu ao Pai que lhes revelasse a Sua glória. Vide Luc. 9:28,29. O rosto para ser desfigurdao por açoites e pela coroa de espinhos, então brilhava com o fulgor do sol; as vestes que estavam destinadas a serem adquiridas pelo jógo, resplandeciam, não apenas como a neve, mas como a luz; em vez dos dois ladrões, um a cada lado do Senhor, havia Moisés e Elias; em vez das trevas ao meio dia, havia uma nuvem luminosa à noite; em vez do grito do Senhor: "Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?" ouviu-se a voz de Deus; "Êste é o Meu Filho, o Meu Escolhido, ouvi-O."

Transfigurou-se (v. 2): Encontra-se, no original, a mesma palavra em II Cor. 3:18 e Rom. 12:2: "Somos *transfigurados* de glória em glória..." "Mas transfigurai-vos pela..." O grande privilégio, a necessidade indispensável do crente, é de *se transfgurar*. Alcança-se isso

---

* Pode-se ilustrar a transfiguração de Jesus por meio de um fato familiar a todos nós. O vidro de uma lâmpada elétrica tem a aparência de qualquer vidro; o filamento parece algum arame fino. Mas ao entrar a energia elétrica, a lâmpada torna-se incandescente. Sôbre a glória que emana da pessoa do Senhor, compare Atos 22:6 e 11; Apoc. 21:23. Acêrca do fato de participarmos da Sua glória, depois da Sua vinda, vide I João 3:1,2; Fil. 3:21; I Cor. 15:43,48,49,52; etc. O barro pode tornar-se em rubim, em topázio, em safira ou em esmeralda; a sílica ,em jaspe ou em opala; o carvão, em diamante, que é o mais duro e o mais brilhante dos minarais. O corpo do homem pode tornar-se igualmente lustroso como qualquer destas pedras preciosas, ou mesmo até luminoso.

em íntima comunhão com Deus: (1) A sós no monte de oração. (2) Meditando as palavras de Deus de dia e de noite, Sal. 1:2. (3) Cheio do Espírito Santo, Efés. 5:18.

Os seus vestidos tornaram-se resplandecentes (v. 3): Compare: (1) Exo. 34:29,30; o rosto de Moisés brilhava com o reflexo da luz de Deus, mas o de Cristo com a Sua própria glória, "como o sol". (2) Atos 6:15. O rosto de Estêvão era "como o rosto de um anjo." (3) Apoc. 1:13-16. Os olhos do Filho do homem eram como uma chama de fogo; Seu rosto era como o sol quando brilha na sua fôrça. Compare Atos 22:11. (4) Heb. 1:3. Jesus "é o resplendor da glória."

Em estremo brancos, como nenhum lavandeiro... os poderia branquear (v. 3): Foi a glória da divindade dentro, brilhando através do véu da Sua carne que fêz Seu vestuário resplandecer com uma alva luz, mais pura que qualquer outra na terra.

Apareceu-lhes Elias com Moisés e falavam com Jesus (v. 4): Que amizade íntima e bendita com Cristo! Achamos gôzo, também, em falar com Êle?

Moisés (v. 4): Por causa de pecado, Moisés não podia entrar, com o seu povo amado, na terra da promissão, mas no monte da transfiguração está lá, Deut. 32:48-52.

Elias (v. 4): O Senhor sabe tirar o homem de baixo do zimbo de desânimo (I Reis 19:4) e o colocar no monte da transfiguração.

O aparecimento de Moisés, quase 1.500 anos depois da sua morte, e de Elias, cêrca de 900 anos depois de sua partida da terra, no monte da transfiguração, prova: (1) Que os crentes se enganam quando negam a existência consciente e bendita do povo de Deus depois da morte. Compare Fil. 1:23; Luc. 16:23,24; Apoc. 6:9-11; etc. (2) Que reconheceremos os nossos queridos nos céus. Moisés e Elias não tinham perdido a sua identidade, ainda eram "Moisés" e "Elias."

Elias não morrera (II Reis 2:11); Moisés morrera, mas foi sepultado por Deus, Deut. 34:6. É provável que Moisés, no monte de transfiguração, representava os filhos de Deus que serão ressuscitados, na vinda de Cristo, e glorificados; Elias, os crentes que não dormem e que serão transformados "num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta." É possível, também, que Moisés representava a lei, Elias os profetas. Compare "pela lei e pelos profetas", Rom. 3:21.

Falaram da Sua morte (Luc. 9:31): Falavam do Seu êxodo, conforme a palavra no original. O segundo livro da Bíblia trata do êxodo, da retirada, da saída do povo de Israel para todo sempre do poder do Egito. O monte da transfiguração fala do êxodo de Cristo para todo o sempre do poder de Satanás e do mundo. Se pudéssemos ouvir agora o assunto nos céus, seria êsse mesmo; a Sua partida do mundo, isto é, Calvário. É o grande assunto de nossa vida?

Carregados de sono (Luc. 9:32): Como no Getsêmane, Mat. 26:43. Os que lutam em oração (Rom. 15:30), têm de lutar, também, contra o sono.

Não sabendo o que dizia (Luc. 9:33): Contudo suas palavras estão cuidadosamente conservadas até hoje e foram escritas por Mateus, Marcos e Lucas. Isso indica que elas tinham alguma importância. Parece-nos que esta cena impressionou a Pedro como sendo tanto melhor que os tristes sofrimentos que o Senhor lhes anunciara, que queria ficar lá para sempre. "O amor gagueja antes de ficar calado." Não sabia o que dizia, mas sim o amor que sentia.

Uma nuvem que os cobriu (v. 7): Não uma nuvem qualquer, mas "luminosa" (Mat. 17:5), da qual soava a voz de Deus. Compare Exo. 24:15-17; 40:34; I Reis 8:10, 11. Chama-se esta nuvem de glória *xequiná*, têrmo que se não encontra nas Escrituras. Compare Exo. 16:10; 19:9, 16; Núm. 12:5; 14:10; 16:19; 16:42; Apoc. 14:14.

O meu Filho amado (v. 7): Para Deus Pai, Cristo é O muito querido. Que é Êle para mim?

A Êle ouvi (v. 7): Observe-se: (1) Cristo é o Filho dileto (muito querido): Moisés e Elias não estão no mesmo nível como indicam as palavras de Pedro (v. 5), e alguns hoje querem dar a entender. (2) O concêrto da lei e dos profetas estava desvanecendo e o novo concêrto do Filho estava entrando. (3) O Pai confirmava as palavras proferidas por Cristo nesta ocasião, acêrca da Sua crucificação; palavras dificílimas para os discípulos.

Ninguém mais viram, senão só Jesus com êles (v. 8): Moisés e Elias representam o velho concêrto, "a lei e os profetas", Luc. 16:16. Moisés recebeu a lei da mão de Deus no monte Sinai e a entregou ao povo de Israel. Elias, profeta depois, quando êsse povo se achava desviado, levou-o novamente a Deus. Quando a nuvem se retirou do monte da transfiguração, os discípulos "ninguém mais viram com êles, senão sòmente Jesus". Aquêle que deu a lei desaparecera. O reformador não mais estava. Comp. João 1:17. Tudo ficava no escuro, no monte. Porém o Senhor Jesus ainda estava, e permanece o alvo supremo da devoção dos nossos corações, e o Senhor sôbre nossas vidas.

II. A VINDA DE ELIAS, 9:9:13.

9:9 E, descendo êles do monte, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até que o Filho do homem ressuscitasse dos mortos.

10 E êles retiveram o caso entre si, perguntando uns aos outros que seria aquilo, ressuscitar dos mortos.

11 E interrogaram-no, dizendo: Por que dizem os escribas que é necessário que Elias venha primeiro?

12 E, respondendo êle, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e tôdas as *coisas* restaurará; e como está escrito do Filho do homem, que êle deva padecer muito e ser aviltado.

13 Digo-vos, porém, que Elias já veio, e fizeram-lhe tudo o que quiseram, como dêle está escrito.

E descendo êles do monte (v. 9): Os discípulos não podiam permanecer no monte da transfiguração, nem podiam os visitantes celestiais. Deus não fêz os altos das montanhas para serem habitados. Podemos subir aos altos para ter visão mais completa, mas não podemos morar lá, temos que voltar para servir.

Que não contassem o que tinham visto (v. 9): Alguns crentes têm o costume de contar todos os seus sonhos, visões e experiências de comunhão mais íntima com o Senhor. Mas há experiências muito sagradas que não convém contar aos homens, porque não as compreendem. Paulo foi arrebatado até o terceiro céu mas não nos revelou o que lhe foi dito, II Cor. 12:4. Maria mostrou-se sábia quando "guardava tôdas estas palavras, meditando-as no seu coração," Luc. 2:51.

Os discípulos não perderam a bênção quando a experiência tinha passado. A transfiguração foi um poder, uma consolação, um auxílio para o resto da sua vida. Notemos o que Pedro dizia depois acêrca da transfiguração, II Ped. 1:16-18.

Elias venha primeiro? (v. 11): Surgiu um problema na mente dos discípulos; os escribas ensinavam, pelas Escrituras que, antes da inauguração do glorioso reino do Messias, e antes da ressurreição dentre os mortos, Elias, o restaurador, vinha. Jesus confirmou as Escrituras, como ensinadas pelos escribas sôbre êsse ponto, dizendo-lhes que com a mesma certeza os sofrimentos do Cristo se iam cumprir. Quanto a Elias, contudo, já havia chegado na pessoa de João Batista, "e fizeram-lhe tudo o que quiseram, como dêle está escrito," Mat. 17:12; Mar. 9:13. João Batista, então, era Elias? Não realmente em pessoa, João 1:21. Mas viera "adiante dêle no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, "com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto," Luc. 1:17. Se o tivessem recebido, teria-lhes cumprido a obra de Elias, teria-lhes sido Elias.

"Se quereis dar crédito, é êste o Elias, que havia de vir," Mat. 11:14. Mas não o queriam, (Mat. 11:18) e êste Elias falhou. Jesus, porém, disse, colocando o evento ainda no futuro, apesar do fato que Elias na pessoa de João havia aparecido e falhado: "Elias virá primeiro, e tôdas as coisas restaurará," Mar. 9:12.

III. AO PÉ DO MONTE DA TRANSFIGURAÇÃO, 9:14-29.

Esta passagem nos ensina que Cristo, apesar da Sua inefável glória, não se esquece de nós em nossas lutas, nossas tristezas e nossas fraquezas. O Mestre, ao descer do monte, onde gozara íntima comunhão com Moisés e Elias glorificados, não ficou afastado, em espírito, dos pobres e necessitados, mas voltou a andar "fazendo bem e curando a todos os oprimidos do diabo."

9:14 E, quando se aproximou dos discípulos, viu ao redor dêles grande multidão, e *alguns* escribas que disputavam com êles.

15 E logo tôda a multidão, vendo-o, ficou espantada, e, correndo para êle, o saudaram.

16 E perguntou aos escribas: Que é que discutis com êles?

17 E um da multidão, respondendo, disse: Mestre, trouxe-te o meu filho, que tem um espírito mudo;

18 E êste, onde quer que o apanha; despedaça-o, e êle espuma, e range os dentes, e vai-se secando; e eu disse aos teus discípulos que o expulsassem, e não puderam.

19 E êle, respondendo-lhes, disse: Ó geração incrédula! até quando estarei convosco? até quando vos sofrerei ainda? Trazei-mo.

20 E trouxeram-lho; e, quando êle o viu, logo o espírito o agitou com violência, e, caindo *o endemoninhado* por terra, revolvia-se, espumando.

21 E perguntou ao pai dêle: Quanto tempo há que lhe sucede isto? E êle disse-lhe: Desde a infância;

22 E muitas vêzes o tem lançado no fogo, e na água, para o destruir; mas, se tu podes fazer alguma *coisa,* tem compaixão de nós, e ajuda-nos.

23 E Jesus disse-lhe: Se tu podes crer; tudo *é* possível ao que crê.

24 E logo o pai do menino, clamando, com lágrimas, disse: Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade.

25 E Jesus, vendo que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai dêle, e não entres mais nêle.

26 E êle, clamando, e agitando-o com violência, saiu; e ficou o *menino* como morto, de tal maneira que muitos diziam que estava morto.

27 Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e êle se levantou.

28 E, quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram àparte: Por que o não pudemos nós expulsar?

29 E disse-lhes: Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum.

E alguns escribas que discutiam com êles (v. 14): O contraste é grande entre o poder e a glória manifestos no monte da transfiguração e a fraqueza e fracasso entre os discípulos, que permaneceram à raiz do monte. Os três apóstolos mais chegados a Jesus entristeceram-nO no monte, mostrando-se medrosos e indiferentes; quanto mais os discípulos que ficaram em baixo! Os escribas dominavam a situação, os discípulos ficando obrigados a defenderem-se. Felizmente, na hora do fracasso, Jesus apareceu. "E logo tôda a multidão... correu para êle," v. 15. Glorioso é o fato. Em nossa fraqueza "temos um Advogado junto ao Pai" para nos socorrer em tôdas as dificuldades. E nunca nos rejeita apesar de nossas fraquezas.

Trouxe-te o meu filho, que tem um espírito mudo (v. 17): Não é de admirar que os escribas quisessem entrar em polêmica; certo homem, na ausência de Jesus, levara seu filho, que "tinha um espírito mudo", aos Seus discípulos. É evidente que êsse demônio causara não sòmente epilepsia, mas que o menino ficara surdo e mudo. Observe-se como antes disso os discípulos ex-

peliam demônios; Mat. 10:8; Mar. 9:38. Mas nessa ocasião, apesar de os discípulos agirem como de costume, o espírito não saiu e se achavam à mercê de seus inimigos — até Jesus chegar, no poder e demonstração do Espírito Santo. Não nos esqueçamos de que a maior parte dos filhos de Deus tem de enfrentar hoje o mesmo problema dos discípulos ao pé do monte da transfiguração — a única maneira de enfrentar a oposição é receber de Cristo êsse mesmo poder, Luc. 24:49.

Eis que um homem da multidão clamando... (Luc. 9:38): No original, clamando em muito alta voz, como Jesus ao morrer na cruz. Mar. 15:37. Note-se a angustiosa lista dos sofrimentos de seu filho: Caía por terra, revolvia-se, espumava, rangia os dentes, era violento, atirava-se no fogo e na água e ia emagrecendo. Satanás quer afligir nossos filhos neste mundo e destruí-los no inferno. Felizes são os filhos de pais que recorrem a Cristo em oração, como fêz o pai do menino possesso de um espírito mudo.

Traze-me cá o teu filho (Luc. 9:41): Jesus é o mesmo ontem, hoje e para todo sempre. Seu convite a todos os pais que tenham filho escravizado por Satanás, é o mesmo: "Traze-me cá o teu filho."

Mestre, peço-te que olhes para meu filho, porque é o único (Luc. 9:38): Lembremo-nos, também, que a filha de Jairo, que Cristo ressuscitou, era sua única filha (Luc. 8:42) e que o filho da viúva de Naim, era seu único filho, Luc. 7:12.

Cristo compadece-se tanto da mocidade como de nós mais velhos.

Roguei aos teus discípulos que o expulsassem e não puderam (v. 18): O mundo tem razão de esperar grandes coisas dos filhos de Deus, pois é Deus que os fortalece, Fil. 4:13.

Se te sentes desanimado, por causa do fracasso dos crentes, experimenta a Cristo mesmo. Não desconfies

de Cristo sòmente porque falta poder aos filhos professos de Deus.

Eu te ordeno: Sai dêle, e não entres mais nêle (v. 25): Falou e foi feito. Enviou a Sua Palavra, e o sarou, Sal. 107:20. É o Senhor que sara, Exo. 15:26. O menino possesso de espírito mudo foi completamente libertado; o espírito não podia *entrar mais nêle*.

Clamando e agitando-o com violência, saiu; e ficou o menino como morto (v. 26): O espírito mudo, no menino, vendo-se vencido e obrigado a sair, como seu último gesto, irou-se grandemente, ferindo o menino até o povo julgá-lo morto.

Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu... (v. 27): A mão de Jesus, depois de nos expulsar o mal, nos levanta para andarmos em novidade de vida. A *Palavra* de graça, a *mão* de poder, ambas movidas pelo *coração* de amor, colaboram juntas para o bem estar tanto de nosso espírito como para nosso físico.

Os seus discípulos lhe perguntaram à parte (v. 28): Todos que proclamam o nome de Jesus na terra devem procurar um lugar de comunhão com Êle, *à parte,* fora da vista do próximo, onde podem chorar seus fracassos, confessar suas fraquezas e receber a orientação e o poder prometidos.

Esta casta... (v. 29): É imperativo que nos lembremos em tôdas as circunstâncias e em tôdas as ocosiões, de que "não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra... as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." Efés. 6:12. Apesar de êsses adversários não todos terem a mesma fôrça, nunca devemos menosprezar o poder de Satanás, mas vestir-nos de tôda a armadura de Deus. Efés. 6:13. Note-se que há várias *castas,* ou classes, de espíritos malignos. Compare: "Deus — lhes deu poder e autoridade sôbre *todos* os demônios. Luc. 9:1. Compare, também, Atos 19:11-16. A oposição de espíritos imundos em Éfeso era

extraordinária e Deus deu a Paulo "maravilhas extraordinárias" para combatê-la.

A não ser com oração e jejum (v. 29): Na verdadeira oração, há comunhão com Deus; na comunhão com Deus, recebe-se poder para servir. Convém reservar horas todos os dias para oração; é ainda melhor ser tomado pelo "Espírito de graça e de súplica." Zac. 12:10.

Oração e jejum é como espada de dois gumes para conquistar o inimigo. Não há, talvez, verdadeira oração, senão quando julgamos a oração melhor que o pão quotidiano. Observe-se que a receita do Senhor não é pregação e banquete, mas oração e jejum.

AS ESCRITURAS E O JEJUM

1) O jejum é com oração. Mar. 9:29; Luc. 2:37; Atos 10:30; 13:2; 13:3; 14:23; II Crôn. 20:3; Esd. 8:21-23; Neh. 1:4; 9:1; Jer. 14:12; Dan. 9:3; Joel 1:14; Jonas 3:5-8.

2) O jejum, sem coração contrito, não vale coisa alguma. Mat. 6:16-18; Isa. 58:3-6; Jer. 14:12;

3) O propósito do jejum:

a) Não como obra que mereça remuneração. Mat. 6:16-18; Luc. 18:12; Isa. 58:3-6; Jer. 14:12.

b) Uma expressão de saudades do Messias ausente. Luc. 5:35.

c) Humilhação diante de Deus. Juízes 20:26; I Sam. 7:5,6; I Reis 21:27; Esd. 8:21-23; Neh. 1:4; 9:1-3; Sal. 35:13; 69:10; Joel 2:12,13; Jonas 3:5-8.

d) Receber poder divino em ocasiões difíceis. Mar. 9:29; Atos 10:30; 13:2; 14:23; Juízes 20:26; I Sam. 7:5,6; II Crôn. 20:3; Esd. 8:21-23; Neh. 1:4; Joel 2:15.

4) Jejum coletivo do povo de Deus. Atos 13:2,3; Juízes 20:26; I Sam. 7:5,6; II Crôn. 20:3; Esd. 8:21-23; Neh. 9:1-3; Jer. 36:9; Joel 1:14; 2:15; Jonas 3:5-8.

IV. JESUS TORNA A PREDIZER SUA PAIXÃO, 9:30-32.

Lede os comentários sôbre Mat. 17:22,23, em Mateus: o Evangelho do Rei.

V. SERMÃO SÔBRE A HUMILDADE, 9:33-37.

Nunca houve maior exemplo de humildade do que Cristo Jesus; jamais houve maior sermão sôbre o mesmo assunto do que o que Êle pregou.

> 9:33 E chegou a Cafarnaum, e, entrando em casa, perguntou-lhes: Que estaveis vós discutindo pelo caminho?
> 34 Mas êles calaram-se; porque pelo caminho tinham disputado entre si qual era o maior.
> 35 E êle, assentando-se, chamou os doze, e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos.
> 36 E, lançando mão de um menino, pô-lo no meio dêles, e, tomando-o nos seus braços, disse-lhes:
> 37 Qualquer que receber um dêstes meninos em meu nome a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, recebe, não a mim, mas ao que me enviou.

Perguntou-lhes: Que estáveis vós discutindo pelo caminho? (v. 33): Consta em Mateus (18:1) que os discípulos perguntaram a Cristo qual dentre êles seria o maior no reino dos céus. É provável que dois ou três dos discípulos queriam saber isso de Jesus e que Êle adiou a resposta até que todos se ajuntassem em Cafarnaum.

Cristo acabara de falar-lhes acêrca de Seus sofrimentos e de Sua glorificação, v. 31. Imediatamente todos os discípulos, esperando que Êle estabelecesse logo Seu reino, acharam de grande vantagem conseguir a promessa de um lugar de honra. Grande é a tentação de olhar para a desejada coroa e se esquecer do árduo serviço e da pesada cruz. Três dos doze foram hon-

rados, com serem levados ao alto do monte da transfiguração. Logo foi a preocupação de todos acêrca de quais dentre êles seriam escolhidos para os principais lugares no reino.

Parece que cada discípulo esperava a preferência. Pedro sempre servia como a voz do grupo, já recebera as chaves e naturalmente esperava ser chanceler-mor. Judas já "tinha a bolsa" e ansiava pelo lugar de ministro do tesouro, colocação que deveria levantá-lo do lugar de desprêzo para o da maior honra. João, o discípulo do amor, esperava por isso alcançar o mais alto lugar de todos. André fôra chamado antes de todos os outros e devia ter a preferência. Como é fácil pensar, sem verdadeiro fundamento, que seremos honrados acima do próximo por causa de uma bênção qualquer que recebemos de Deus.

Observe-se: Se fôsse realmente a vontade de Cristo que Pedro e seus supostos sucessores em Roma servissem como cabeças da Igreja, por que não informou os discípulos disso nesta ocasião. Mas, ao contrário, Êle sempre condenava tal autoridade ou primazia na Sua Igreja. Seja quem fôr, que pretenda ocupar tais posições, são intrusos, são embusteiros. Em vez de apontar qualquer discípulo para êsses lugares de honra, Êle os preveniu a não aspirá-los.

Mas êles calaram-se... (v. 34): Todos devemos esperar dar contas a Cristo por tudo que aconteça entre nós, enquanto andamos pelo caminho desta vida. Mas de tôdas as contendas, certamente teremos de prestar contas das nossas lutas para ocupar os lugares de mais honra. Não há uma coisa mais contrária à humildade, nem mais afastada do amor, do que ceder à tentação de dominar o próximo. É pecado que merece a mais severa repreensão de Cristo.

Se alguém quiser ser o primeiro, será... o servo de todos (v. 35): Há, contudo, uma honra verdadeira, santa e eterna. É adquirida, não pela carnalidade, mas

pelo espírito humilde e sincero de servir ao próximo — como Cristo o fêz. "Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja," I Tim. 3:1. Pois tais, como Paulo, servem "em trabalhos, muito mais (II Cor. 11:23), tornando-se servos de todos, I Cor. 9:19.

E, lançando mão de um menino (v. 36): Cristo, como os profetas da antiguidade, ensinava por meio de gestos, sinais e objetos materiais. A lição da humildade é tão importante que, de qualquer maneira, devemos aprendê-la .Em vez de menosprezar as crianças, como nosso orgulho nos leva a fazer, devemos contemplá-las e meditar nesta lição de Cristo, sôbre a humildade.

Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos (Mat. 18:3): Aos que procuram os lugares de mais honra no reino, Jesus declara que realmente não estão no reino. Anjos foram lançados fora dos céus por causa de orgulho. Os que se ensoberbecem, cairão na condenação do diabo, I. Tim. 3:6. Se não abandonarmos o nosso orgulho, a entrada nos céus ser-nos-á vedada.

Se não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino de Deus (Mat. 18:3): É evidente, portanto, que as criancinhas são salvas.

Aquêle que se tornar humilde como êste menino, êsse é o maior no reino dos céus (Mat. 18:4): A resposta de Jesus causa grande surprêsa. Conforme a idéia popular, deve responder: Quem pois, se tornar como um anjo, ou como o pastor de nossa igreja, êsse é o maior no reino dos céus.

Se não vos fizerdes como meninos (Mat. 18:3): Não como meninos: (1) No entendimento, I Cor. 14:20. (2) Na firmeza, Efés. 4:14. (3) Na censura, Mat. 11: 16,17. (4) No conhecimento da Palavra, Heb. 5:12-14. Mas sim como meninos: (1) Em desejar o leite espiritual da Palavra, I Ped. 2:2. (2) Em confiar no Pai celestial que nos alimentará e vestirá, Mat. 6:25. (3)

Isentos de malícia, I Cor. 14:20. (4) Na humildade. É a isso que se refere Cristo ao dizer: "Se não vos fizerdes como meninos." Como crianças, "não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes, não sejais sábios em vós mesmos," Rom. 12:16.

Qualquer que receber um dêstes... (v. 37): Receiamos que se nos humilharmos como criança, ninguém nos receberá mais? Receiamos que o próximo nos maltratará? Mas a essa dificuldade Cristo antecipa, acrescentando: "Qualquer que receber em meu nome um menino tal como êste, a mim me recebe. Mas qualquer que escandalizar um dêstes pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundeza do mar," Mat. 18:5,6. Essa palavra divina é como uma barreira de fogo em redor de Seus fiéis.

A mim me recebe (v. 37): Quem põe sua mão sôbre a cabeça da criança, põe-na sôbre o coração da mãe da criança. Igualmente, quem recebe um dos mais pequenos recebe a Cristo, que tanto ama os pequeninos.

VI. A TOLERÂNCIA E A CARIDADE, 9:38-41.

9:38 E João lhe respondeu, dizendo: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não nos segue.

39 Jesus, porém, disse: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim.

40 Porque quem não é contra nós é por nós.

41 Porquanto qualquer que vos der a beber um copo dágua em meu nome, porque sois *discípulos* de Cristo, em verdade vos digo que não perderá o seu galardão.

Lede os comentários sôbre Luc. 9:49,50, em Lucas: o Evangelho do Filho do homem.

VII. OS ESCÂNDALOS E OS TROPÊÇOS, 9:42-50.

Esta é uma das mais solenes admoestações da Palavra de Deus. É ainda mais impressionante porque vem dos lábios do bondoso, amável e meigo Salvador. O assunto é, primeiramente, sôbre o gravíssimo pecado de levar o próximo a tropeçar, v. 42. Depois trata-se das igualmente graves conseqüências de se escandalizar com qualquer coisa ou qualquer pessoa, vs. 43-50.

42 E qualquer que escandalizar um dêstes pequeninos que crêem em mim melhor lhe fôra que lhe pusessem ao pescoço uma mó de atafona, e que fôsse lançado no mar.
43 E, se a tua mão te escandalizar, corta-a; melhor é para ti entrares na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga;
44 Onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga.
45 E, se o teu pé te escandalizar, corta-o; melhor é para ti entrares coxo na vida, do que, tendo dois pés, seres lançado no inferno, no fogo que nunca se apaga;
46 Onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga.
47 E, se o teu ôlho te escandalizar, lança-o fora; melhor é para ti entrares no reino de Deus com um só ôlho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno;
48 Onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga.
49 Porque cada um será salgado com fogo, e cada sacrifício será salgado com sal.
50 Bom *é* o sal; mas, se o sal se tornar insulso, com que o adubareis? tende sal em vós mesmos, e paz uns com os outros.

E qualquer que escandalizar um dêstes pequeninos (v. 42): Refere-se tanto aos de pouca experiência, de pouca fôrça, de pouco entendimento, de pouco talento, de pouca oportunidade, como aos de poucos anos de idade. O mais pequenino é tão amado por Deus como qualquer dos grandes.

Melhor lhe fôra que lhe pusessem ao pescoço uma mó de atafona (v. 42): Não uma mó de moinho manual, como as mulheres usavam (Luc. 17:35), mas do tipo movido por bêstas.

E que foi lançado no mar (v. 42): É melhor pedir a Deus que nos leve antes de cometer algum pecado.

Se a tua mão te escandalizar, corta-a (v. 43): Não se refere à operação cirúrgica, mas ao ato repentino de decepar êsse membro. Na questão de pecados que destroem a alma, não convém abandoná-los gradualmente, mas de um só golpe.

Ires para o inferno... (v. 43): O Senhor, nesta passagem, fala três vêzes no "inferno." Três vêzes menciona o "bicho que não morre." Refere-se cinco vêzes ao "fogo que nunca se apaga." Merecem a nossa mais solene meditação; não é necessária qualquer explicação.

Esta admoestação é do coração mais amável de todo o universo. É o amor, não o ódio, que avisa os homens do perigo de se escandalizarem. É a mão de amor que dá alarme de incêndio. É o amor que acende o farol para evitar o naufrágio dos homens. É cruel quem recusa, ou se descuida de prevení-los.

Melhor é... do que... seres lançado no fogo do inferno (v. 47): Melhor é ser lançado no fundo do mar, com grande pedra pendurada ao pescoço; melhor é sofrer a perda de uma das mãos, de uma das pernas, de um dos olhos; melhor é qualquer sofrimento desta vida do que entrar no fogo do inferno, que nunca se apaga.

Tende sal em vós mesmos (v. 50): Os comentadores geralmente concordam em que o v. 49 se refere ao sal das ofertas queimadas. Vide Lev. 2:13. Convém ter sempre no coração aquilo que dá sabor a nossa oferta. Isto é, a graça do Espírito Santo, que nos salva, nos santifica, nos purifica e nos conserva de tôda a corrução.

Tende paz uns com os outros (v. 50): Como entre os apóstolos, a maior parte da confusão e contendas

entre os crentes é devida à ambição. Vide vs. 30-50. Só pode haver "inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões" (Gal. 5:20) entre nós, enquanto cobiçamos carnalmente os lugares de mais honra e desprezamos os humildes.

As circunstâncias mudam-se repentinamente. O melhor amigo é muito inconstante. Mas Jesus é sempre a Rocha secular. Resolvamos, com a Sua graça, a nunca nos escandalizar com qualquer circunstância, nem com qualquer homem, mas permanecer ao lado dAquêle que nos ama constante e eternamente.

Que as palavras do Senhor, ao encerrar êste assunto de escândalos, soem para sempre em nossos ouvidos: "Tende paz uns com os outros."

Capítulo X

O JOVEM RICO

Todos os três Evangelistas, Mateus, Marcos e Lucas, narram a história do *jovem rico* logo após a de Jesus receber e abençoar as crianças. Isso é, talvez, porque o jovem rico veio a Jesus imediatamente depois de Êste tomar as crianças nos braços para abençoá-las. Ou seja, também, porque os dois acontecimentos salientam as condições necessárias para entrar no reino de Deus. No primeiro caso, é indispensável a humildade e a confiança, exemplificadas nas crianças de colo. No segundo acontecimento é essencial renunciar-se a si mesmo com tudo que possui.

I. RUMO À JUDÉIA, 10:1.

Quantos filhos de Deus lêem êste versículo sem notar como era solene a ocasião. O Salvador de almas findara Seu ministério na Galiléia, onde se criara, e partiu de caminho à Jerusalém e à cruz.

Lede os comentários sôbre Mat. 19:1,2, em Mateus: o Evangelho do Rei.

II. A QUESTÃO DO DIVÓRCIO, 10:2-12.

Lede os comentários sôbre Mat. 19:3-12 e 5:27-32, em Mateus: o Evangelho do Rei.

III. JESUS ABENÇOA AS CRIANÇAS, 10:13-16.

Há em tôda a literatura um quadro mais lindo? O Messias segurando uma criança no colo! Quantas mães,

depois de contemplá-lo, acariciam seus filhos com amor mais profundo, com carinho mais santo? Quantos pais anelam inculcar, aos seus filhinhos, sentimentos mais altos e mais puros e que são realmente eternos. Quantos filhos, depois dêste gesto de Jesus, ardem no desejo de sempre honrar ao Salvador que ama as crianças? Quantos orfanatos já foram fundados por pessoas inspiradas pela cena de Jesus acolher as crianças no Seu colo?

> 10:13 E traziam-lhe meninos para que lhes tocasse, mas os discípulos repreendiam aos que lhos traziam.
>
> 14 Jesus, porém, vendo *isto,* indignou-se, e disse-lhes: Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus.
>
> 15 Em verdade vos digo que qualquer que não receber o reino de Deus como menino, de maneira nenhuma entrará nêle.
>
> 16 E, tomando-os nos seus braços, e impondo-lhes as mãos, os abençoou.

O grande valor desta passagem é de despertar a Igreja de Cristo à constante e incansável atividade em prol das almas dos filhos de seus membros. O grande Cabeça da Igreja achou tempo para servir os pequeninos particularmente. Não há crime maior do que descuidar das crianças. Nenhuma é demasiada nova para aprender o mal, nem para receber impressões de Deus. Não há cena mais triste do que ver os pais nos cultos enquanto seus filhos ficam ociosos em casa, ou andam nas ruas. O alvo mais alto da Escola Dominical, da família e de tudo que fazemos, é a salvação de nossos filhos.

E traziam-lhe meninos (v. 13): Convém àqueles, que glorificam a Cristo, achegando-se a Êle, glorificá-Lo ainda mais, levando-Lhe o maior número possível de parentes e conhecidos.

Não sabemos quem levou as crianças a Jesus; foram, talvez, suas mães. Bem-aventuradas mães, que

confiam em Jesus a ponto de levar-Lhe seus filhos! Mas triste é a vida de menino cuja mãe não ora.

Para que lhes tocasse (v. 13): Não parece que estas crianças estivessem enfermas ou que carecessem de qualquer coisa para o físico, nem que eram da idade de receber instrução. É bom levar nossos filhos a Jesus antes de ficarmos constrangidos por causa duma doença, ou outra grande necessidade.

Mas os discípulos repreendiam os que lhos traziam (v. 13): Muitos que os crentes repreendem, o Mestre convida.

Mas por que os discípulos os repreendiam? Talvez pelas quatro seguintes razões:

1) Jesus estava sobrecarregado de serviço e não achavam bom que o povo O incomodasse, levando-Lhe suas crianças.

2) Não reconheciam o valor intrínseco das crianças; não viram nelas qualquer utilidade para a obra de Cristo. Somos inclinados, também, a desprezar as crianças porque não se comportam sempre convenientemente e, também, estorvam os que desejam trabalhar. Devemos, contudo, concordar com certo estimado pregador que disse: "Desejo que as crianças assistam aos cultos. Jesus ama os meninos. Há grandes poderes e incalculáveis possibilidades latentes em nossos filhos."

3) Não acreditavam que os meninos se tivessem desenvolvido suficientemente para aproveitarem-se do ministério do Mestre. Tinham a idéia de que uma criança tem de tornar-se como um adulto para entrar no reino de Deus. E isso apesar do que Cristo ensinara um pouco antes! Mar. 9:34-37.

4) Parece que os discípulos repreendiam os que levavam suas crianças a Jesus, porque, também, não se impressionavam com as necessidades das crianças. Se tivessem levado crianças doentes para Cristo curar, sem dúvida os discípulos lhes teriam concedido livremente um lugar. Mas julgavam êsses filhinhos sadios, sem ne-

cessidade de bênçãos espirituais. Jesus, porém, não julgava assim.

É só o Evangelho que acolhe os meninos. O materialismo considera-os no nível dos animais. Os romanos deixaram suas crianças expostas no campo. As tribos antigas ofereceram-nas como holocaustos a Moloque. Os maometanos consideram as mães e as crianças como de casta inferior. O induísmo esquece-se do filhinho que gera e o deixa a perecer nas ribanceiras do Ganges. Os chineses são conhecidos como infanticidas. As palavras de Cristo: "Deixai vir a mim os meninos..." têm transformado a atitude da Igreja e do mundo para com os meninos.

Foi Spurgeon que disse: "Se não abandonardes a idéia de que as crianças, nascidas de pais crentes, são superiores às outras; se não deixardes de pensar que têm dentro de si o bem que precisa apenas desenvolver-se, então perdereis o grande motivo de abandonar-vos a um santo ardor. Crede-me, irmãos, vossos filhos precisam do Espírito de Deus para dar-lhes corações novos e espíritos retos, e se não, vão estraviar-se como fazem os filhos dos demais. Lembrai-vos de que há uma pedra no seio, mesmo do mais novo. Deve-se retirar êsse coração de pedra, ou será a ruína do filho. Há uma tendência para o mal antes de desenvolver em ato, e esta tendência pode ser vencida só pelo Espírito, que leva o filho a nascer de novo."

Jesus, porém, vendo isto, indignou-se (v. 14): Lede os comentários sôbre Mar. 3:5.

Deixai vir os meninos a mim (v. 14): Os meninos não foram levados a Cristo porque estavam enfermos, mas para receberem uma bênção espiritual. Não foram levados como ato de formalismo, mas com propósito de receber bênçãos práticas e de incalculável valor. Não podemos fazer melhor do que levar nossos filhos a Cristo, para realmente entregá-los aos Seus cuidados. É sòmente Êle que pode guiá-los e fazê-los prosperar,

e isso Êle fará por Seu Espírito. Ao mesmo tempo convém pedir a plenitude do Espírito Santo para criá-los na doutrina e admoestação do Senhor, Efés. 6:4.

Os pais erram gravemente se não começam a ensinar aos filhos as coisas de Deus antes de qualquer outra coisa. Deve ser o alvo que nossos filhos saibam as sagradas letras desde a infância, II Tim. 3:15-17.

Deixai vir os meninos a mim (v. 14): Compare a resposta de Cristo à queixa dos sacerdotes, por causa das crianças que clamavam louvores no templo, Mat. 21:15,16. Quanto a Deus, Êle aceita os "hosanas" das crianças diante de Seu trono.

Citamos novamente Spurgeon, que é reconhecido como um dos pregadores de maior experiência prática: "Digo com certeza que tenho mais confiança na vida espiritual de meninos, que tenho recebido na igreja, do que nas condições espirituais dos adultos assim recebidos. Digo ainda mais, que geralmente encontro um conhecimento mais lúcido do Evangelho e um amor mais ardente a Cristo nos meninos convertidos do que nos adultos em nossas igrejas. É de ainda mais admiração quando digo que encontro, repetidamente, uma experiência mais profunda em meninos de dez a doze anos de idade do que em qualquer pessoa de cincoenta a sessenta anos."

É bom seguir o exemplo dos pastores que preparam e dirijem senhoras devotas da igreja na arte de levar as crianças a Jesus para a salvação. Para êsse fim, realizam-se classes tôdas as semanas em vários lares da cidade.

Respondeu certa mãe, quando lhe perguntaram o segrêdo de os filhos servirem a Cristo com grande dedicação: "Quando eram criancinhas de colo, ao banhá-las, levantava o meu coração a Deus, para que Êle as lavasse no sangue que purifica de todo o pecado. Quando os vestia de manhã, pedia que o Pai celestial os vestisse do manto da justiça de Cristo. Quando colocava perante êles a comida, orava que Deus alimen-

tasse suas almas com o pão dos céus e lhes desse a beber da água da vida. Ao prepará-los para os cultos da casa de Deus, rogava que seus corpos fôssem preparados para serem templos do Espírito Santo. Quando saíram para a escola, seguiram-nos em espírito, orando que nas suas vidas, andassem na vereda dos justos que aumenta de brilho até o dia perfeito. E, ao deitá-los para dormir de noite, a respiração da minha alma sôbre êles foi que o Pai celestial os aceitasse nos Seus braços e os segurasse com as Suas mãos."

Porque dos tais é o reino de Deus (v. 14): Estas palavras, se as aceitarmos como são, nos ensinam que as criancinhas, antes da idade de responsabilidade, participam da obra propiciatória de Cristo na cruz. E se as aceitarmos espiritualmente, revelam os atributos necessários aos que querem entrar no reino de Deus: a humildade, a confiança, a sinceridade, etc., como se vê em uma criancinha.

E, tomando-os nos seus braços (v. 16): Os pais pediram a Cristo que "tocasse" aos seus filhos. Mas Aquêle que faz "muito mais abundantemente, além daquilo que pedimos e pensamos", tomou-os nos Seus braços, Efés. 3:20,21. Verdadeiramente o nosso bendito Rei cumpre a profecia: "Entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seu regaço," Isa. 40:11.

E impondo-lhes as mãos, os abençoou (v. 16): O crente mais firme e provado não vive tanto tomando de Cristo Jesus como tomado por Êle, Fil. 3:12. Nossa segurança não está tanto em que conhecemos a Deus, mas no fato de Êle nos conhecer, Gal. 4:9. É justamente nisso que há esperança para as criancinhas. Nem podem estender as mãos a Cristo, mas Êle lhes impõe as mãos.

IV. O JOVEM RICO, 10:17-31.

Conta-se a história de certo navio, esperado por muitos dias, que, por fim, conseguiu entrar salvo no

pôrto. Não havia mais comida, nem combustível, a bordo. Depois de gastar todo o carvão, lançaram mão à carga, e a todos os petrechos do navio, para alimentar o fogo e alcançar o pôrto. O navio baixou ferros, uma casca sem nada de valor para ancorar. É assim que muitos ricos entram no pôrto da velhice, com tudo da sua vida consumido; a virilidade, o caráter e a esperança. São ricos, sim, na vista do mundo. Mas diante de Deus são apenas como a casca do navio da sua vida. O rico desta lição chegou a Jesus ainda jovem. É o tempo próprio. "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho nêles contentamento." Ecl. 12:1.

10:17 E, pondo-se a caminho, correu para êle um homem, o qual se ajoelhou diante dêle, e lhe perguntou: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

18 E Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? ninguém *há* bom senão um, *que* é Deus.

19 Tu sabes os mandamentos: Não adulterarás; não matarás; não furtarás; não dirás falsos testemunhos; não defraudarás alguém; honra a teu pai e a *tua* mãe.

20 Êle, porém, respondendo, lhe disse: Mestre, tudo isso guardei desde a minha mocidade.

21 E Jesus, olhando para êle, o amou e lhe disse: Falta-te uma *coisa*: vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás *um* tesouro no céu; e vem, segue-me.

22 Mas êle, pesaroso desta palavra, retirou-se triste; porque possuía muitas propriedades.

23 Então Jesus, olhando em redor, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

24 E os discípulos se admiraram destas suas palavras; mas Jesus, tornando a falar, disse-lhes: Filhos, quão difícil é, para os que confiam nas riquezas, entrar no reino de Deus!

25 É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.

26 E êles se admiravam ainda mais, dizendo entre si: Quem poderá pois salvar-se?

27 Jesus, porém, olhando para êles, disse: Para os homens *é* impossível, mas não para Deus, porque para Deus tôdas *as coisas* são possíveis.

28 E Pedro começou a dizer-lhe: Eis que nós tudo deixámos, e te seguimos.

29 E Jesus, respondendo, disse: Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, *ou* irmãos, ou irmãs, ou pai ,ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do Evangelho.

30 Que não receba cem vêzes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições; e no século futuro a vida eterna.

31 Porém muitos primeiros serão derradeiros, e *muitos* derradeiros serão primeiros.

A entrevista do moço rico com Cristo, como tôdas as entrevistas com Cristo narradas nos Evangelhos, merece esmerado estudo de todos nós. Êsse jovem rico foi ter com Jesus, não procurando alívio de uma enfermidade do corpo, não rogando por um filho, mas querendo paz acêrca da salvação da sua própria alma.

Correu (v. 17): O jovem rico mostrou grande interêsse em ver a Jesus, talvez receioso de não alcançá-Lo antes de Êle partir do lugar.

Correu para êle um homem (v. 17): Era: (1) "Mancebo", Mat. 19:20. (2) "Muito rico," Luc. 18:23. (3) "Príncipe", isto é, talvez, chefe de uma sinagoga, Luc. 18:18.

Um outro chefe do povo foi ter com Jesus de noite (João 3:1,2), talvez por causa da opinião popular, mas o mancebo rico foi abertamente, em pleno dia.

O qual se ajoelhou (v. 17): Respeitava a pessoa e palavra de Cristo. Humilhou-se perante Êle. Era sincero, como sua pergunta nos revela. Mas não estava salvo; reconhecia a Jesus como "Bom Mestre", mas não como seu Salvador. Convém aos que se esforçam para ganhar almas para Cristo reconhecer que todos os que correm para Êle e se ajoelham diante dÊle, nem por isso, estão salvos.

E lhe perguntou (v. 17): Vê-se na pergunta do mancebo que não estava satisfeita com a sua vida. Tudo que tinha era só como casca, faltando-lhe o gôzo do Espírito, dentro.

Que farei (v. 17): Ao levantar-nos de manhã, há perante nós um dia, um dia que vai passar para nunca voltar. Como será bom perguntar sinceramente a Jesus: "Que bem farei?", Mat. 19:16. Se conseguirmos alegrar uma pessoa por dia, serão 365 durante o ano. E se fôr concedido quarenta anos de serviço, serão 14.600 pessoas animadas e ajudadas. Um dos maiores alvos da vida é o de ajudar o próximo levar sua carga, Gal. 6:2. Isto é, apontá-lo Àquele que quer levar tôdas as nossas cargas.

Que farei para herdar a vida eterna? (v. 17): A pergunta que sobrepuja a qualquer outra, que nossos lábios jamais formularão, é esta de como podemos alcançar a vida eterna.

A interrogação do jovem rico mostra que errou: (1) Em pensar que podia praticar uma coisa boa para herdar a vida eterna e (2) em dar a entender que êle mesmo era bom. É evidente que êle tinha mais "razão" de pensar e falar assim do que a grande maioria dos homens.

Se encostar ao ouvido um búsio do mar, ouve-se, parece, a reminiscência do seu lar original. O bramido das águas, o lamento do vento, o gemido das ondas se discernem lá. Lembra-nos que o búsio pertence às grandes profundezas. Igualmente, ao escutar os ais, os anelos, os sonhos, as tristezas e a música da alma, estamos lembrados de que ela foi feita para Deus e só o Divino pode satisfazê-la.

Ninguém há bom senão um que é Deus (v. 18): Jesus não queria dizer que o homem nunca é bom? Lede Mat. 12:35; 25:21; Atos 11:24. Nem dizia que êle mesmo não era bom. Compare às outras Escrituras. João 10:11,14; etc. O homem bom é bom porque Deus habita nêle, e nunca por meio dos seus próprios esfor-

ços. Ser verdadeiramente bom é sempre e ùnicamente o fruto do Espírito Santo. Gal. 5:22. E Jesus queria que o mancebo reconhecesse seu êrro em supor que Cristo era sòmente um homem que tinha aperfeiçoado a carne.

Não matarás... (v. 19): Note como Jesus não incluiu: "Não cobiçarás", na lista dos mandamentos que citou. Parece-nos que quis acordar a consciência do rapaz, não mencionando de propósito êsse mandamento que era justamente o que o jovem ignorava na sua vida.

Se pudermos ter a salvação por guardar os mandamentos, Cristo não teria ido a cruz. Vide Rom. 3:20.

Tudo isso guardei... (v. 20): Pensava sinceramente que tinha guardado a lei desde a mocidade. Igualmente Saulo de Tarso achava que era irrepreensível quanto à justiça que há na lei. Fil. 3:6. Foi-lhe revelado, porém, quanto tinha errado do que a lei exigia. Rom. 7:7-24. Êste mancebo rico mal entendia seu próprio estado perante Deus. Nunca chegara a reconhecer que a lei trazia a morte.

Como é fácil enganar-nos nisso, pensando que Cristo quer ensinar a salvação adquirida, guardando a lei. O jovem rico firmava-se na lei, e buscava a vida procurando guardar a lei. E Jesus o encontrou na base da lei, usando a lei como aio (Gal. 3:24), para conduzir o jovem a Cristo, para que fôsse justificado pela fé e não pelas obras.

Jesus olhando para êle, o amou (v. 21): Jesus contemplou o coração do mancebo. I. Sam. 16:7. Compare, também, Gal. 2:20: "O qual *me* amou e se entregou a si mesmo por *mim.*" Há uma coisa comovente no fato de Cristo contemplar, com terno amor, o estado de nosso coração. Êle olha, não tanto para o que estamos fazendo mas para nós. "Olhou para êle," o jovem rico, "e o amou."

Jesus, porque ama, leva-nos a contemplar, face a face, o nosso triste estado e isso apesar dessa descoberta quebrantar-nos o coração. O "Bom Mestre" mostrou-lhe só uma coisa necessária, mas foi bastante

para lançá-lo nas trevas espessas do desespêro. Chegou a ver que amava os seus muitos bens mais que a vida eterna.

Os que, como o mancebo rico, confiam na sua própria justiça, querem cultivar e aperfeiçoar a carne até ficar perfeito. Porém, pode-se polir o latão até brilhar como ouro, mas nem por isso se torna em ouro.

Jesus, olhando para êle, o amou (v. 21): Mas o mancebo contemplou a Jesus sem O amar!

Ao vermos algo para condenar do próximo, olhemos para ver se não há, também, algo para amar.

Falta-te uma coisa (v. 21): Ao dizer isso, foi como se o grande Médico colocasse Seu dedo no ponto da enfermidade do jovem rico. Sua Palavra é "viva e eficaz, e mais penetrante do que espada." Há sempre uma coisa que falta mesmo aos mais aperfeiçoados entre os homens, Rom. 3:23.

O jovem rico possuía quase tudo que é bom: riqueza, prestígio, fôrça, religião verdadeira. Mas lhe faltava o essencial, Cristo. O relógio mais precioso do mundo é inútil se não tiver corda. Sem bússola o navio mais moderno não está seguro. O campo mais fértil e melhor preparado não dá colheita se não fôr semeado. O homem não precisa adulterar, matar ou roubar para perder-se. Basta só rejeitar a Cristo. O mancebo rico era, portanto, mais, pròpriamente, o mancebo pobre.

Na vida de todos os homens há certo pecado, negócio ou objeto, que evita que cheguem a Cristo. Temos tratado disso, como o jovem rico, na presença de Deus?

Vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres (v. 21): Que o Senhor não exige que todos os filhos de Deus vendam tudo que possuem, é evidente. Não o mandou a Nicodemos, a Zaqueu, nem a qualquer outra pessoa. Lede I Tim. 6:17-19; Tiago 1:9,10; etc. A verdadeira lição é que devemos considerar o Senhor Jesus superior a tudo que temos e colocar o que é espiritual na frente de tudo que é material. Mat. 6:33; Luc. 14:33.

Vende tudo (v. 21): O Mestre sabia que um só ídolo abrigado em nosso coração pode destruir a alma para sempre. Quantos ouvintes estão prontos a levantar a mão em resposta ao apêlo de unir-se à Cristo, ou de pedir oração, mas acham demais entregar *tudo* a Jesus?

E dá-o aos pobres (v. 21): É freqüentemente contada a história da criança que meteu a mão num vaso de metal, do qual não podia retirá-la depois. Tudo que a família experimentasse para libertar o menino era em vão. Por fim chamaram o médico. Êste perguntou à criança por que introduzira a mão em um lugar tão estreito. O garoto explicou-lhe que queria a bola de gude, que estava dentro. O pai, por fim ,conseguiu persuadi-lo a afrouxar a mão do brinquedo, que muito cobiçava. Assim o menino retirou a mão sem a menor dificuldade! Não foi isso a dificuldade do mancebo rico, que não precisava tanto *fazer* uma coisa boa (Mat. 19:16) mas *deixar* alguma coisa (Mar. 10:21) para ter a vida eterna?

Terás um tesouro no céu (v. 21): Mas recusou, e quem atualmente possui os seus bens?

Já vistes, em qualquer túmulo, inscrição constando quanto o falecido possuía em cruzeiros?!

Mas êle, pesaroso desta palavra (v. 22): À semelhança do moço rico, chamamos o Senhor Jesus de "Mestre", enquanto recusamos submeter-nos a Sua vontade? Ou achamos melhor seguir o exemplo de certo pregador que dizia: "Sob a lei o povo de Deus dava o dízimo, mas sob a graça é gôzo dar tudo que tenho, e a isto acrescentar mais a minha própria pessoa."

Retirou-se triste (v. 22): Como é triste a escolha de quaisquer bens terrestres, em vez de Jesus! Retirou-se de que? De Cristo. Da sua única esperança. Da luz. Da salvação. Saiu para que? Para os seus poucos cruzeiros, e êstes para lhe serem retirados. Saiu para as trevas. Saiu para o desespêro. Compare Atos 4:12. Nem podia achar contentamento mais no seu dinheiro. Chegou

correndo, retirou-se triste. O que deposita tudo aos pés de Jesus, em vez de perder algo, ganha tudo.

Podia sair alegre, porém, retirou-se triste. Certo jovem médico, com o diploma na mão, saía de um dos mais afamados colégios de medicina. Havia chegado o dia em que devia entrar em um dos dois caminhos que podia seguir durante tôda a vida. Sentiu o Salvador chamando-o para servir como missionário em um país muito distante e desprezado, onde a necessidade do povo era mui grande. Porém ficava atraído a alcançar a honra de médico rico e famoso na sua própria cidade. Nesse dia, andando nas ruas, a luta na sua alma era grande, mas por fim resolveu ficar na sua terra. Muitos anos depois, confessou a um amigo que sua vida, que parecia feliz, era de fato muito triste, e reconhecia seu grande êrro quando recusou fazer a vontade de Deus, que o chamava. O Senhor não podia dar-lhe aquilo que queria, no Seu amor para com êle. Ninguém pode recusar a Cristo sem retirar-se triste.

Porque possuía muitas propriedades (v. 22): Dr. Guilherme Taylor fala de alguns marinheiros que andaram em terra, onde se embriagaram. Regressando ao navio, embarcaram numa canoa, no cais. Ao amanhecer o dia, ainda se achavam remando, e só então perceberam que tinham remado tôdas aquelas horas porque não desataram a canoa do cais, onde estava prêsa! De maneira analógica, os homens se apegam a algum objeto de valor, a alguma propriedade, a algum pecado, ou a alguma idéia que não querem abandonar. E assim, apesar de se esforçarem diàriamente, não desenvolvem na vida de Cristo.

Quem poderá pois salvar-se? (v. 26): Quantas vêzes, depois do encontro do jovem rico com Jesus, os Seus discípulos se admiraram, ao saber que o homem bom, inteligente, talentoso, irrepreensível na vida diária, e de família distinta, não pôde entrar no reino de Deus por causa de suas riquezas?

A resposta do Senhor é dupla: (1) É absolutamente impossível que qualquer homem se salve a si mesmo. (2) Que a salvação do homem, apesar de tão difícil, é possível com Deus.

O problema não é tanto o de possuir riquezas. É mais o de as riquezas nos possuírem a nós. Mesmo o que tem poucos recursos pode confiar nêles. O que tem muito dinheiro pode ser pobre de espírito, Mat. 5:3. Muitos que não têm dinheiro se acham ricos de espírito, isto é, orgulhosos e confiando em si mesmos. É o amor do dinheiro que é a raíz de tôda espécie de males, I Tim. 6:10.

Muitos primeiros serão derradeiros (v. 31): (Compare Mat. 20:1-16.) Os que servem ao Senhor alegremente, receberão mais do que os que trabalham motivados pelo galardão. Note, também, que nem todos os primeiros serão os últimos; nem todos os últimos, os primeiros.

Era ocasião de grande crise na vida do mancebo rico quando fôra correndo a Cristo. É sempre, ao encontrar-se face a face com o Salvador, o ponto de mudança, ou para o bem ou para o mal.

Durante todo o tempo da construção da primeira ponte afamada do rio Tai na Escócia, foi exigida uma fiscalização rígida e apresentação todos os dias de atestados da qualidade de materiais e da mão de obra. O chefe dos engenheiros foi condecorado no dia da inauguração da grande obra. Mas, apesar de tudo isso, a ponte, ao passar o primeiro trem, repleto de passageiros, riu e caiu no estonteante abismo. Ninguém, da multidão de passageiros, escapou da morte para contar a horripilante tragédia. Não há ponte sôbre o grande abismo entre nós e o céu, senão Jesus Cristo, João 1:51; Atos 4:12. Todos que experimentarem passar pela ponte do jovem rico, a de fazer boas obras, cairão no inferno, de onde nunca sairão.

V. JESUS ANUNCIA PELA TERCEIRA VEZ A SUA MORTE, 10:32-34.

O Mestre anunciara a Sua morte a primeira vez, Mar. 8:31; a segunda vez, Mar. 9:30-32.

Lede os comentários sôbre Mat. 20:17-19, em Mateus: o Evangelho do Rei.

VI. O PEDIDO AMBICIOSO DE TIAGO E JOÃO, 10:35-45.

Jesus e Seus discípulos faziam a mais significativa viagem da história humana. Foi viagem mais importante do que a de Abraão quando saiu da sua parentela, a de Jacó fugindo de Esaú e dormindo em Betel,a de Israel do Egito em demanda a Canaã. Aproximava-se a hora que era o alvo de tôda a vida de Jesus na terra, de Seu sacrifício na cruz do Calvário. Uma das tragédias do Evangelho é que, enquanto Cristo se humilhava até a morte, e morte pela cruz, os doze apóstolos procuravam glória para si mesmos.

10:35 E aproximaram-se dêle Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo: Mestre, quereríamos que nos fizesses o que pedirmos.

36 E êle lhes disse: Que quereis que vos faça?

37 E êles lhe disseram: Concede-nos que na tua glória nos assentemos, um à tua direita, e outro à tua esquerda.

38 Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu bebo, e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?

39 E êles lhe disseram: Podemos, Jesus, porém, disse-lhes: Em verdade, vós bebereis o cálice que eu beber ,e sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado;

40 Mas o assentar-se à minha direita, ou à minha esquerda, não me pertence a mim concedê-lo, mas isso é para aquêles a quem está reservado.

41 E os dez, tendo ouvido *isto,* começaram a indignar-se contra Tiago e João.

42 Mas Jesus, chamando-os *a si,* disse-lhes: Sabeis

que os que julgam ser príncipes das gentes delas se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sôbre elas;

43 Mas entre vós não será assim; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal:

44 E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro será servo de todos.

45 Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.

Depois de Jesus recusar o trono de Israel, na ocasião de alimentar os 5.000 homens, Sua popularidade diminuiu. João 6. Mas Seus discípulos, apesar de ouvirem-nO dizer clara e detalhadamente três vêzes que ia morrer, ficavam tão tomados de esperança vã que não podiam dar lugar nos seus pensamentos para a cruz. Vide Luc. 18:34. Ainda com as mesmas idéias do mundo acêrca do reino de Cristo e crenças carnais de grandeza foram movidos por ambição.

E aproximavam-se dêle Tiago e João... (v. 35): Consta em Mat. 20:20 que a mãe de Tiago e João (chamava-se Salomé, Mar. 16:1) se aproximou de Jesus, "fazendo-lhe um pedido". Parece que, faltando a Tiago e a João a coragem de fazer tal pedido, os dois instigaram sua mãe a falar a Jesus.

Tiago e João (v. 35): Êstes dois irmãos, "os filhos de trovão" (Mar. 3:17), fizeram êste pedido movidos por seu zêlo ardente.

O pedido era natural: Jesus tinha predito que os doze iam sentar-se em doze tronos, julgando as doze tribos de Israel. Mat. 19:28. Era muito natural que êstes dois, sendo, como Pedro, do grupo mais íntimo ao coração do Mestre, esperassem ocupar os dois lugares mais altos.

O pedido era de interêsse: Êles queriam receber do Mestre em vez de dar. Ai da obra de Deus quando o ministro da Palavra pensa só em que pode receber!

O pedido era irreverente: Como quase sempre, quando o crente tem ambição, o pedido era muito precipitado e impertinente. Os dois queriam que Jesus se tornasse sócio na ambição carnal e na vaidade dêles.

O pedido era louvável: Apesar do interêsse, reconheciam Jesus como Rei e queriam ocupar o lugar mais chegado a Êle. Foi só com o choque do Calvário que perderam as idéias carnais acêrca do reino e só com a ressurreição que foram restaurados para o que pensavam que tivessem perdido.

O pedido era errado: Pensavam que podiam adquirir, como na política, colocação de honra e grande ordenado no reino de Cristo por amizade e influência em vez de merecimento e capacidade.

Mães, tende aspirações nobres para os vossos filhos. A maior parte das mães faz o mesmo que Salomé; querem riquezas carnais em vez das espirituais. Como são grandes as tristezas que seus filhos têm de passar por causa da sua escolha de divertimento, casamento, ofício, etc., sem a direção do Senhor. O único caminho seguro é uma vida para glorificar a Cristo e não a si mesmo.

Concede-nos... (v. 37): Êstes discípulos eram fiéis servos que tinham deixado tudo para o Mestre, porém êste pedido revela que não tinham deixado o seu interêsse próprio. Enquanto o Mestre estava se humilhando para servir a muitos, êles queriam ser honrados para serem servidos por muitos. A cruz era o centro da vida do Salvador; a sua própria pessoa, o centro da vida dêles.

Parece que Satanás quis mostrar a Jesus que todos os Seus esforços em favor dos apóstolos eram debalde. Dava para desanimar a qualquer pessoa a não ser Jesus.

Êste evento prova que os doze não foram escolhidos pelos seus merecimentos mas pela graça do Senhor.

Não sabeis o que pedís (v. 38): É como se dois moços se apresentassem diante de uma convenção dos

crentes pedindo: "Concede-nos a honra de sermos os dois evangelistas de mais prestígio entre tôdas as igrejas." Com a mesma ternura do Salvador para com Tiago e João, a resposta seria: "Não sabeis o que pedís."

Compare estas palavras às de Tiago 4:3: "Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites." Se o nosso filhinho pedir uma navalha não a podemos conceder. Quanto mais o Pai celestial tem de recusar o que não nos convém pedir? O que teria acontecido se Cristo tivesse dado a Tiago e João aquilo que desejavam? Quem pode imaginar o orgulho e espírito de domínio que os dois discípulos do meigo e humilde Jesus teriam assumido se os tivesse colocado nos dois lugares de mais honra?

Contudo, quando insistimos, Deus, às vêzes, concede-nos aquilo que não é pròpriamente a Sua vontade dar. Compare Sal. 106:15.

Mas Cristo realmente respondeu ao pedido de Tiago e João, porém de maneira diferente do que esperavam. Pediram tronos e Cristo mostrou-lhes o caminho de disciplina e sacrifício, necessários para alcançar um trono. Quando pedimos fé, muitas vêzes, achamo-nos receiosos e tomados de dúvida, obrigando-nos a exercer nossa fé. Pedimos humildade e Deus nos permite ser humilhados. Pedimos amor, e Deus deixa uma pessoa perversa intervir, para exercer o amor que Êle nos concede. Rogamos paciência e Deus manda a tribulação que "obra a paciência."

Bebereis o calix que eu beber (v. 39): Dentro de catorze anos, Tiago, o primeiro martir entre os doze, deu a sua vida, Atos 12:1,2. João morreu com a idade de setenta a oitenta anos, suportando perseguição por mais tempo que qualquer outro dos doze. Compare Apoc. 1:9. Tiago e João eram, afinal de contas, queridos discípulos, apesar de sua ambição, e Cristo o sabia, tratando-os com ternura.

Não me pertence a mim concedê-lo (v. 40): Isto é, Êle não podia conceder colocação na base de íntima amizade mas só pelos princípios e normas do Pai desde a eternidade.

Os dez começaram a indignar-se (v. 41): Isto, não porque sentiram indignação justa, mas porque tinham a mesma ambição dos dois. Sentimo-nos irritados ao ver o defeito no próximo, porque temos o mesmo defeito. E quando alcançamos a vitória sôbre o defeito, teremos a vitória sôbre nossa queixa do próximo.

Note-se como há orgulho, inveja e ambição de adqirir a primazia, mesmo entre os verdadeiros filhos de Deus.

Nesta ocasião havia bastante combustível e fogo para fazer grande conflagração. A história está repleta de grandes contendas sôbre coisas de menos importância. Note-se como Jesus acalmou tudo. Não por condená-los mas dando mais completa instrução acêrca da grandeza verdadeira e o meio para alcançá-la.

Os que julgam ser príncipes das gentes delas se assonhoreiam (v. 42): Em todos os lugares e em todos os séculos, os homens sentem-se grandemente honrados quando servidos, e julgam que é a maior desonra servir. Isto é porque o homem, por natureza, é interesseiro e porque se engana pensando que a grandeza consiste em ostentação, luxo, recursos financeiros e poder político.

Mas entre vós não será assim (v. 43): É excluído da Igreja de Cristo tôda a carnalidade de distinção de ordem e classe. A Igreja não é uma hierarquia, em que se beija a mão e o pé dos chamados "príncipes", mas uma democracia na qual Cristo é o cabeça e todos os membros são irmãos. Isso quer dizer que não podemos tratar qualquer líder da igreja por "vossa alteza", "vossa reverendíssima", "sua santidade", etc., Mat. 23:8-11.

Servo de todos (v. 44): A palavra "servo" neste versículo quer dizer o mesmo que escravo. É a maior felicidade ser "escravo" do meigo Senhor dos senhores.

Não se deve julgar a verdadeira grandeza de um filho de Deus pelo serviço que lhe é prestado mas pelo serviço que êle presta ao próximo.

Cristo não condena a aspiração de ser verdadeiramente grande. A palavra "ambição" quase sempre tem a idéia de aspiração imoderada. Mas a aspiração é pecado só quando é dirigida em proveito próprio, ignorando o bem estar do próximo. Napoleão sacrificou um milhão de vidas humanas para realizar a sua ambição. A aspiração de ser maior é aprovada por Deus quando tem o alvo de negar-se a si mesmo para alcançar o maior grau em servir a Deus e ao próximo. Compare I Cor. 12:31; 14:12.

O princípio de grandeza é ser pequeno. O desenvolvimento da grandeza é ser cada vez menor. E a perfeição da grandeza é ser nada.

Como o cochicho que voa mais alto faz seu ninho mais baixo; como o rouxinol, cujo canto é cativante, canta só na sombra quando tudo está descansando; como os galhos mais carregados de fruto maduro encurvam-se mais para baixo; e como o navio mais carregado anda mais baixo nas águas; assim o filho de Deus mais santo, é o mais humilde.

Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos (v. 45): Note-se como cada uva madura e saborosa, desta caixa celestial (isso é, o v. 45), está cheia de mosto do reino:

PORQUE O FILHO DO HOMEM. Era o Filho de Deus, divino e eterno, mas veio como o Filho do homem. Gozava da mais profunda comunhão com Deus; entrou no mais íntimo contato com os homens, tomando sôbre Si a semelhança da carne pecaminosa.

VEIO. Neste ato, descobriu Sua preexistência e infinito amor. Existiu antes de vir ao mundo. Não foi expulso do céu, mas partiu da Sua livre vontade.

NÃO PARA SER SERVIDO. Aquêle que veio ao mundo podia chamar todos os anjos dos céus e invocar

tôdas as leis e todos os recursos da natureza para Lhe servirem. Contudo não veio para ser servido, como um rei.

MAS PARA SERVIR. Os homens nada tinham para Lhe oferecer. Êle possuía tôdas as riquezas da Divindade. Veio para ministrar à humanidade pobre e pecaminosa. Quem, senão Êle, podia assumir tal tarefa. Para êsse fim, cingiu-se com a toalha para o serviço humilde.

E DAR A SUA VIDA. Os homens não tinham vida digna de dar; realmente não possuíam vida. Como pecadores haviam perdido tudo; estavam condenados. A vida de Cristo era pura, plena, potente! Êle dedicou tudo para servir aos perdidos.

EM RESGATE. Era indispensável que houvesse um resgate. Cristo morreu em nosso lugar. Levou em Seu corpo os nossos pecados sôbre o madeiro, I Ped. 2:24.

DE MUITOS. Morreu em lugar de miríades de almas. Êste resgate é suficiente para tôdas as pessoas "de todo o mundo," I João 2:2. É uma porta tão alta como o trono de Deus; tão baixa como a mais profunda necessidade dos homens; e larga para dar entrada a "quem quiser" passar para dentro. Já entraste?

VII. A CURA DO CEGO DE JERICÓ, 10:46-52.

Vede os comentários sôbre Luc. 18:35-43, em Lucas: o Evangelho do Filho do homem.

Capítulo XI

O SERVO ENTRA NA CIDADE SENTENCIADA

O serviço do Servo do Senhor se ia encerrando. Era a última semana do Seu trabalho na terra. No primeiro dia dessa semana, talvez num domingo, Êle entrou na cidade de Jerusalém, cavalgando um jumentinho. No segundo dia dessa semana, amaldiçoou a figueira e purificou o templo. No terceiro dia, diante da figueira que amaldiçoara e que secara desde a raiz, ensinou as lições práticas sôbre a oração da fé em contraste à religião morta. Não muitas horas depois dêsse discurso, o Servo estava na cruz, completando a obra que o Pai O enviara a fazer.

I. A ENTRADA SOLENE DE JESUS EM JERUSALÉM, 11:1-11.

A entrada, assim, de Jesus em Jerusalém, foi uma parábola, não em palavras, mas em representação. Andar sôbre jumento emprestado, estender vestes e espalhar ramos pela estrada, eram símbolos de soberania, com a qual se apresentava ao povo de Israel como seu Rei. O que se chama *entrada triunfal* dá pouca idéia da Sua entrada, quando voltar na Sua glória.

Acêrca da "entrada triunfal", lede os comentários sôbre Luc. 19:28-40, em Lucas: o Evangelho do Filho do homem.

II. A FIGUEIRA SEM FRUTO, 11:12-26.

Note-se a maneira de o Evangelista, no versículo onze, resumir tudo que Jesus fêz durante o primeiro dia depois de Sua memorável entrada na cidade de Jerusalém.

11:12 E, no dia seguinte, quando sairam de Betânia, teve fome,

13 E, vendo de longe uma figueira que tinha fôlhas, foi *ver* se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão fôlhas, porque não era tempo de figos.

14 E Jesus, falando, disse à figueira: Nunca mais coma alguém fruto de ti. E os seus discípulos ouviram *isto*.

15 E vieram a Jerusalém; e Jesus, entrando no templo, começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo; e derribou as mesas dos cambiadores e as cadeiras dos que vendiam pombas.

16 E não consentia que alguém levasse *algum* vaso pelo templo.

17 E os ensinava, dizendo: Não está escrito — A minha casa será chamada por tôdas as nações casa de oração? Mas vós a tendes feito covil de ladrões.

18 E os escribas e príncipes dos sacerdotes, tendo ouvido *isto,* buscavam ocasião para o matar; pois êles o temiam, porque tôda a multidão estava admirada acêrca da sua doutrina.

19 E, sendo já tarde, saiu para fora da cidade.

20 E êles, passando pela manhã, viram que a figueira se tinha secado desde as raízes.

21 E Pedro, lembrando-se, disse-lhe: Mestre, eis que a figueira, que tu amaldiçoaste, se secou.

22 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Tende fé em Deus;

23 Porque em verdade vos digo que qualquer que disser a êste monte: Ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito.

24 Por isso vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e te-lo-eis;

25 E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que *está* nos céus, vos perdoe as vossas ofensas;

26 Mas, se vós não perdoardes, também vosso Pai, que *está* nos céus, vos não perdoará as vossas ofensas.

No dia seguinte, quando saíram de Betânia (v. 12): "No dia seguinte" do dia em que entraram em Jerusalém — segunda-feira. "E, de manhã, voltando para a cidade," Mat. 21:18. Nenhum dos amigos de Cristo na cidade de Jerusalém, queria hospedá-Lo. Todos te-

miam os homens em eminência. (Vide Luc. 19:47.) Contudo, por causa da obra que Êle tinha de fazer na cidade, voltava tôdas às vêzes para la. Não nos convém abandonar o trabalho que Deus nos dá para cumprir, por causa da malícia dos inimigos, e nem por causa da dureza dos amigos.

Teve fome (v. 12): O Filho de Deus era homem, sujeitando-se às enfermidades da natureza. Era homem enérgico, absorto no Seu serviço a ponto de se esquecer, repetidamente, de comer. Sua comida era fazer a vontade do Pai. O zêlo da casa de Deus O devorava, Sal. 69:9. No tempo desta lição, não demorou para comer na casa de Seus amigos em Betânia, mas saiu de manhã em jejum.

Uma figueira (v. 13): "Betfagé (v. 1), quer dizer, "casa dos figos." Isso é, região em que se cultiva figos.

Nunca mais coma alguém fruto de ti (v. 14): Êste milagre de Jesus, o de amaldiçoar a figueira, é singular. Todos os outros foram para alegrar Seus amigos, nenhum para o terror, nem para o castigo de Seus inimigos. Observe-se que foi na segunda-feira da última semana antes da Sua morte. Viera a última vez para a Sua nação, fôra rejeitado e devia rejeitar a nação. O milagre de amaldiçoar a figueira demonstra o fato de Lhe estar entregue todo o julgamento e que não era apenas poderoso para salvar, mas também, para destruir.

A figueira viçosa, mas sem figos, é notável emblema de Israel no tempo do ministério de Jesus. Israel era todo ostentação exterior; o templo, o sacerdócio, os ritos diários no templo, as festas anuais, as Escrituras do Velho Testamento. Mas por baixo das "fôlhas bonitas", a Igreja judaica estava destituída de fruto. Não tinha graça, nem fé, nem amor, nem poder, nem santidade, e nem anelo de receber seu Messias. Devia, portanto, como a figueira, murchar e morrer. Jerusalém devia ser destruída, o templo arrazado. Havia de murchar e secar até as raízes.

Estas coisas foram escritas, não sòmente para os judeus, mas "para nosso ensino", Rom. 15:4. Não corre perigo todo ramo, sem fruto, da Igreja de Cristo? Quantas igrejas têm apenas fôlhas? Enfeitadas de templos suntuosos, de sermões eloqüentes, de formalismo organizado, mas sem o poder do Espírito Santo, ficam infrutíferas e sentenciadas a secar até as raízes.

Disse-lhes: Tende fé em Deus (v. 22): A secura é o julgamento da esterilidade. A cura, disse Jesus, é *ter fé em Deus,* fé viva e prática em Deus que é o mesmo ontem, hoje e para todo sempre.

Qualquer que disser a êste monte: Ergue-te... será feito (v. 23): O monte, para o qual apontava ao dizer isso, era, talvez, o sôbre o qual foi construído o templo. A fé removeria êsse monte de formalismo morto — ou qualquer outro obstáculo de nossa vida.

Não há obstáculo, absolutamente não há, que permaneça diante de uma fé viva no Deus Todo-poderoso.

III. A AUTORIDADE DE JESUS É CONTESTADA. 11:27-33.

Lede os comentários sôbre Mat. 21:23-27, em Mateus: o Evangelho do Rei.

Capítulo XII

O SERVO EM CONFLITO COM INIMIGOS

Narra-se, neste capítulo, alguns dos discursos de Cristo no templo, dois ou três dias antes de Sua morte. Armando ciladas para tirar-Lhe a vida, os três grandes partidos entre os judeus, fariseus, herodianos e saduceus, entraram abertamente em conflito, experimentando enredá-Lo por meio de perguntas astutas.

I. A PARÁBOLA DOS LAVRADORES PERVERSOS, 12:1-12.

Esta é uma das três parábolas registradas por todos os três Evangelistas; Mateus, Marcos e Lucas. Concluímos, portanto, que sua mensagem é uma das mais importantes. Com a leitura de Isaías 5:1,2 vê-se como os judeus, com esta parábola de Jesus, ficaram vìvidamente lembrados da parábola dada à nação mais de sete séculos antes.

Acêrca da parábola dos lavradores, lede os comentários sôbre Mat. 21:33-46, em Mateus: o Evangelho do Rei.

II. A QUESTÃO DO TRIBUTO, 12:13-17.

Quando o tempo chegou, por fim, de ir à cruz, Jesus encarou a situação com coragem e firmeza. Entrou em Jerusalém, a cidadela de Seus inimigos. Era como se entrasse em cova de leões. Contudo, entrou como vencedor, e não como vencido. Desde a cura do cego, bartimeu, em Jericó, até a entrada triunfal em Jerusalém,

Jesus se comportava como conquistador, regressando para sentar-se no trono. Purificou o templo, desafiando, com autoridade divina, tanto os sacerdotes como os escribas e fariseus.

12:13 E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem n*alguma* palavra.

14 E, chegando êles, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és homem de verdade, e de ninguém se te dá, porque não olhas à aparência dos homens, antes com verdade ensinas o caminho de Deus; é lícito dar o tributo a César, ou não? Daremos, ou não daremos?

15 Então êle, conhecendo a sua hipocrisia, disse-lhes: Por que me tentais? trazei-me *uma* moeda, para que *a* veja.

16 E êles *lha* trouxeram. E disse-lhes: De quem é esta imagem e inscrição? E êles lhe disseram: De César.

17 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Dai *pois* a César o *que é* de César, e a Deus o *que é* de Deus. E maravilharam-se dêle.

Enviaram-lhe... (v. 13): Lembra-nos a rainha de Sabá, que foi a Salomão para pô-lo à prova com problemas difíceis, I Reis 10:1. A rainha, estupefata diante da glória de Salomão, declarou: "Eu não dei crédito às palavras, até que vim, e vi com os meus próprios olhos. Eis que me não contaram a metade." Não apenas os amigos de Jesus, mas os próprios inimigos, como se vê nesta ocasião, têm de dizer o mesmo acêrca do Servo do Senhor. Não há pergunta que Lhe seja difícil responder. Êle mesmo é a resposta a todos os nossos problemas.

Alguns dos fariseus e dos herodianos... (v. 13): Foram os sacerdotes, isto é, os saduceus, que enviaram êstes "espias" (Luc. 20:20) para O apanharem em alguma palavra, Luc. 20:19,20. Acêrca dêsses três partidos, fariseus, herodianos e saduceus, lede os comentários sôbre Mar. 8:15. Os três tinham uma única coisa em comum, ódio a Jesus. Apesar das iras uns dos outros, uniram suas fôrças para destruir a Jesus. Não foi

a única vez que homens, inimigos uns dos outros, se combinaram para findar com a obra de Deus.

Para que o apanhassem... (v. 13): Isto fizeram por causa da parábola que Jesus proferira, a dos lavradores maus. Compare v. 12. Queriam apanhá-Lo nalguma palavra, porém êles mesmos foram apanhados. A Palavra de Deus é viva e eficaz, mesmo para apanhar os que cuidam em nos apanhar.

Observe-se como os inimigos de Jesus queriam arrastá-Lo ao sorvedouro político. Convém-nos evitar o que Cristo evitava.

Mestre, sabemos que és homem de verdade... (v. 14): Tôdas as palavras dêsses "espias" eram a verdade, contudo, foram proferidas com hipocrisia. As palavras de Jesus são verdadeiras. Seu coração é verdadeiro. Seus motivos são puros. Êle mesmo é a verdade, João 14:6. Os "espias" falavam com razão, "Jesus, porém, conhecendo a sua malícia, disse: Por que me experimentais, hipócritas?"

A bajulação é uma das armas mais mortíferas de Satanás. Qual foi a causa da ruína de Sansão? Não foram os exércitos dos filisteus, mas o falso amor duma filistéia. Qual foi a causa de Salomão desviar-se de Deus? Não foi a fôrça dos inimigos que guerreavam contra Israel, mas o carinho de suas espôsas estrangeiras. Qual a causa do grande tropêço de Ezequias? Não a espada de Senaqueribe, nem as ameaças de Rabsaqué, mas a bajulação da embaixada do rei da Babilônia, II Reis 20. A paz muitas vêzes leva a nação par uma ruína pior do que a da guerra. O doce é a causa de maior doença do que o amargo. Satanás é mais para ser temido quando aparece como anjo de luz. O mundo é mais perigoso quando nos sorri. Judas traiu a Jesus com um beijo. O crente que resiste o olhar carrancudo do mundo faz bem, mas aquêle que resiste a sua bajulação faz melhor.

É lícito dar o tributo a César ou não? (v. 14): Isto foi talvez a pergunta mais difícil de responder que podiam formular, movidos por seu ódio e astúcia. Se Jesus dissesse que sim, comunicariam aos judeus que era inimigo da nação e a favor dos romanos que oprimiam o país. Se respondesse que não, denunciariam-nO às autoridades romanas, como Dirigente de um levantamento contra o govêrno romano. Compare Luc. 23:2. Se recusasse responder, fariam disto prova de sua culpa contra os dois lados. Aprenderam essa astúcia de seu pai, o diabo (João 8:44), mas a sabedoria divina sobrepujava grandemente a arte de êles armar ciladas.

Então êle, conhecendo a sua hipocrisia (v. 15): Os olhos de Cristo são como holofotes nos céus, diante os quais nada se pode esconder. Convém, sempre, que nossas orações sejam sinceras perante Êle ou estaremos condenados por causa delas.

Trazei-me uma moeda (v. 15): Se Aquêle que era rico, mas se tornou pobre, possuísse a pequena moeda, não a pediria. Era um Salvador sem dinheiro, porém enriquecendo a muitos crentes.

Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus (v. 17): Sob a teocracia judaica não havia separação entre as obrigações a Deus e ao Estado, porque todos eram governados por Deus. Mas Cristo, com as palavras dêste versículo, mostra que deve haver agora uma separação clara e distinta enter o Estado e a Igreja.

A Deus pertencemos, corpo, alma e espírito, mas quais são as coisas que pertencem a César, isto é, ao govêrno civil? A obediência e a submissão (Rom. 13:1; I Ped. 2:13,14); os tributos e os impostos. Pode-se recusar obedecer às autoridades civis sòmente quando exigem o que é pecado fazer, Atos 5:29; Dan. 3.

Daí, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus (v. 17): Era o fim do mês e certo operário de uma fábrica pagava sua conta num armazém. O

trôco que recebeu de volta era muito pouco e o caixeiro lhe disse: "Êste é para a oferta amanhã." Respondeu o crente: "Irmão, já tirei do ordenado primeiro a parte que pertence a Deus." Não era homem de grandes estudos mas aprendera a importante lição de administrar retamente os bens que o Senhor lhe confiara, fazendo suas ofertas alegremente e pagando fielmente o dízimo.

E maravilharam-se dêle (v. 17): Admiravam-se dÊle e saíram para as trevas. Não é suficiente ver a luz; deve tornar-se filho da luz, confiar nela e andar nela.

Há resposta certa para todos os problemas. Nem sempre sabemos qual é, mas conhecemos Aquêle que a sabe.

Vemos em Jesus a aplicação de Sua exortação: "Sêde prudentes como as serpentes e simples como as pombas," Mat. 10:16. Nos inimigos de Jesus vê-se a sabedoria das serpentes nas serpentes. Mas em Jesus descobre-se a sabedoria das serpentes na pomba. "Eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem," Luc. 21:15. Êle mesmo estava cheio do Espírito da Sabedoria. Ninguém jamais O enredou, nem O enganou. Nunca tropeçou. Sua resposta aos astutos hipócritas deixou-os maravilhados e confundidos.

III. A QUESTÃO DA RESSURREIÇÃO, 12:18-27.

Os fariseus tinham fracassado abertamente na tentativa de apanhar a Jesus em uma questão sôbre o tributo. Mas os saduceus, por seu turno, ficavam ainda mais determinados a enredá-Lo por meio de um argumento, que consideravam irrespondível, sôbre a impossibilidade de haver ressurreição.

12:18 Então os saduceus, que dizem que não há ressurreição, aproximaram-se dêle, e perguntaram-lhe, dizendo:

19 Mestre, Moisés nos escreveu que, se morresse o irmão de alguém, e deixasse mulher e não deixasse fi-

lhos, seu irmão tomasse a mulher dêle, e suscitasse descendência a seu irmão.

20 Ora havia sete irmãos, e o primeiro tomou mulher, e morreu sem deixar descendência;

21 E o segundo também a tomou e morreu, e nem êste deixou descendência; e o terceiro da mesma maneira;

22 E tomaram-na os sete, sem, contudo, terem deixado descendência. Finalmente, depois de todos, morreu também a mulher.

23 Na ressurreição, pois, quando ressuscitarem, de qual dêstes será a mulher? porque os sete a tiveram por mulher.

24 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Porventura não errais vós em razão de não saberdes as Escrituras nem o poder de Deus?

25 Porquanto, quando ressuscitarem dos mortos, nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como os anjos que *estão* nos céus.

26 E, acêrca dos mortos que houverem de ressuscitar, não tendes lido no livro de Moisés como Deus lhe falou na sarça, dizendo: Eu *sou* o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó?

27 Ora Deus não é de mortos, mas sim é Deus de vivos. Por isso vós errais muito.

Na ressurreição, pois, ... de qual dêstes será a mulher? (v. 23): Os saduceus, por meio dêsse argumento absurdo, baseado sôbre sete homens que, um após outro, se casaram com a mesma mulher, julgavam demonstrar quanto é ilógica a doutrina da ressurreição. Quem não sabe como ferve a contenda entre dois namorados, cada um determinado a adquirir para si a mesma moça? Quanto maior seria, na ressurreição, a luta de *sete* homens por ganharem para si a mesma mulher?! Os saduceus, por meio dessa história, muito improvável, esperavam mostrar como a doutrina da ressurreição é absurda e, assim, destruir tudo que Cristo ensinava. Descobre-se, repetidamente, na Palavra de Deus, que os argumentos fabricados pelos homens contra as Escrituras são realmente antiquíssimos e não recentes, como parecem.

Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus (Mat. 22:29): Com estas palavras, Cristo destaca as duas causas principais de engano em crenças religiosas:

1) *Porque não conhecemos as Escrituras.*

Sem as Escrituras os homens andam às apalpadelas, nas trevas. Pois "não é do homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir seus passos," Jer. 10:23. A Palavra de Deus é lâmpada aos nossos pés, a única luz ao nosso caminho, Sal. 119:105. Sem a exposição da Palavra de Deus, não há luz, não há entendimento, Sal. 119:130.

Os saduceus teriam respondido indignados, insistindo em que conheciam as Escrituras. Sabiam repetir corretamente trechos extensos da lei e dos profetas. Podiam recitar, de imediato, qualquer texto pedido. Entre êles havia homens que recitavam todo o Velho Testamento de cór. Contudo não conheciam as Escrituras. Possuíam as palavras. Conheciam o sentido gramatical. Orgulhavam-se na explicação literária. Faltava-lhes, contudo, o entendimento espiritual e prático, sem o qual, os homens permanecem nas trevas. Note-se como os sacerdotes conheciam a Escritura que Cristo citou (Exo. 3:6), mas não a conheciam pràticamente.

Mas não devemos pensar que o Velho Testamento não ensina a ressurreição. Os saduceus de fato ignoravam tais passagens como Jó 19:26; Sal. 17:15; Dan. 12:2. Não há igualmente, muito engano hoje, entre as denominações, por causa de ignorância das Escrituras?

Mas, por que não conheciam as Escrituras. Em primeiro lugar, porque eram saduceus. Pertenciam a um partido dado a certas interpretações da Palavra de Deus. Sentiam-se obrigados a permanecer fiéis às doutrinas da sua seita. Não ousavam olhar para as Escrituras para saber o que realmente ensinavam. Deviam

procurar interpretações das Escrituras que se conformassem com os preconceitos da sua denominação. Convém-nos fazer qualquer sacrifício antes de cair no êrro dos saduceus.

2) *Porque não conhecemos o Poder de Deus.*

Os que não conhecem o poder de Deus sempre limitam as Suas promessas para se conformarem com suas próprias idéias acêrca do que seja possível.

Os saduceus se consideravam a si mesmos homens honestos, governados pelo bom senso, afastando-se de tudo que fôsse sobrenatural ou milagroso. (Vide Atos 23:8).

Parecia incrível aos saduceus que Deus ressuscitasse os mortos, simplesmente porque não compreendiam como o Criador podia fazê-lo. É moda de muitas pessoas, mesmo entre os eruditos, até hoje. Em resumo: Não compreendemos certo fenômeno, portanto não pode existir. E se certas passagens da Bíblia refutam nossa doutrina, dizemos que a linguagem é figurada ou simbólica.

O argumento dos saduceus era baseado na sabedoria humana. Convém sempre distinguir entre os argumentos filosóficos, que são incertos, e as doutrinas baseadas nas Escrituras, que são inabaláveis. (Vide Col. 2:8.)

Não é bom senso limitar a operação de Deus à compreensão de homens mortais e cegos pelo pecado. Quando os saduceus citaram o exemplo da mulher casada sete vêzes, apresentaram sua doutrina a uma luz mais clara, porém esta luz não era menos que o negrume das trevas da ignorância.

Como no tempo de Cristo, muitos crentes continuam a errar, (1) porque não conhecem as Escrituras, (2) nem o poder de Deus.

Ressusctiarem de entre os mortos (v. 25 — Versão Almeida Revisada): A idéia de ressurreição geral de to-

dos ao mesmo tempo não é bíblica. Deve ser nosso alvo alcançar a primeira ressurreição, a dos julgados dignos de ressuscitarem dentre os mortos. (Compare Luc. 20:35.) Vêde João 5:28,29; I Tes. 4:16; Apoc. 20:4.

Como os anjos nos céus (v. 25): Não seremos, portanto, só espíritos sem corpo. Não haverá mais decomposição do físico dos homens, portanto, não será necessário comer, nem beber. Não haverá mais decomposição da espécie humana — hão haverá mais doença, nem morte, portanto, não haverá necessidade de nascimento, nem de casamento.

Ora Deus não é de mortos, mas sim é Deus de vivos (v. 27): Então é certo que Abraão, Isaque e Jacó, com todos os nossos queridos que "dormiram em Cristo", estão vivos. Na morte do crente, "o pó volta para a terra como era" mas não é só seu fôlego ("vento" como alguns querem traduzir a palavra nessa passagem) que "volta para Deus que o deu." (Vide Ecc. 12:7) O Criador, depois de fazer o homem, "soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente," Gên. 2:7. Deus não é Deus de apenas um sôpro de vento que sai das narinas do homem. É Deus de Abraão, Isaque, Jacó e todos que dormiram em Cristo — e êsses estão vivos, Mar. 12:27.

IV. A QUESTÃO DO MANDAMENTO MÁXIMO, 12:28-34.

Os fariseus e os herodianos foram os primeiros, nesta ocasião, que experimentaram enredar Jesus em uma das questões populares. Quando os saduceus, também, falharam no seu intento, os fariseus tentaram novamente. "E os fariseus, ouvindo que êle fizera emudecer os saduceus, reuniram-se no mesmo lugar; e um dêles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar," Mat. 22:34, 35.

12:28 Aproximou-se dêle um dos escribas que os tinha ouvido disputar, e sabendo que lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos?

29 E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos *é*: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

30 Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de tôda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de tôdas as tuas fôrças: êste *é* o primeiro mandamento.

31 E o segundo, semelhante a êste, *é*: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que êstes.

32 E o escriba lhe disse: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dêle;

33 E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de tôda a alma, e de tôdas as fôrças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.

34 E Jesus, vendo que havia respondido sàbiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém ousava perguntar-lhe mais nada.

Um dos escribas (v. 28): Os escribas copiavam as Escrituras à mão. Eram os "doutores da lei", isto é, mestres da lei de Moisés. (Vide Luc. 5:17; Atos 5:34.)

Sem dúvida, êsse escriba era um daqueles que planejava apanhar a Jesus por meio de perguntas astutas. Mas, depois de ver a maneira de Êle responder à pergunta acêrca do tributo e da ressurreição, parece que a pergunta que fêz não era astuta mas de coração sincero, querendo saber a doutrina do Mestre. A pessoa com coração aberto será atendida por Jesus.

Qual é o primeiro de todos os mandamentos? (v. 28): Qual é o primeiro em importância, o mais fundamental, o mais básico. Era uma das questões entre as escolas rivais dos judeus. Alguns achavam o mandamento acêrca da circunscisão mais importante. Outros avançavam com razões para considerar as leis dos sacrifícios mais importantes. Ainda outros queriam

mostrar que o mandamento de observar o sábado era mais importante. Apesar de todos os mandamentos serem importantes, há, contudo, "preceitos mais importantes da lei," Mat. 23:23.

E Jesus respondeu-lhe (v. 29): O Mestre viu, por baixo do espírito de sofisma e astúcia dêsse escriba, seu anelo de saber a verdade, anelo que o levou à porta do reino de Deus. Aos perdidos, que desejam discutir, convém tratar com amor. O Espírito Santo quer fazer a Sua obra nos seus corações.

Ouve Israel (v. 29): A resposta que Jesus deu ao escriba, não foi para êle particularmente, mas para todos que procuram saber a verdade — para todo o Israel.

Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor (v. 29): Isto os judeus devotos recitavam duas vêzes por dia, costume observado até hoje. É a grande proclamação da fé nacional em um só Deus vivo e pessoal, em contraste à crença das nações em numerosos deuses.

Amarás, pois, ao Senhor... (v. 30): O nosso dever a Deus expressa-se por uma só palavra, *amar*. Se a essência da lei divina consistisse em obras, seria impossível exprimi-la por uma única palavra; pois não há um só ato que inclua todos os outros exigidos pela lei. O resumo da lei de Deus, sendo uma afeição da alma, pode-se exprimir por um só têrmo — mas sòmente por êsse têrmo. O *temor,* que devemos a Deus e que Êle ordena, é *limitado* em esfera e *distante* em caráter. A confiança em Deus, a esperança em Deus, etc., são igualmente essenciais. Mas é sòmente o amor que abrange tudo.

AMARÁS AO SENHOR TEU DEUS: *Deus exige plena submissão.*

1) Exige tôdas as nossas afeições — *de todo o teu coração*. O grande pecado dos homens é que duvidam do amor de Deus para com êles. Eva comeu do fruto

proibido porque pensava que Deus lhe negasse o bem, Gên. 3:1-6.

Deus destruiu os homens do mundo antediluviano porque "tôda a imaginação dos pensamentos de seu *coração* era só má contìnuamente," Gên. 6:5. Isto é, o amor para com Deus desaperecera do *coração* dos homens.

A religião de cabeça (intelecto) deve ser mais profunda, deve ser do coração, para agradar o Deus de amor e misericórdia.

Deus quer todo o nosso coração. Se reservarmos um cantinho para nós, aí pode brotar um mal para destruir a nossa vida inteira.

2) Deus exige tôda a nossa vida — *de tôda a tua alma*.

Outras pessoas têm seus ídolos, mas o Senhor quer tôda a nossa alma.

O Senhor quer a adoração, não apenas de nosso intelecto e de nossos lábios mas de tôda a nossa alma. "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome," Sal. 103:1.

3) Deus exige todos os nossos pensamentos — *de todo o teu entendimento*.

O nosso entendimento parece muito limitado? Convém abrir nosso coração e deixar a Palavra entrar. Se não, "ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebata o que foi semeado no seu coração," Mat. 13:19. Se, apesar de não entender a Palavra, guardamo-la no coração (qual Maria, Luc. 2:33,51), o Senhor dará entendimento.

Como se pode amar a Deus de todo o entendimento, sem conhecer Sua Palavra, a Bíblia, de capa a capa? Haveria tantas denominações, se todos os filhos de Deus conhecessem a Palavra ìntimamente? A inteligência dos homens dá para entender a Palavra sem êles o pedirem a Deus? (Vide I João 5:20; II Tim. 2:7; Sal. 119:18, 73, 125.)

4) Deus exige todos os esforços de nosso ser — *de tôda a tua fôrça*

Quantos crentes amam a sua família, o seu dinheiro, à sua vida carnal, com tôda a sua fôrça. Há *Um,* porém, que é infinitamente maior que a nossa família, maior que o nosso dinheiro, maior que a nossa vida carnal!

Mas como se adquire êsse amor para com Deus? Não é natural aos homens. Nascem no pecado e, como pecadores, temem a Deus. Como, então, podem amá-Lo? Sòmente quando têm paz para com Deus, por intermédio de Cristo. Os homens amam a Deus porque Êle os amou primeiro, I João 4:19. (Lede também Jer. 17:9; Joel 2:13; Ezeq. 11:19; II Cor. 5:17.)

E o segundo, semelhante a êste, é:... (v. 31): Não se pode colocar o segundo mandamento no lugar do primeiro, como muitas pessoas querem. É sòmente depois de conhecer e amar a Deus, que os homens podem amar pròpriamente ao próximo. (Vide I João 4:11,19; Rom. 13:8-10.) Amar o semelhante como a nós mesmos é fazer-lhe como queremos que êle nos faça, Mat. 7:12.

E Jesus... disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus (v. 34): Êste escriba, na sua resposta (vs. 32, 33) mostrou maior iluminação do que se encontra na maioria dos homens. Contudo, não nascera de novo. Estava perto do reino de Deus, mas se para êle entrou, as Escrituras não o revelam. Faltava-lhe a experiência de outro escriba eminente, que disse: "Sabemos que a lei é espiritual: mas eu sou carnal, vendido sob o pecado... Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?!" A sua experiência foi tal que podia acrescentar: "Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!" (Rom. 7:14-25.)

E já ninguém ousava perguntar-lhe mais nada (v. 34): Tudo findou ao contrário do que os inimigos de Cristo planejaram. E Jesus estava mais honrado pelo povo do que nunca. As autoridades podiam prendê-Lo sòmente quando afastado do povo.

V. A QUESTÃO DE DAVÍ E O MESSIAS, 12:35-37.

Os inimigos de Jesus experimentaram enredá-Lo por meio de três questões, uma após outra. Suas respostas não sòmente serviam para confundir Seus inimigos, mas para a direção de Seu povo depois. A primeira pergunta foi sóbre as obrigações políticas e civis; a segunda, acêrca das leis da natureza e do material; a terceira, do reino moral e ético. Então Jesus lhes faz uma pergunta na esfera da filosofia e da religião.

> 12:35 E, falando Jesus, dizia, ensinando no templo: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi?
> 36 O próprio Davi disse pelo Espírito Santo: O Senhor disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.
> 37 Pois, *se* Davi mesmo lhe chama Senhor, como é logo seu filho? E a grande multidão o ouvia de boa vontade.

Pois se Davi mesmo lhe chama Senhor; como é logo seu Filho (v. 37): Um pai jamais chamava a seu filho "senhor", e quanto mais o pai sendo rei, como Davi! Era um problema que os judeus só podiam solver com aceitar o mistério do Messias que é Homem e Deus.

A grande multidão o ouvia de boa vontade (v. 37): Isto é, as massas, o povo pobre e sem instrução, se mostrava de coração aberto a Cristo. Foram as autoridades religiosas que tiraram a chave da ciência, não entrando e nem deixando o povo entrar. (Compare Luc. 11:52.)

Como se adquire êsse amor para com os semelhantes? Não é natural aos homens. Nascem êles "insensatos, desobedientes, vivendo em malícia e inveja," Tito 3:3. Devem renascer e receber à mente de Cristo. Devem despojar-se do velho homem e revestir-se do novo homem. Sem o Espírito Santo é impossível amar ao próximo com amor verdadeiro. O fruto do Espírito é o amor, Gal. 5:22.

VI. O ESPÍRITO FARISÁICO, 12:38-40.

Vêde os comentários sôbre Mat. 23:1-36.

VII. AS DUAS PEQUENAS MOEDAS DA VIÚVA, 12:41-44.

Note-se o grande contraste entre a hipocrisia e a carnalidade dos escribas, e a sinceridade e espiritualidade da viúva pobre. Lede os comentários sôbre Luc. 21:1-4, em Lucas: o Evangelho do Filho do homem.

Capítulo XIII

O SERMÃO DO MONTE DAS OLIVEIRAS

Jesus, no sermão de despedida no templo (Mat. 23), dirigiu-se ao clero judaico, desmascarando-lhe completamente o caráter e pronunciando contra êle, em linguagem mais severa, os justos julgamentos de Deus. As autoridades religiosas tinham levado a nação a ruína e Êle não as poupou. Encerrou o discurso, profundamente comovido e pranteando sôbre a cidade que estava às portas da mais bárbara destruição. Saiu do Templo para nunca mais voltar. Findou-se assim o Seu ministério público. Ao retirar-se da casa de Deus, a Presença divina, também, se retirou do Santuário. O Templo, com tôda a ordem sacerdotal e eclesiástica, foi entregue à destruição que se aproximava. Ao retirar-se, Aquêle que servira fiel e ternamente ao povo, foi ao monte das Oliveiras, onde, assentado, enunciou as palavras do presente sermão profético a quatro de Seus discípulos.

I. A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO É PREDITO, 13:1,2.

> 13:1 E, Saindo êle do templo, disse-lhe um dos seus discípulos: Mestre, olha que pedras, e que edifícios!
> 2 E, respondendo Jesus, disse-lhe: Vês êstes grandes edifícios? Não ficará pedra sôbre pedra que não seja derribada.

E, saindo êle do templo (v. 1): Êste era o terceiro templo edificado em Jerusalém. O primeiro foi construído por Salomão e destruído por Nabucodonozor. O segundo foi a obra de Esdras e Neemias. O terceiro (se

assim é direito intitulá-lo), foi construído por Herodes, aumentando e reconstruindo o segundo, no ano, mais ou menos, do nascimento de Jesus Cristo.

Olha que pedras, e que edifício (v. 1): Parece que os discípulos, admirados com as palavras de Jesus sôbre a iminência da destruição de Jerusalém, queriam apontar a grandeza da casa de Deus. Não sòmente Josefo, mas outros escritores da antiguidade, mencionam as pedras da construção do Templo. Algumas mediam sete a doze metros de cumprimento e pesavam mais de cem toneladas. Para acrescentar ainda mais a grandeza e opulência do Templo, o telhado e as paredes eram ornados de grandes chapas de ouro.

Vês êstes grandes edifícios (v. 2): Os judeus valorizavam mais o Templo do que o próprio Deus. Mas Cristo nunca é levado pela magnificência do exterior, quando não há pureza no interior. "Vês êstes grandes edifícios? Não ficará pedra sôbre pedra que não seja derribada." O luxo da construção do Templo não garantia sua permanência. Nem isso levou Cristo a compadecer-se da sua ruína. Mostrou grande compaixão pelas almas preciosas e arruinadas, e por elas chorou. Mas não lamentou a destruição de um imponente edifício, do qual fôra expulso pelo pecado dos adoradores.

Convém aprender a importantíssima lição da destruição do Templo; isto é, que a verdadeira grandeza de uma igreja não consiste na imponência de seu templo mas na fé e na santidade de seus membros. Certamente o famoso Panteão não tinha qualquer glória diante de Deus em contraste com as Catacumbas, onde se realizavam os cultos do povo de Deus durante as mais terríveis perseguições em Roma. Não tem o mais desprezado salão de cultos verdadeiros, maior honra diante dos olhos de Deus que a suntuosa catedral de São Pedro em Roma?

Não ficará pedra sôbre pedra que não seja derribada (v. 2): O imperador romano, Tito, mandou ar-

razar tôda a cidade de Jerusalém e o Templo, no ano 70 A. D. Consta da história de Josefo que os inimigos dos judeus cavaram as pedras dos alicerces do Templo.

II. O PRINCÍPIO DAS DORES, 13:3-13.

13:3 E, assentando-se êle no monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, e Tiago, e João e André lhe perguntaram em particular:
4 Dize-nos, quando serão essas *coisas,* e que sinal *haverá* quando tôdas elas estiverem para se cumprir.
5 E Jesus, respondendo-lhes, começou a dizer: Olhai que ninguém vos engane:
6 Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o *Cristo;* e enganarão a muitos.
7 E, quando ouvirdes de guerras e de rumores de guerras, não vos perturbeis: porque *assim* deve acontecer; mas ainda não *será* o fim.
8 Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá terremotos em diversos lugares, e haverá fomes. Isso será o princípio de dores.
9 Mas olhai por vós mesmos, porque vos entregarão aos concílios e às sinagogas; sereis açoitados, e sereis apresentados ante presidentes e reis, por amor de mim, para lhes servir de testemunho.
10 Mas importa que o evangelho seja primeiramente pregado entre tôdas as gentes.
11 Quando pois vos conduzirem para vos entregarem, não estejais solícitos de antemão pelo que haveis de dizer; mas, o que vos fôr dado naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo.
12 E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai o filho; e levantar-se-ão os filhos contra os pais, e os farão morrer.
13 E sereis aborrecidos por todos por amor do meu nome; mas quem perseverar até ao fim êsse será salvo.

E, assentando-se êle no monte das Oliveiras (v. 3): De Jerusalém a Betânia, atravessava-se o vale de Cedron e passava-se por cima do monte das Oliveiras. Jesus, no cume do monte, assentou-se. Em baixo, ante Seus olhos, se estendia a cidade, dominada pelo magnífico Templo, construído de mármore branco e ornado de ouro puro.

Pedro, e Tiago, e João e André lhe perguntaram (v. 3): As palavras de Jesus, sôbre a destruição do Templo, eram demais para os apóstolos. Consideravam o Templo o Palácio Real do reino e nêle esperavam seus postos de honra. Grandemente perturbados, os quatro mais ìntimamente chegados a Jesus, procuraram oportunidade de saber mais detalhadamente dÊle o que ía acontecer.

Olhai que ninguém vos engane (v. 5): O primeiro cuidado de Cristo, ao começar a descobrir o curso de eventos é o nosso bem estar, prevenindo contra falsos mestres e falsas seitas, que surgirão para nos desviarem da verdade do Evangelho. Os próprios apóstolos tinham de combater tais enganos e temos, também, de combatê-los hoje, Col. 2:8; I Tim. 4:1, 2; II Ped. 2:1; I João 2:18. Um pouco antes desta ocasião, Jesus dissera aos saduceus que seu engano provinha de não saberem as Escrituras nem o poder de Deus, cap. 12:24. Os crentes, que descuidam das Escrituras e que perdem o poder do Espírito Santo que vem pela oração, tornam-se candidatos aos enganos de Satanás.

Isto será o princípio das dores (v. 8): Guerras e rumores de guerras não indicam que o fim se aproxima. Isso acontece em todos os tempos. Mas guerra mundial, acompanhada de terremotos e fomes, é sinal do "princípio das dores," isto é, do princípio da tribulação no tempo do fim.

III. A GRANDE TRIBULAÇÃO, 13:14-23.

13:14 Ora, quando vós virdes a abominação do assolamento, que foi predito, estar onde não deve estar (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judéia fujam para os montes.

15 E o que estiver sôbre o telhado não desça para casa, nem entre a tomar coisa alguma de sua casa;

16 E o que estiver no campo não volte atrás, para tomar o seu vestido.

17 Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias!
18 Orai pois, para que a vossa fugida não suceda no inverno;
19 Porque naqueles dias haverá *uma* aflição tal, qual nunca houve desde o princípio da criação, que Deus criou, até agora, nem jamais haverá.
20 E, se o Senhor não abreviasse aquêles dias, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos que escolhera, abreviou aquêles dias.
21 E então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo; ou: Ei-lo ali; não acrediteis.
22 Porque se levantarão falsos cristos, e falsos profetas, e farão sinais e prodígios, para enganarem, se *fôr* possível, até os escolhidos.
23 Mas vós vede; eis que de antemão vos tenho dito tudo.

Lede os comentários sôbre Mat. 24:15-28, em Mateus: o Evangelho do Rei.

IV. A VINDA DO FILHO DO HOMEM, 13:24-27.

13:24 Ora, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz.
25 E as estrêlas cairão do céu, e as fôrças que *estão* nos céus serão abaladas.
26 E então verão vir o Filho do homem nas nuvens, com grande poder e glória.
27 E êle enviará os seus anjos, e ajuntará os seus escolhidos, desde os quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu.

Jesus não virá a segunda vez como criança, despercebida na mangedoura. Seu segundo advento será a maior crise de tôda a história do mundo. Será o cumprimento da bendita esperança da Igreja, a consumação do plano de Deus através dos séculos, o plano da redenção. Não é de admirar que haverá sinais e prodígios nos céus. Alguns comentadores não ensinam que êsses sinais serão literais, mas simbólicos. A primeira vinda de Cristo era literal e a estrêla sôbre Belém era

tão real que dirigiu os magos a Jesus. Lembremo-nos de que é em Jesus que existem tôdas as coisas físicas, e que quando Êle age para livrar os santos, não há razão doutrinal, nem científica, para não haver repercussão na terra e nos céus. (Vide Col. 1:17.)

Comentado em Lucas: O Evangelho do Filho do homem, Cap. 21:25-28.

V. A PARÁBOLA DA FIGUEIRA, 13:28-37.

13:28 Aprendei pois a parábola da figueira: Quando já o seu ramo se torna tenro, e brota fôlhas, bem sabeis que *já* está próximo o verão.

29 Assim também vós, quando virdes sucederem estas *ccisas,* sabei que *já* está perto, às portas.

30 Na verdade vos digo que não passará esta geração, sem que tôdas estas coisas aconteçam.

31 Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não pasarão.

32 Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que *estão* no céu, nem o Filho, senão o Pai.

33 Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.

34 É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua casa, e desse autoridade aos seus servos, e a cada um a sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse.

35 Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia noite, se ao cantar do galo, se pela manhã.

36 Para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo.

37 E as coisas que vos digo digo-*as* a todos: Vigiai.

Vede os comentários sôbre Luc. 21:29-36, em Lucas: o Evangelho do Filho do homem.

Capítulo XIV

O SERVO É PRÊSO

Êste capítulo é um dos maiores do livro de Marcos, ocupando mais que a décima parte de todos os dezesseis. Até êste ponto Marcos salienta o grande Servo do Senhor. Mas, com êste capítulo, o Servo se torna o grande Sacrifício, prefigurado pelos inumeráveis sacrifícios desde o tempo dos patriarcas. A história da Sua prisão e crucificação (caps. 14 e 15) está narrada plenamente por todos os quatro evangelistas. Convém meditá-la com a maior reverência e atenção.

I. O PLANO PARA TIRAR A VIDA A JESUS, 14:1, 2.

> 14:1 E dali a dois dias era a páscoa, e a *festa dos pães* asmos; e os principais dos sacerdotes e os escribas buscavam como o prenderiam com dolo, e o matariam.
> 2 Mas êles diziam: Não na festa, para que porventura se não faça alvorôço entre o povo.

E dali a dois dias era a páscoa (v. 1): Chegara o tempo da páscoa, a mesma em que o Messias devia ser crucificado. Foi necessário que se realizasse nessa ocasião: 1) Para que Seus sofrimentos e morte fôssem mais públicos e para que todo o Israel, inclusive aquêles das "doze tribos que andam dispersas" presenciassem o evento e as maravilhas que o acompanhariam. 2) Para que o Anti-tipo respondesse ao tipo. Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós, livrando-nos da escravidão do mundo, na mesma hora em que o cordeiro pascoal foi imolado em comemoração da libertação do Egito.

Mas êles diziam: Não na festa... (v. 2): Os inimigos de Cristo não declaravam: "Não O prenderemos

durante a festa, para que por ventura *se não desvie o povo da adoração a Deus.*" Mas sim, na sua astúcia, diziam: "Não na festa, para que por ventura *se não faça alvorôço entre* o povo e O arrebatem de nossas mãos." Aquêles que desejavam apenas os louvores dos homens temiam mais o furor e o desgôsto dos homens.

Calcula-se que havia não menos de dois milhões de pessoas dentro da cidade de Jerusalém, chegadas para assistir à festa. E a maioria das massas consideravam Jesus um profeta. As autoridades temiam que o povo se amotinasse e arrebatasse Jesus das suas mãos, se O prendessem nessa ocasião. Não planejavam matá-Lo pùblicamente, mas "consultaram-se mùtuamente, para prenderem Jesus com dolo e o matarem," Mat. 26:4, 5. Na providência de Deus, porém, Judas, inesperadamente, abriu o caminho para realizarem seu desejo e Jesus foi crucificado mesmo no meio da páscoa, quando a cidade estava repleta de pessoas. O conselho dos ímpios, em todos os pontos, tornou-se em estultícia.

II. JESUS UNGIDO EM BETÂNIA, 14:3-9.

Os comentadores não concordam acêrca do número de mulheres que ungiram a Jesus. Há mais razão em pensar que havia três ocasiões, na seguinte ordem, em que Jesus foi ungido:

1) Luc. 7:36-50. Parece que isto aconteceu antes das outras ocasiões em que Jesus foi ungido, e que não foi em Betânia. Essa mulher era "uma pecadora". A casa era de um fariseu. A mulher ungiu os pés e não a cabeça a Jesus.

2) João 12:1-8. Isto foi "seis dias antes da páscoa." Foi Maria, irmã de Lázaro, que ungiu o Senhor. Ungiu-Lhe os pés e não a cabeça.

3) Mat. 26:6-13; Mar. 14:3-9. Foi "dois dias" antes da páscoa. Não sabemos o nome da mulher que ungiu a Jesus. Mas o unguento foi derramado sôbre a cabeça de Jesus.

Não é impossível crer que Jesus foi ungido três vêzes. Era costume naquele tempo ungir uma pessoa que desejavam venerar ou honrar. Nem é impossível que Jesus proferisse as mesmas palavras no caso narrado em João 12, como no registrado em Mat. 26 e Mar. 14.

> 14:3 E, estando êle em Betânia, assentado *à mesa,* em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher, que trazia um vaso de alabastro, com unguento de nardo puro, de muito preço, e, quebrando o vaso, lho derramou sôbre a cabeça.
>
> 4 E alguns houve que em si mesmos se indignaram, e disseram: Para que se fêz êste desperdício de unguento?
>
> 5 Porque podia vender-se por mais de trezentos dinheiros, e dá-lo aos pobres. E bramavam contra ela.
>
> 6 Jesus, porém, disse: Deixai-a, para que a molestais? Ela fêz-me boa obra.
>
> 7 Porque sempre tendes os pobres convosco, e podeis fazer-lhes bem, quando quiserdes; mas a mim nem sempre me tendes.
>
> 8 Esta fêz o que podia; antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura.
>
> 9 Em verdade vos digo que ,em tôdas as partes do mundo onde êste evangelho fôr pregado, também o que ela fêz será contado para sua memória.

Nosso Mestre, mesmo quando a morte se aproximava, não se abandonou à tristeza, afastando-se dos homens, mas se alegrava com Seus amigos como de costume.

Assentado à mesa, em casa de Simão (v. 3): Jesus veio para os Seus e os Seus não O receberam. Contudo tinha alguns amigos, mesmo em Jerusalém e arredores, que O amavam e anelavam servi-Lo. Entre êles se menciona Simão, o leproso. É provável que era um dos que Jesus curara de lepra e que desejava hospedá-Lo e demonstrar sua gratidão. Jesus, certamente, não o desprezou, mas jantou com êle. Apesar de ficar limpo, continuou a ser conhecido como Simão, o leproso.

Trazia um vaso de alabastro, com unguento... lho derramou sôbre a cabeça (v. 3): Querendo conferir a maior honra a um amigo, era costume felicitá-lo derramando unguento sôbre a cabeça. Daví foi ungido assim, Sal. 23:5. Convém ungir a Cristo, o bem amado, e beijá-Lo com beijo de amor. Convém ungi-Lo, o grande Soberano, e beijá-Lo com beijo de fidelidade.

Quebrando o vaso, lho derramou (v. 3): O unguento era "de muito preço", mas a mulher ungiu a Jesus com todo o unguento. Devemos honrar a Cristo com tudo que possuímos, sem reter uma parte do preço. Concedemos-Lhe o unguento de muito preço, o de nosso maior amor. Deixemos tudo com Cristo. Amemo-Lo de todo o coração.

E alguns... se indignaram, e disseram: Para que se fêz êste desperdício de unguento (v. 4): Nunca faltam pessoas que clamam contra tudo que consideram excessos em servir a Cristo. Não acham demais se uma pessoa gastar todo o seu dinheiro, todo o seu tempo, tôdas as suas afeições em qualquer empenho terrestre. Mas se a mesma pessoa se entregar pessoalmente a Cristo, e tudo que possua, faltam-lhes palavras para exprimir a insensatez de tal pessoa. "Ela está fora de si." "É fanática." "É maluca." O cúmulo é que consideram tal maneira de servir a Cristo, disperdício.

Podia vender-se por mais de trezentos dinheiros (v. 5): Os trabalhadores ganhavam um "dinheiro", ou "denário", por dia. Portanto, o unguento valia o salário de um ano inteiro de trabalho.

Jesus... disse: ... para que a molestais (v. 6): Os bons sentem-se molestados, maltratados, ofendidos, quando seus atos de serviço, ou sacrifício por Cristo são censurados e mal-entendidos. Ao mesmo tempo Cristo não se agrada ao ver mesmo um de Seus pequeninos desprezados, Mat. 18:10.

Ela fêz-me boa obra... (vs. 6-8): Foi mais que um ato sentimental de ardente amor para com seu Mestre e Senhor, que levou a mulher a fazer êsse ato.

Foi uma expressão de viva fé, fé no alvo de sua vida, fé que compreendia haver Êle chegado ao lugar e tempo para fazer Seu supremo sacrifício na cruz.

Há ministérios que o Senhor reserva para si mesmo, que são ainda mais sagrados e importantes que qualquer amor para com os pobres e necessitados. Derramemos o incenso de amor, de louvor e de adoração sôbre Sua cabeça.

Note-se como a glória do amor da mulher corta a negra sombra de ódio e avareza de Judas, neste quadro da unção de Jesus em Betânia. Note-se como as espessas trevas do coração de Judas são acentuadas pelo resplendor do ato da mulher.

Aprendemos do meigo Mestre. Entrou em Jerusalém triunfalmente sòmente quando entrou para sofrer. Ungiram-Lhe a cabeça sòmente quando O ungiram para Seu sepultamento.

Em verdade vos digo que, em tôdas as partes do mundo onde êste evangelho fôr pregado, também o que ela fêz será contado para sua memória (v. 9): Jesus engrandece qualquer ponto de bem que vê em nós. Seu amor cobre uma multidão de pecados.

Cumpre-se, diàriamente, esta profecia de Jesus diante de nossos olhos. Em todo o lugar onde se lê o Evangelho de Mateus, e o de Marcos, o ato dessa mulher de ungir a Jesus é conhecido. Os atos e as honras de muitos dos reis são tão esquecidos como se fôssem escritos na areia da praia. Mas êsse ato da mulher está registrado e publicado em mais que mil idiomas. O louvor dos homens perece em poucos dias. O louvor de Cristo perdura para todo sempre. Os que honram a Cristo, são honrados eternamente.

III. O PACTO DA TRIAÇÃO, 14:10, 11.

Até a última hora, antes de Jesus ser prêso, parece que os discípulos nada compreendiam acêrca da crucificação. Acompanharam a Jesus, entrando em Jeru-

salém com Êle. Mas em espírito estavam longe de seu Mestre, seus corações tomados de orgulho, de inveja, de temor. Mas havia um entre êstes que O seguia ainda mais de longe que qualquer outro. Êsse era Judas Iscariotes.

> 14:10 E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais dos sacerdotes para lho entregar.
> 11 E êles, ouvindo-o, folgaram, e prometeram dar-lhe dinheiro; e buscava como o entregaria em ocasião oportuna.

E Judas Iscariotes (v. 10): Isto é, "Judá, homem de Queriote." "Judas" é a forma grega da palavra hebraica, "Judá." Queriote era uma cidade do sul de Judá.

Judas Iscariotes, um dos doze (v. 10): Lembremo-nos de que Judas era um da família de treze pessoas, a família de Jesus, com os doze; era um dos doze mais chegados ao Mestre, um daqueles preparados para servir no Seu reino.

E êles, ouvindo-o, folgaram (v. 11): Foi grande surprêsa para êles. Nem entrara nos pensamentos dos sacerdotes que um dos mais íntimos amigos do humilde Jesus fôsse tão vil.

Prometeram dar-lhe dinheiro (v. 11): Judas recebeu o que procurava. A avareza foi o pecado que o levou ao crime de trair seu Mestre. Não consta que lhe oferecessem qualquer posição de honra, mas sòmente dinheiro. Foi a avareza a sua grande tentação. Cuidemos, especialmente, daquilo que é a nossa maior tentação.

IV. A ÚLTIMA PÁSCOA E A CEIA DO SENHOR, 14:12-26.

> 14:17 E, chegada a tarde, foi com os doze,
> 18 E, quando estavam assentados a comer, disse Jesus: Em verdade vos digo que um de vós, que comigo come, há de trair-me.

19 E êles começaram a entristecer-se e a dizer-lhe um após outro: *Porventura* sou eu, Senhor? e outro: *Porventura* sou eu, Senhor?

20 Mas êle, respondendo, disse-lhes: É um dos doze, que mete comigo a mão no prato.

21 Na verdade o Filho do homem vai, como dêle está escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do homem é traído! bom seria para o tal homem não haver nascido.

22 E, comendo êles, tomou Jesus pão, e, abençoando-o, o partiu e deu-lho, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo.

23 E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho; e todos beberam dêle.

24 E disse-lhe: Isto é o meu sangue, o *sangue* do Novo Testamento, que por muitos é derramado.

25 Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide, até aquêle dia em que o beber novo no reino de Deus.

26 E, tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras.

Lede os comentários sôbre Mat. 26:17-30, em Mateus: o Evangelho do Rei.

V. PEDRO É AVISADO, 14:27-31.

14:27 E disse-lhes Jesus: Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim; porque escrito está: Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão.

28 Mas, depois que eu houver ressuscitado, irei adiante de vós para a Galiléia.

29 E disse-lhe Pedro: Ainda que todos se escandalizem, nunca, porém, eu.

30 E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que o galo cante duas vêzes, três vêzes me negarás.

31 Mas êle disse com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de modo nenhum te negarei. E da mesma maneira diziam todos também.

Todos vós esta noite vos escandalizareis (v. 27): Muitas são as tempestades que aparecem inesperadamente e se desencadeiam sôbre nós repentinamente.

Não sabemos o que acontecerá antes de findar o dia, nem o que produzirá a noite. O pequeno grupo de discípulos não percebia a procela que se vinha formando. Na mesma noite todos fugiriam diante do ímpeto do temporal. "Não presumas do dia de amanhã, porque não sabes o que produzirá o dia," Prov. 27:1.

Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo (Luc. 22:31): Satanás não pode cirandar-nos sem o consentimento de Cristo. (Compare Jó 1:12; 2:6.)

Note-se a solenidade e a ternura do Mestre: "Simão, Simão." Compare "Abraão, Abraão," Gên. 22:11. "Marta, Marta," Luc. 10:41. "Saulo, Saulo," Atos 9:4.

Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça (Luc. 22:32): Cristo não é apenas nosso Salvador, é, também, nosso Intercessor, Heb. 7:25.

Cristo orou pedindo que a fé do apóstolo Pedro não desfalecesse. Mas sua fé não desfaleceu? Olhando só para Pedro, quando negou a Jesus, temos de responder que sua fé certamente desfaleceu. Mas ao contemplarmos tôda a sua vida, respondemos que sua fé não fracassou.

Eclipse não é extinção. A infidelidade momentânea de Pedro às suas convicções não foi a eliminação das suas convicções. As orações de Cristo nunca falham. Pedro caiu no lamaçal. Mas não ficou lá. Levantou-se chorando amargamente e sentiu-se profundamente envergonhado. Seguiu, com esperança inabalável, o caminho de que se desviara por um momento. O grande Intercessor, à destra de Deus, é a garantia de nossa vitória, se queremos aceitá-la.

Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que o galo cante duas vêzes, três vêzes me negarás (v. 30): Pedro afirmava que, apesar de todos os discípulos se escandalizarem, êle mesmo não se escandalizaria. Mas Cristo o informou de que brevemente o negaria, na mesma noite, antes que o galo cantasse. E que o faria, não sòmente uma vez, mas três vêzes!

VI. A AGONIA NO GETSÊMANE, 14:32-42.

14:32 E foram a um lugar chamado Getsêmane, e disse aos seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu oro.
33 E tomou consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, e começou a ter pavor, e a angustiar-se.
34 E disse-lhes: A minha alma está profundamente triste até à morte: ficai aqui, e vigiai.
35 E, tendo ido um pouco mais adiante, prostrou-se em terra e orou para que, se fôsse possível, passasse dêle aquela hora.
36 E disse: Abba, Pai, tôdas *as coisas* te *são* possíveis; afasta de mim êste cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu *queres*.
37 E, chegando, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Simão, dormes? não podes vigiar uma hora?
38 Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, *está* pronto, mas a carne *é* fraca.
39 E foi outra vez e orou, dizendo as mesmas palavras.
40 E, voltando, achou-os outra vez dormindo, porque os seus olhos estavam carregados, e não sabiam que responder-lhe.
41 E voltou terceira vez, e disse-lhes: Dormi agora, e descansai. Basta; é chegada a hora. Eis que o Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores.
42 Levantai-vos, vamos; eis que está perto o que me trai .

E foram a um lugar chamado Getsêmane (v. 32): Cristo e os onze apóstolos foram a Getsêmane, nessa noite, porque não havia família na cidade que ousasse hospedá-Lo. (Compare João 7:52,53 com 8:1.) Um dos grandes motivos porque foram lá, porém, foi porque Jesus sentia grande necessidade de orar.

A palavra "Getsêmane" quer dizer "lugar de prensa de azeite." Era jardim situado no monte das Oliveiras, mais ou menos um quilômetro, do muro de Jerusalém. Ali "Jesus muitas vêzes se ajuntava com os Seus discípulos," João 18:1, 2. Existiam diversos jardins de recreio em redor de Jerusalém, mas Getsêmane sempre faz lembrar o lugar da agonia de Cristo.

Começou a ter pavor e a angustiar-se (v. 33): Descobre-se na agonia de Jesus, no Getsêmane, algo da magnitude da culpa e da gravidade do pecado.

E disse-lhes: A minha alma está profundamente triste até a morte (v. 34): Por que Jesus se achava profundamente triste até a morte? 1) Não porque estava face a face com a morte. Êle veio ao mundo para morrer. Segurava as chaves da morte e do hades, Apoc. 1:18. (Lede Luc. 7:11-17; etc.) Os crentes fitam a morte com sentimentos opostos aos dos descrentes, I Tess. 4:13; Fil. 1:23, 24; II Cor. 5:1, 2, 8; II Tim. 4:6-8. Não há razão para concluir que Jesus estava a ponto de desfalecer com o horror da morte. 2) Não receava os sofrimentos físicos. Nunca podemos avaliar a tortura dos açoites, dos cravos traspassando pés e mãos, da prolongada agonia dos ferimentos e da sêde na cruz. Mas Jesus não recuou diante dessas provas, projetando luz sôbre milhares de mártires na hora de seu martírio. 3) A única razão da grande tristeza de Jesus era levar sôbre Si as nossas tristezas e os nossos pecados. "Aquêle que não conheceu pecado, o fêz pecado por nós; para que nêle fôssemos feitos justiça de Deus." "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós." "O Senhor fêz cair sôbre Êle a iniquidade de nós todos." (II Cor. 5:21; Gal. 3:13; Isa. 53:6.) Foi a culpa do mundo caindo sôbre Êle, que O fêz chorar "com grande clamor e lágrimas" (Heb. 5:7), que fêz o Seu suor, em noite fria, tornar-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão, Luc. 22:44.

E, tendo ido um pouco mais adiante... (v. 35): Cristo assim nos deu uma demonstração do fato de que não é suficiente a oração com a família, ou com amigos. Convém, também, procurar um lugar a sós com Deus.

Prostrou-se em terra e orou (v. 35): Vê-se que o próprio Cristo orou quando Sua alma estava triste.

Seus verdadeiros discípulos devem fazer o mesmo. Como Daniel (cap. 9), convém confessar sua culpa e buscar a Deus com oração e rogos. Como Jó (cap. 1:20), devem lançar-se em terra e adorar. Como Ezequias, convém estender seus problemas perante o Senhor. (Lede II Reis 19:14.)

Note-se como Cristo "prostrou-se em terra" para orar. Aquêle que, um pouco antes disso, levantou os olhos ao céu para orar (João 17:1), prostrou-se com o rosto em terra, ensinando-nos a humilhar-nos na presença de Deus. (Vide I Ped. 5:6.)

Não seja, porém, o que eu quero... (v. 36): A nossa vontade não santificada, nem sob o contrôle de Deus, é uma das maiores fontes de nossa infelicidade.

Disse a Pedro: Simão, dormes?... (v. 37): Todos os três apóstolos dormiam, mas o Senhor dirigiu-se especialmente a Pedro, pois foi êle que, um pouco antes dessa ocasião, declarava enfàticamente sua fidelidade ao Mestre. Note-se como o Senhor o tratou de Simão em vez de Pedro. — O mesmo fizera na ocasião de avisar que ia negá-Lo, Luc. 22:31. O velho nome "Simão" dava mais idéia de inconstância, enquanto o nome "Pedro" fala mais de firmeza. É significativo que êsse apóstolo, Pedro, se referia a si mesmo, na sua segunda epístola, usando o nome de "Simão Pedro". Reconhecia e humildemente confessava, que uma parte da sua velha natureza ficou nêle enquanto estava no mundo.

Não podes vigiar uma hora? (v. 37): Simão Pedro, que prometera enfàticamente não abandonar a Jesus, não podia vigiar, como Êle pedira, uma hora!

E voltando, achou-os outra vez dormindo (v. 40): Observe-se quantas fraquezas se encontram mesmo nos melhores crentes. Enquanto o suor de Cristo se tornou em grandes gotas de sangue, Seus discípulos dormiam. O fato de Cristo voltar aos discípulos, a dormir novamente, é símbolo da Sua dedicação em cuidar incansà-

velmente dos crentes meio dormentes, "vivendo sempre para interceder por êles," Heb. 7:25.

E, lavantando-se da oração, veio para os seus discípulos, e os achou dormindo de tristeza (Luc. 22:45): É só Lucas que menciona o fato de os discípulos dormirem de tristeza. A carne e o sangue não suportam grande tristeza, nem grande gôzo. Os três apóstolos que dormiram no Getsêmane, foram os mesmos que dormiram na transfiguração.

Levantai-vos e orai... (Luc. 22:46): Em pé é mais fácil resistir à inclinação de dormir, quando queremos orar.

Acêrca de Jesus no Getsêmane, vede também os comentários sôbre Mat. 26:36-46.

VII. JESUS É PRÊSO, 14:43-50.

Lede os comentários sôbre Mat. 26:47-56, em Mateus: o Evangelho do Rei; também sôbre João 18:1-11, em João: o Evangelho do Filho de Deus.

VIII. JESUS É SEGUIDO POR UM JOVEM, 14:51, 52.

Êste estranho incidente está registrado sòmente por Marcos. É provável que está incluído na narrativa da prisão de Jesus para acentuar o fato do completo pânico entre os discípulos, repentinamente acordados do sono, e a fugir nas trevas da noite. Aquêle que jamais abandonou alguém, foi abandonado por todos, para pisar o lagar de sofrimentos, sòzinho.

> 14:51 E *um* certo mancebo o seguia, envolto em um lençol sôbre o *corpo* nu. E lançaram-lhe a mão.
> 52 Mas êle, largando o lençol, fugiu nu.

Se fôsse importante sabermos quem era êste "certo mancebo", o Espírito Santo nos teria revelado. Parece que foi repentinamente acordado do sono pelo

grande reboliço, na ocasião de os homens violentos prenderem a Jesus. Na sua fuga, não demorou para vestir-se, mas se envolveu no lençol de sua cama e se precipitou casa afora. Dominado pela curiosidade, seguiu o Prêso para ver o que Lhe ía acontecer. Mas quando a multidão o viu, lançaram mão dêle. E o mancebo, vendo o perigo, escapou das suas mãos, deixando o lençol pelo qual o seguravam. Descobre-se nesta história como os discípulos escaparam por um triz.

A narrativa nos ensina, também, que não há firmeza, nem esperança, para os que seguem a Cristo por mera curiosidade.

IX. JESUS PERANTE O SINÉDRIO, 14:53-65.

Êste parágrafo trata do julgamento, condenação e sentença de Cristo perante o tribunal eclesiástico, o grande sinédrio, do qual o sumo sacerdote, Caifás, era presidente, ou juíz. Vê-se que não havia possibilidade de êsse sumo sacerdote dar ao Acusado oportunidade para defender-se, nem de ser julgado com justiça, ante o fato de êle já declarar que convinha que Jesus morresse, quer fôsse culpado quer não, João 11:49,50.

14:53 E levaram Jesus ao sumo sacerdote, e ajuntaram-se todos os principais dos sacerdotes, e os anciãos e os escribas.

54 E Pedro o seguiu de longe até dentro do pátio do sumo sacerdote, e estava assentado com os servidores, aquentando-se ao lume.

55 E os principais dos sacerdotes e todo o concílio buscavam *algum* testemunho contra Jesus, para o matar, e não o achavam.

56 Porque muitos testificavam falsamente contra êle, mas os testemunhos não eram conformes.

57 E, levantando-se alguns, testificavam falsamente contra êle, dizendo:

58 Nós ouvimos-lhe dizer: Eu derribarei êste templo, construído por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, não feito por mãos de homens.

59 E nem assim o seu testemunho era conforme.

60 E, levantando-se o sumo sacerdote no sinedrio, perguntou a Jesus, dizendo: Nada respondes? Que testificam êstes contra ti?

61 Mas êle calou-se, e nada respondeu. O sumo sacerdote lhe tornou a perguntar, e disse-lhe: És tu o Cristo, Filho do *Deus* Bendito?

62 E Jesus disse-lhe: Eu o sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do poder *de Deus,* e vindo sôbre as nuvens do céu.

63 E o sumo sacerdote, rasgando os seus vestidos, disse: Para que necessitamos de mais testemunhas?

64 Vós ouvistes a blasfêmia; que vos parece? E todos o consideraram culpado de morte.

65 E alguns começaram a cuspir nêle, e a cobrir-lhe o rosto, e a dar-lhe punhadas, e a dizer-lhe: Profetiza. E os servidores davam-lhe bofetadas.

E levaram Jesus ao sumo sacerdote (v. 53): O Evangelho de João nos informa (cap. 18:13) que Jesus foi conduzido "primeiramente a Anás, por ser sogro de Caifás, que era sumo sacerdote daquele ano." Não acharam algo para incriminá-Lo, e "Anás mandou-O maniatado, ao sumo sacerdote, Caifás." E lá, apesar de ser alta noite, "ajuntaram-se todos os principais dos sacerdotes, e os anciãos e os escribas," para sentenciá-Lo.

Buscavam algum testemunho contra Jesus para o matar (v. 55): Havia três etapas no julgamento de Cristo:

1) Buscaram, em vão, achar testemunho contra Êle. A isso Jesus não respondeu, ficando calado, vs. 55-61.

2) O sublime testemunho de Si mesmo, que incitou Seus inimigos a clamarem unânimemente contra Êle, vs. 62-64.

3) A cruel zombaria dos subordinados, v. 65.

Mas êle calou-se, e nada respondeu (v. 61): Aquêle que tantas vêzes fêz calar Seus adversários, ficou calado, como Exemplo para nós: 1) Quando acusados, caluniados, vilipendiados, maltratados, convém-nos fi-

carmos calados com tôda a paciência. 2) Quando acusados injustamente, devemos entregar-nos Àquele que julga justamente (I Ped. 2:23), a fim de que a nossa defesa não se torne a acusação de nossos inimigos contra nós.

Jesus foi julgado e condenado por dois tribunais: o eclesiástico, dos judeus, e o civil, dos romanos. O tribunal dos judeus não considerou a acusação de Jesus se rebelar contra César; o dos romanos não tratou das tradições dos judeus. Assim o julgamento do sinédrio baseava-se na pergunta: "És tu o Cristo, Filho do Deus bendito?" Mas o julgamento de Pilatos, foi sôbre a resposta à pergunta: "Tu és o rei dos judeus?" A resposta de Jesus, cada vez, foi afirmativa. Mas ao governador romano Jesus explicou porque respondeu "sim". Aos judeus não deu explicação nenhuma.

E alguns começaram... (v. 65): Foi como a erupção de um vulcão de paixão infernal. Aquêles que pretendiam representar a Deus, cuspiram nÊle, mostrando nojo. Vedaram-Lhe os olhos e perguntaram-Lhe os nomes dos que batiam nÊle, gracejando cruel e grosseiramente. Esbofetearam-nO, demonstrando ódio e malícia desenfreados. É assim que o mundo recompensa seus mestres e benfeitores. Se servirmos incansàvelmente a Cristo, devemos esperar zombaria, afrontas e calúnias. O discípulo não é maior que seu Mestre, nem o servo maior que seu Senhor. A vida de Bunyan, de Lutero, de Wesley, — de todos os verdadeiros heróis da fé é prova dêste fato.

X. PEDRO NEGA A JESUS, 14:66-72.

Jesus estava perante o sinédrio, não para ser julgado mas sentenciado, quer fôsse culpado, quer inocente. Precisava de um amigo ao Seu lado. Mas em vez de achar confôrto na companhia de Pedro, o comportamento dêsse apóstolo realmente agravou Seus sofrimentos.

14:66 E, estando Pedro em baixo, no atrio, chegou uma das criadas do sumo sacerdote;

67 E, vendo a Pedro, que se estava aquentando, olhou para êle, e disse: Tu também estavas com Jesus Nazareno.

68 Mas êle negou-o, dizendo: Não o conheço, nem sei o que dizes. E saiu fora ao alpendre, e o galo cantou.

69 E a criada, vendo-o outra vez, começou a dizer aos que ali estavam: Êste é um dos tais.

70 Mas êle o negou outra vez. E pouco depois os que ali estavam disseram outra vez a Pedro: Verdadeiramente tu és um dêles, porque és também galileu.

71 E êle começou a imprecar, e a jurar: Não conheço êsse homem de quem falais.

72 E o galo cantou segunda vez. E Pedro lembrou-se da palavra que Jesus lhe tinha dito: Antes que o galo cante duas vêzes, três vêzes me negarás tu. E, retirando-se dali, chorou.

Os que se desviam de Cristo, não o fazem de um só passo. Notemos os sete passos na queda de Pedro, êrros que convém tomar todo o cuidado em evitar:

1) *Confiava em si mesmo.* Pedro dissera, confiando em si mesmo: "Ainda que todos se escandalizem, nunca, porém, eu," v. 29. O crente mais firme tem de cair, se assim começar a confiar em si mesmo. "O que confia no seu próprio coração é insensato," Prov. 28:26. "Aquêle, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia," I Cor. 10:12.

2) *Vangloriava-se.* "Ainda que me seja necessário morrer contigo, de modo nenhum te negarei," v. 31. Todos os apóstolos disseram o mesmo, mas Pedro o disse com veemência, ignorando a sua própria fraqueza. "Deus resiste os soberbos," Tiago 4:6.

3) *Deixou de vigiar.* Jesus disse a Pedro: "Simão, dormes?" v. 37. Os que começam a confiar em si mesmos, sempre deixam de orar e vigiar. Os que dormem espiritualmente são fàcilmente induzidos à tentação, v. 38. Os crentes que começam a dormir, não sentem mais os sofrimentos de Cristo.

4) *Envergonhava-se.* "E Pedro o seguiu de longe," v. 54. Jesus perdera o apoio das massas. Pedro continuava a seguí-Lo, mas afastava-se dÊle cada vez mais, para que ninguém notasse que era discípulo. Se nos envergonhamos dÊle e da Sua Palavra, certamente estamos longe dÊle.

5) *Procurava a companhia do mundo.* "Estava com os servidores, aquentando-se ao lume," v. 54. Depois de abandonar a companhia de Cristo,achava-se entre aquêles que não O conheciam, aquecendo-se ao lume dos inimigos. Isto fazem os desviados, procurando divertimento e confôrto entre os mundanos.

6) *Negava a Cristo..* Enquanto Pedro se aquentava, perguntaram-lhe se estivera com Jesus. Mas a isso negou, dizendo: "Não O conheço," vs. 67, 68. Quando um filho de Deus se afasta de Jesus até o ponto de *se aquecer* entre os inimigos de Deus, sempre dá o passo de O negar. Lede a admoestação solene de Jesus, Mat. 10:33.

7) *Caiu em desenfreado pecado.* "E êle começou a imprecar e a jurar: Não conheço êsse homem," v. 71. Pedro dissera: "Ainda que todos se escandalizem, nunca, porém, eu," v. 29. Contudo se escandalizou antes dos outros e caiu em flagrante pecado. Se não restaurarmos o desviado antes de êle negar a Cristo, logo cairá em pecado terrível e desenfreado.

E Pedro lembrou-se... (v. 72): Em Luc. 22:61: "E virando-se o Senhor, olhou para Pedro, e Pedro lembrou-se... E saindo Pedro para fora, chorou amargamente." Foi quando o pródigo se lembrou da casa de seu pai qeu se levantou e voltou. É o terno olhar de Jesus que faz o desviado lembrar-se da doce comunhão com o Senhor, e que comove o coração a voltar, chorando amargamente.

Capítulo XV

O SERVO DÁ A SUA VIDA

Desde a infância conhecemos a velha narrativa da cruz. Não devemos estudá-la com alvo de acrescentar algo à incomparável história, mas sim, de aprender melhor o que ela significa para nós. Quanto mais nos desenvolvemos na fé, tanto mais percebemos o valor, gravado indelèvelmente no coração, de todos os verdadeiros crentes.

O serviço é a lei de grandeza no reino de Deus. Marcos escreve os primeiros dez capítulos salientando a sublime e maravilhosa maneira de o Filho de Deus *dirigir Seu rosto, assentar no Seu coração* (vide Dan. 9:3; 1:8) a servir incansàvelmente a humanidade que sofre, perdida. "Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos," cap. 10:45. Em seguida o Evangelista passa, no capítulo 11, a narrar a maneira de o Servo entrar em Jerusalém e "dar a Sua vida em resgate de muitos." Neste capítulo, 15, o ato está consumado.

I. O SERVO É AMARRADO E ENTREGUE A PILATOS, 15:1-14.

15:1 E, logo ao amanhecer, os principais dos sacerdotes, com os anciãos, e os escribas, e todo o sinedrio, tiveram conselho; e, ligando Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos.

2 E Pilatos lhe perguntou: Tu és o Rei dos Judeus? E êle, respondendo, disse-lhe: Tu *o* dizes.

3 E os principais dos sacerdotes o acusaram de muitas *coisas;* porém êle nada respondia.

4 E Pilatos o interrogou outra vez, dizendo: Nada respondes? Vê quantas *coisas* testificam contra ti.
5 Mas Jesus nada mais respondeu, de maneira que Pilatos se maravilhava.
6 Ora no *dia* da festa costumava soltar-lhes um prêso qualquer que êles pedissem.
7 E havia um chamado Barabás, que, prêso com outros amotinadores, tinha num motim cometido uma morte.
8 E a multidão, dando gritos, começou a pedir *que fizesse* como sempre lhes tinha feito.
9 E Pilatos lhes respondeu, dizendo: Quereis que vos solte o Rei dos Judeus?
10 Porque êle bem sabia que por inveja os principais dos sacerdotes o tinham entregado.
11 Mas os principais dos sacerdotes incitaram a multidão para que fôsse sôlto antes Barabás.
12 E Pilatos, respondendo, lhes disse outra vez: Que quereis pois que faça *daquele* a quem chamais Rei dos Judeus?
13 E êles tornaram a clamar: Crucifica-o.
14 Mas Pilatos lhes disse: Mas que mal fêz? E êles cada vez clamavam mais: Crucifica-o.

O que está narrado no capítulo catorze foi apenas o início dos sofrimentos de Cristo. Neste capítulo, êsses sofrimentos estão consumados. Os principais sacerdotes podiam apenas mostrar os dentes, não podiam devorar a Jesus. Foi necessário levá-Lo a Pilatos, o governador romano, porque os judeus não podiam sentenciá-Lo à morte.

Logo pela manhã (v. 1): Reuniram-se cedo de manhã para formular planos para matar a Jesus. Aproveitaram-se da oportunidade antes que Se alvoroçasse a cidade. Não nos envergonhamos ao presenciar os incansáveis esforços dos maus em executar os desejos de Satanás? Convém-nos parafrasear Prov. 6:9 assim: "Levantam-se cedo os que guerreiam contra Cristo e a tua alma; oh! preguiçoso até quando ficarás deitado? quando te levantarás do teu sono?"

E ligando a Jesus (v. 1): É bom lembrarmo-nos das cadeias de Cristo, como se amarrados a Seu lado.

Vide Heb. 13:3. Em vez de escandalizarmo-nos pela cruz que temos de levar, lembremo-nos de Jesus amarrado e conduzido como o mais vil dos presos, pelas ruas da Cidade Santa, Seu parecer desfigurado (Isa. 52:14) pela noite de sofrimento que passara.

E o entregaram a Pilatos (v. 1): Note-se o contraste entre o verdadeiro Rei e o governador romano: Um estava amarrado e abandonado por todos os Seus amigos; o outro, revestido de todo o poder exterior. A impotência armada de uma falsa soberania, julgava-se habilitada a exercer autoridade sôbre a Onipotência revestida de fraqueza! Contudo, uma só palavra proferida pelo Prisioneiro teria sido suficiente para partir suas próprias cadeias e prostrar o governador, morto, ao chão.

Entregaram Jesus a Pilatos; chegara a oportunidade para o governador justificar-se, justificando a Jesus. Quando Cristo é pregado no poder do Espírito, os ouvintes têm a mesma oportunidade, que Pilatos tinha, de justificar-se, justificando a Cristo. Os homens ou têm de aceitar a Jesus, ou de rejeitá-Lo.

E o entregaram a Pilatos (v. 1): Herodes morava em Tiberíades e Pilatos em Ceseréia. Durante a festa os dois governantes permaneciam em Jerusalém; Pilatos para manter ordem entre as multidões, Herodes para ganhar popularidade, como quem respeitasse a religião nacional.

Mas Jesus nada mais respondeu (v. 5): O primeiro Adão se achou culpado, mas queria desculpar-se. No segundo Adão, Cristo, não tinha culpa de forma alguma, contudo não fêz qualquer defesa. Lede Isa. 53.7. Os que mais glorificam a Deus são aquêles que sofrem com paciência. Vide I Ped. 2:20,21. Note-se a perfeita calma de Jesus perante o governador perplexo e perturbado. Sôbre o silêncio de Jesus, note-se:

1) O que vai às Escrituras com preconceitos, seja qual fôr a sua origem, não ouve a voz do Mestre. Se

levares um pote cheio à fonte, não podes voltar com água para tua casa.

2) O que permanecer no pecado, não achará nas Escrituras solução para seus problemas. Se queres resposta pelo telefone, não é suficiente encostar o receptor ao ouvido, deves pedir que as pessoas em redor fiquem em silêncio. Se queres ouvir a voz de Jesus, deves fazer calar a voz do pecado que te tenta.

3) O que escuta as dúvidas da incredulidade não ouve mais a voz das Escrituras.

Êles, porém, clamavam (v. 13): Esta multidão foi composta, em parte, daqueles que ovacionaram a Jesus quando entrava na cidade. Lede cap. 11:7-9. Mas tudo se transforma num momento; aquêles que O aclamaram, mudados de opinião pela atitude das autoridades, passam a clamar: "Crucifica-O." Enganamo-nos em pensar que "a voz do povo é a voz de Deus." O único que pode governar bem é Jesus, o justo Rei do Salmo 72.

II. PILATOS O ENTREGA PARA SER CRUCIFICADO, 15:15.

> 15:15 Então Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhes Barabás, e, açoitado Jesus ,o entregou para que fôsse crucificado.

Soltou-lhe Barrabás (v. 15): Barrabás desonrara e desgraçara a nação, suscitando uma sedição. Pilatos, contudo, soltou Barrabás e ao povo entregou Jesus, a glória e a bênção da nação, para ser crucificado!

Mandou açoitar a Jesus (v. 15): Os *judeus* davam quarenta açoites, menos um. II Cor. 11:24; Deut. 25:3. Jesus, porém, foi açoitado pelos *romanos,* os quais tinham o costume de açoitar o réu até cansarem. A vítima, em pé e as mãos atadas num pau baixo, recebia os açoites nas costas nuas. Para aumentar ainda mais o sofrimento, as tiras de couro do açoite eram, geralmente, chumbadas. O sentenciado, muitas vêzes, não

suportava êsse castigo, morrendo antes de chegar à cruz. Indica-se no v. 21 que Jesus se achava exausto antes de chegar ao Calvário.

Filho de Deus, estás açoitando a alma dAquêle em Quem não há defeito, pelo amor que mostras para com o mundo? Certo crente sonhou com Cristo no ato de Êle ser açoitado. Viu o sangue jorrar da ferida de cada chicotada. Ao pular para evitar que o soldado desse mais, viu que êste era êle mesmo! Quem lê a história de Jesus, horrizado só com a brutalidade dos soldados e sem reconhecer que os açoites são seus próprios pecados, perde a lição. Perde-se, igualmente, a glória desta lição se se não lembra de que Jesus levava cada açoite não obrigado, mas de bom ânimo, por todos nós.

Entregou-o para ser crucificado (v. 15): Pilatos queria ficar livre de Jesus, mas terá de enfrentá-Lo, novamente, sentado como Juiz no grande Tribunal. Queres, ao ouvir o Evangelho, ficar livre de Cristo, como Pilatos — ou queres, como Maria, dar-Lhe lugar no coração?

Conhece-se Pilatos pelos dez anos que governou. Era um cruel vice-rei romano, irritando o povo por sua dureza. Era do tipo de governantes dos tempos de Napoleão, os quais sempre olhavam para o imperador, querendo ganhar seu favor. Para tais, como Pilatos, a vontade do imperador lhes serve como lei. Se Tibério o queria, havia uma só resposta: "Sim." Se Tibério não o queria, então a única resposta era: "Não." Contudo, tal consciência, por fim, resulta na sua derrota. Foi assim com Pilatos. Tibério o chamou para comparecer em Roma. Mas Tibério faleceu antes de dar audiência a Pilatos. Então, ignorado por todos, aborrecido por aquêles que o conheciam melhor, êste homem, sem Tibério e sem consciência, suicidou-se. Sem dúvida, no desespêro de ver falharem seus planos, tão perto do cumprimento, havia a lembrança de certo rosto, de certo Prisioneiro, de certo Sentenciado, de certa execução por crucificação. Como pode esquecer-se do dia em que ex-

perimentara, em vão, limpar as mãos, lavando-as com água?! Como pode esquecer-se do dia em que o céu se escureceu e os homens viram a natureza testemunhar contra o seu ato da mais baixa injustiça?!

III. O SERVO É ESCARNECIDO PELOS SOLDADOS, 15:16-19.

Êstes rudes legionários nada sabiam acêrca do Messias, mas lhes parecia grande brincadeira que o Prisioneiro dissesse que era Rei. Assim reuniu-se todo o destacamento para ridicularizá-Lo, da maneira mais brutal, violento e grosseiro, representando-O como um rei.

> 15:16 E os soldados o levaram dentro à sala, que é a da audiência, e convocaram tôda a coorte;
> 17 E vestiram-no de púrpura, e, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram *na cabeça*.
> 18 E começaram a saudá-lo, *dizendo*: Salve, Rei dos Judeus!
> 19 E feriram-no na cabeça com uma cana, e cuspiram nêle, e, postos de joelhos, o adoraram.
> 20 E, havendo-o escarnecido, despiram-lhe a púrpura, e o vestiram com os seus próprios vestidos; e o levaram para fora afim de o crucificarem.

E, postos de joelhos, o adoravam (v. 19): Os soldados faziam isso, escarnecendo-O. Mas fizeram pior que nós, quando dobramos os joelhos perante Cristo, sem "dobrar os joelhos" da alma? Fazemos melhor que êsses soldados quando honrâmo-Lo com os lábios, mas o coração longe dÊle?

IV. É CONDUZIDO AO LUGAR DE EXECUÇÃO, 15:21-24.

> 15:21 E constrangeram um *certo* Simão Cireneu, pai de Alexandre e de Rufo, que *por ali* passava, vindo do campo, a que levasse a cruz.

22 E levaram-no ao lugar do Gólgota, que se traduz por lugar da Caveira.
23 E deram-lhe a beber vinho com mirra, mas êle não o tomou.
24 E, havendo-o crucificado, repartiram os seus vestidos, lançando sôbre êles sortes, *para saber* o que cada um levaria.

Simão Cireneu (v. 21): Judeu, nascido, talvez, em Cirene, no litoral norte da África. Era, provàvelmente, o pai do discípulo chamado Rufo e conhecido pelos romanos, Rom. 16:13.

Gólgota (v. 22): É palavra aramaica, em latim é "calvário", e quer dizer "caveira." Foi chamado assim, talvez, por causa da sua forma redonda e escalvada.

Como Cristo, nosso Redentor, foi levado fora da cidade para sofrer a execução como criminoso, nós também, somos chamados a seguí-Lo "fora do arraial, levando o Seu vitupério," Heb. 13:12, 13.

Êle, porém, não o tomou (v. 23): Recusou o cálice entorpecente para que pudesse beber plenamente o "cálice" de sofrimento propiciatório. Se tivesse aceitado essa mistura para entorpecer os sentidos, não teria orado pelos soldados, salvado o ladrão penitente, cuidado da Sua mãe, sofrido plenamente a separação do Pai, entregado Seu espírito às mãos de Deus e nem servido, dando voluntàriamente a Sua vida em resgate de muitos. Lede Mar. 10:45.

Então o crucificaram (v. 24): Isso era a forma de execução mais cruel e horrenda, combinando o opróbrio público ao sofrimento indizível, unindo o escárneo das multidões à morte, à mingua, e ligando o desprêzo do povo à maldição de Deus, Gal. 3:13.

A cruz era necessária? Estávamos verdadeiramente perdidos? Se pudêssemos ser salvos por outra maneira, Deus não teria deixado Seu Filho padecer a crucificação.

Em que sentido morreu Cristo por nossos pecados? A morte de Cristo foi uma:

1) *Expiação*. Lev. 23:28, etc. Essa palavra, no original, vem de raíz que signfica "cobrir" e quer dizer purgar, lançar fora, reconciliar." Expiação é o ato de cobrir o pecado da vista de Deus, e de tal maneira que não mais provoca Sua ira. O pecado é apagado, lançado no fundo do mar, perdoado. A morte de Cristo foi uma expiação porque removeu nosso pecado, I Ped. 2:24; II Cor. 5:21.

2) *Propiciação*. I João 2:2; Rom. 3:25; etc. Isto é, a morte de Cristo era um sacrifício que aplacou, ou acalmou, a justa ira de Deus. Assim podemos chegarnos a Deus no nome de Cristo. Êle nos comprou entrada à presença divina.

3) *Substituição*. O cordeiro pascoal servia de substituto, morrendo em lugar do primogênito. Igualmente Cristo, o Cordeiro Pascoal, é nosso Substituto, porque morreu na cruz em nosso lugar, Isa. 53:6; Rom. 5:6.

4) *Redenção*. Redimir quer dizer comprar de novo, livrar do cativeiro pagando o preço. Jesus é um redentor e Sua obra de expiação é chamada uma redenção ou resgate, Mat. 20:28; Apoc. 5:9; 14:3,4; Gal. 3:13; 4:5; Tito 2:14; I Ped. 1:18.

5) *Reconciliação*. II Cor. 5:18,19; Col. 1:21. Erramos em pensar que Deus fica intrigado com o pecador e que Cristo morreu para reconciliar o Pai ao homem. Apesar de Deus nunca pecar contra o homem, é Êle quem procura a reconciliação, suprindo o meio de expiação. Resta só que o crente o proclame a todo o pecador.

V. É CRAVADO À CRUZ ENTRE DOIS CRIMINOSOS, 15:25-28.

15:25 E era a hora terceira, e o crucificaram.
26 E por cima *dêle* estava escrita a sua acusação: O REI DOS JUDEUS.
27 E crucificaram com êle dois salteadores, um à sua direita, e outro à esquerda.

28 E cumpriu-se a escritura que diz: E com os malfeitores foi contado.

Um a sua direita, e outro a sua esquerda (v. 27): Para mostrar o maior desprêzo, crucificaram-nO, não a um lado dos malfeitores, mas entre os dois. Era, sempre, na Sua vida, o "Amigo de pecadores", vivendo entre êles. Na morte, sem Seus inimigos o quererem, concederam-Lhe a escôlha de ficar no meio dos pecadores, morrendo por êles.

Era a hora terceira... (v. 25): Concedem-se aos criminosos alguns dias de prisão, depois da sentença de morte, antes do dia de execução. Mas a Cristo foi negado êsse privilégio, Sua vida foi cortada dentro de poucas horas, depois de prêso no Getsêmane.

Mateus e Lucas nos informam que havia trevas sôbre a terra desde o meio dia até às três horas da tarde, quando Jesus morreu. Mas é sòmente Marcos que revela o fato de Êle ser crucificado às nove horas da manhã. Assim passou seis horas cravado na cruz, sua vida vasando gota a gota — durante todo êsse tempo. Não foram os cravos que O seguravam à cruz, mas seu amor por nós, determinado a completar a nossa redenção.

VI. É VILIPENDIADO PELOS QUE IAM PASSANDO, 15:29-32.

Os que presenciaram o triste espetáculo, em vez de condoer-se da injustiça que Jesus sofria, aumentaram Seus sofrimentos, zombando dÊle.

15:29 E os que passavam blasfemavam dêle, meneando as suas cabeças, e dizendo: Ah! tu que derribas o templo, e em três dias o edificas,
30 Salva-te a ti mesmo, e desce da cruz.
31 E da mesma maneira tmbém os principais dos sacerdotes, com os escribas, diziam uns para os outros, zombando: Salvou os outros, e não pode salvar-se a si mesmo;

32 O Cristo, o Rei de Israel, desça agora da cruz, para que o vejamos e acreditemos. Também os que com êle foram crucificados o injuriavam.

Os que iam passando (v. 29): Já perguntaste, acêrca de ti mesmo, o que terias feito, se tivesses assistido à crucificação naquele dia? (1) Te-la-ias presenciado sem sentir, com o espírito indiferente, como os soldados, a jogar ao pé da cruz? Fazem assim, os que vivem ignorando que Cristo morreu por êles. Achamos os soldados muito endurecidos e brutos, mesmo porque, perante Cristo na cruz, dividiram entre si a Sua roupa. Não são culpados também, aquêles que cantam, oram, adoram, pregam e participam da Sua Ceia com interêsse financeiro? É o pecado de *simonia*. Vide Atos 8:18. (2) Devemos perguntar a nós mesmos: Eu teria chegado ao pé da cruz como João e as mulheres, ou, teria assistido ao longe como aquelas mencionadas no v. 40? Quantos cantam: "Quero estar ao pé da cruz" sem quererem ir até o Calvário com Êle?! (3) Teria sido levado pela grande maioria que blasfemava e escarnecia dÊle? Consideravam-nO um poltrão, não reconheciam que "a fraqueza de Deus é mais forte que os homens."

Blasfemavam dêle (v. 29): Note-se os insultos dirigidos contra Aquêle que era inocente, mas não contra os ladrões a Seu lado.

Para que vejamos e creiamos (v. 32): Vê-se a vil insinceridade nas palavras dos sacerdotes no fato de não crerem mesmo quando Cristo ressuscitou da morte.

VII. É DESAMPARADO PELO PAI, 15:33-36.

15:33 E, chegada a hora sexta, houve trevas sôbre tôda a terra até a hora nona.

34 E, à hora nona, Jesus exclamou com grande voz, dizendo: Eloi, Eloi, lamá sabactâni? que, traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

35 E alguns dos que ali estavam, ouvindo *isto,* diziam: Eis que chama por Elias.

36 E um dêles correu a embeber uma esponja em vinagre, e, pondo-*a* numa cana, deu-lho a beber, dizendo: Deixai, vejamos se virá Elias tirá-lo.

Trevas (v. 33): Por que havia trevas por três horas? Foi porque a natureza "chorava" o pecado do homem? Ou foi porque Deus fêz apagar a luz do mundo por um momento, para simbolizar o eclipse da Luz do mundo pelas trevas do pecado? Ou foi porque o Pai não quis que olhos cruéis olhassem mais para a agonia do Filho de Deus?

Eloi, Eloi... (v. 34): Marcos cita tôdas as palavras em aramaico, ao passo que Mateus emprega a palavra hebraica, "Eli."

Por que me desamparaste? (v. 34): O único servo de Deus a ser desamparado por Deus é Êste na cruz, II Cor. 4:9.

Não há palavras de Cristo mais difíceis de explicar do que essas. Que querem dizer?

1) Cristo citava as Escrituras. Comp. Luc. 24: 44-46. Os que ouviram o que Êle disse e conheciam suas Bíblias reconheceram logo que estava repetindo palavras tiradas do Salmo 22. Êste descreve o santo temporàriamente abandonado por Deus (v. 1), escarnecido pelos inimigos (vs. 7,8), cercado por verdugos, que jogaram pelas vestes (vs. 12, 13, 17, 18) traspassando suas mãos e pés (v. 16), mas por fim libertado (vs. 21, 24-31). Apesar de escrito por Daví, não descreve qualquer experiência de Daví, porque nunca lhe traspassaram as mãos e os pés. Isto nem era a forma da execução judaica. Portanto concluímos que êsse Salmo é profético, o que aconteceria ao Messias, o Filho de Daví.

2) Se Cristo fôsse apenas um bom homem, que sofreu o martírio pela causa de Deus, como se explicaria o fato de Êle sentir-se afastado da presença de Deus? Mártires sentem a presença de Deus. Por exemplo, Estevão, Atos 7:55, 56.

3) É fácil, porém, compreender estas palavras do Salvador, se lembrarmos que Êle sofria *o sacrifício pelo pecado,* carregando os pecados do mundo; que Êle foi feito pecado por nós, II Cor. 5:21. É fácil ver como o santo Deus escondeu Seu rosto do Filho enquanto Êste sofria a penalidade do pecado, a qual é a *separação de Deus*.

VIII. O SERVO MORRE, 15:37-41.

A morte de uma pessoa é sempre um evento solene. Mas nunca houve uma morte tão solene como essa. No instante em que o Senhor acabou de espirar foi consumada a propiciação do pecado do mundo. O resgate pelo pecado, por fim, foi pago. O reino dos céus ficava aberto para a entrada de todos que crêem de verdade.

> 15:37 E Jesus, dando um grande brado, expirou.
> 38 E o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo.
> 39 E o centurião, que estava defronte dêle, vendo que assim clamando expirara, disse: Verdadeiramente êste homem era o Filho de Deus.
> 40 E também ali estavam *algumas* mulheres, olhando de longe, entre as quais também Maria Madalena, e Maria mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé;
> 41 As quais também o seguiam, e o serviam, quando estava na Galiléia; e muitas outras, que tinham subido com êle a Jerusalém.

E o véu do santuário rasgou-se em duas partes (v. 38): Foi O SEGUNDO MILAGRE DA CRUCIFICAÇÃO.

1) O sgeundo milagre (o véu rasga-se) e o terceiro (o terremoto) eram resultados do brado de Cristo na cruz. Lede Mat. 27:50. É claro que êsses dois milagres são distintos um do outro, pois o terremoto não podia rasgar o véu pendurado no templo, sem derrubar o próprio templo.

2) O que o véu rasgado simboliza: O povo podia entrar no átrio, mas não no Santo Lugar, onde os sacerdotes entravam para queimar os sacrifícios. Mas nem os sacerdotes podiam passar o véu e entrar no Santo dos Santos, onde o sumo sacerdote entrava uma vez por ano para queimar incenso e oferecer sangue. Vide Heb. 9:1-8. Depois da expiação de Cristo na cruz, porém, o véu, que antes vedava a entrada ao Santo dos Santos, então pendia rasgado pelo meio, significando que na Nova Dispensação o caminho fica aberto para os verdadeiros adoradores entrarem livremente na própria presença de Deus. Lede Heb. 9:8.

3) O milagre do véu resgado:

a) Não foi rasgado por mãos de homens, que entrassem no Santo dos Santos à fôrça, mas pela mão de Deus, "de alto a baixo."

b) Foi justamente no instante em que Jesus morreu na cruz; sua morte abriu para nós a entrada ao verdadeiro Santo dos Santos.

c) Foi na ocasião do sacrifício da tarde, na hora nona, quando os sacerdotes, no Santo Lugar, ofereciam os sacrifícios, repentinamente viram o Santo dos Santos aberto diante de seus próprios olhos.

d) Foi no mesmo instante de Jesus enunciar Seu brado de vitória ao completar o grande dia de Seu supremo sacrifício pelo pecado.

e) Os judeus, nem qualquer escritor daquele tempo, como Celso, Porfírio, Juliano, etc. contradisseram a narração de Mateus, Marcos e Lucas acêrca de rasgar-se o véu do templo no momento de Jesus expirar na cruz.

Medite sôbre Heb. 10:18-23.

O centurião (v. 39): O centurião, que chefiava a crucificação, nunca vira uma pessoa cravada na cruz assim entregar seu espírito; ficara convicto de que Jesus era o Filho de Deus. O Senhor, mesmo nas pro-

fundezas do sofrimento e da humilhação, era o Filho de Deus, e foi assim declarado com poder.

Acêrca dos SEIS MILAGRES DO CALVÁRIO lede os comentários sôbre Mat. 27:45-56, em Mateus: o Evangelho do Rei.

IX. O SERVO É SEPULTADO, 15:42-47.

É-nos concedido, agora, assistir ao entêrro do Senhor Jesus — um sepultamento solene e triste.

> 15:42 E, chegada a tarde, porquanto era *o dia da* preparação, isto é, a véspera do sábado,
> 43 Chegou José de Arimatéia, senador honrado, que também esperava o reino de Deus, e ousadamente foi a Pilatos, e pediu o corpo de Jesus.
> 44 E Pilatos se maravilhou de que já estivesse morto. E, chamando o centurião, perguntou-lhe se já havia muito que tinha morrido.
> 45 E, tendo-se certificado pelo centurião, deu o corpo a José.
> 46 O qual comprara um lençol fino, e, tirando-*o da cruz,* o envolveu nêle, e o depositou num sepulcro lavrdo n*uma* rocha; e revolveu uma pedra para a porta do sepulcro.
> 47 E Maria Madalena e Maria *mãe* de José observavam onde o punham.

O dia da preparação (v. 42): O dia em que preparavam tudo para passar o sábado livres dos cuidados do mundo e em comunhão com Deus. Como pode *o dia do Senhor* ser um dia de verdadeira adoração e de preciosa comunhão se não nos esforçamos para preparar tudo na véspera dêsse glorioso dia?

José de Arimatéia... pediu o corpo de Jesus (v. 43): Sem dúvida, aquêles que se apressaram em cravar Cristo à cruz, planejaram Seu sepultamento com os criminosos, mas Deus designara que fôsse com os ricos (Isa. 53:9) — e assim foi. Quando nenhum dos discípulos podia tocar no corpo de Cristo, Deus suscitou

um homem entre os membros do Sinédrio, José de Arimatéia, para tirá-Lo da cruz e sepultá-Lo.

Esperava o reino de Deus (v. 43): Os que esperam o reino de Deus devem, como José de Arimatéia, esforçar-se em prol dêsse reino, mesmo quando parece abalado e acabado.

Êste baixando o corpo... (v. 16): Removeu o corpo mutilado e desfigurado e o envolveu em um lençol de linho como tesouro de grande valor. Na Ceia do Senhor, o pão partido é símbolo dêsse mesmo corpo desfigurado, I Cor. 11:24.

E o depositou em um túmulo (v. 46): Consta no Velho Testamento que certos reis de Judá, que eram ímpios, foram sepultados na cidade de Daví, mas não nos sepulcros dos reis. Observe-se como o Senhor Jesus, a Quem foi dado o trono de Daví, foi sepultado em um sepulcro do povo. Abraão, apesar de não ter possessão na terra de Canaã, foi sepultado no seu próprio túmulo, mas o Senhor Jesus em túmulo emprestado!

Capítulo XVI

O SERVO É COROADO POR FIM

A ressurreição de Jesus de Nazaré é um dos maiores milagres narrados na Bíblia. É um dos eventos mais sublimes de todos os séculos. É um dos fatos mais testemunhados de tôda a história. "Depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas," Atos 1:3. Entre o grande número de destacadas testemunhas da Sua ressurreição, encontram-se: (1) O apóstolo Paulo, que O viu depois na glória, I Cor. 15:8. (2) Tiago e João, irmãos do Senhor, que não creram durante a Sua vida, mas que se converteram depois de vê-Lo e conversar com Êle ressuscitado. Compare Atos 1:14 com João 7:5. (3) O apóstolo Pedro que O negara. (3) Mais de quinhentos irmãos que O viram duma vez, I Cor. 15:6. Além dessas testemunhas, há miríades que presenciam o Cristo vivo fazendo Sua obra nas igrejas, através dos séculos. Jamais houve outro evento tão bem evidenciado.

Um dos pontos principais do Evangelho é a ressurreição de Cristo: "O qual por nossos pecados foi entregue, e *ressuscitou para nossa justificação.*" Rom. 4:25. "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança pela *ressurreição de Jesus Cristo* dentre os mortos." I Ped. 1:3. Há sòmente duas classes: os que crêem que Jesus ressuscitou da morte e vive, e os que não crêem que Êle vive. É impossível ficar indiferente quanto a êsse evento de conseqüências universais e resultados eternos.

I. A RESSURREIÇÃO DE JESUS, 16:1-8.

16:1 E, passado o sábado, Maria Madalena, e Maria, *mãe* de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo.

2 E, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro, de manhã cedo, ao nascer do sol;

3 E diziam umas às outras: Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?

4 E, olhando, viram que *já* a pedra estava revolvida; e era ela muito grande.

5 E, entrando no sepulcro, viram um mancebo assentado, à direita, vestido de *uma* roupa comprida, branca; e ficaram espantadas.

6 Porém êle disse-lhes: "Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; *já* ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram.

7 Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que êle vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis, como êle vos disse.

8 E, saindo elas apressadamente, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e assombro; e nada diziam a ninguém, porque temiam.

É com grande terror e profunda apreensão que o povo do mundo antecipa a morte. Certo famoso autor francês destacou êsse fato sucintamente, escrevendo: "A realidade me espanta. Somos como os que bailam, embevecidos, a bordo de navio que vai a pique. Quem é otimista é estúpido." Mas o crente otimista não é estúpido; sabe que seu corpo ressuscitará pelo mesmo poder do Espírito que ressuscitou Jesus da morte.

Passado o sábado (v. 1): O sábado findara ao pôr do sol, Lev. 23:32. Compare Luc. 4:40. Nunca houvera tal sábado como êsse em que o corpo de Jesus jazia no sepulcro. Foi-Lhe um sábado de descanso, passado em silêncio. Foi, para os discípulos, um sábado tristonho, passado com lágrimas e em apreensão. Nunca foram os cultos no templo mais abomináveis diante de Deus, com os principais sacerdotes a servir com as mãos cobertas do sangue do Filho de Deus. Ao passar êsse dia sombrio dos judeus, e ao resplandecer o primeiro "dia

do Senhor", raiou, também, o dia deslumbrante da Igreja.

Muito cedo (v. 2): As mulheres, ao visitarem o túmulo de pessoa crucificada, no crepúsculo da madrugada dêsse domingo, mostravam um grau de fé, amor e coragem quase desconhecido entre nós. Qual a razão de não estarmos prontos a encarar qualquer trabalho ou perigo pelo amor de Cristo? A única resposta é a nossa falta de fé e de não sentirmos a nossa responsabilidade. Os que reconhecem que foram perdoados de grandes pecados, muito amam. Lede Luc. 7:47.

Muito cedo (v. 2): O Filho do homem nos deixou o exemplo de levantarmo-nos cedo de manhã no serviço do Pai, Mar. 1:35; Luc. 21:38; João 8:2. Compare Jó 1:5; Sal. 5:3; 108:2; 130:6; Isa. 26:9. Vede, com êsse exemplo de as mulheres levantarem-se cedo, o exemplo de Abraão, Gên. 19:27; Jacó, Gên. 28:18; Gideão, Juízes 6:38; Samuel, I Sam. 15:12; Davi, I Sam. 17:20; os apóstolos, Atos 5:21. O amor se levanta cedo para o seu ministério. Como pode o crente, realmente movido pelo amor para com o Salvador e para com o próximo perdido, desperdiçar tempo, dormindo até alto dia? O amor prático nos desperta "muito cedo" para a vigília matinal.

Quem nos removerá a pedra (v. 3): Notem-se duas lições vibrantes e práticas: (1) Os obstáculos mais difíceis são aquêles que nunca temos de enfrentar. A pedra usada para fechar a entrada do sepulcro era pesadíssima, tais pedras mediam aproximadamente um metro de altura e dois de comprimento. Mas as duas mulheres, sem o imaginarem, preocupavam-se com uma dificuldade que não existia. Quando alcançaram o túmulo, viram que a pedra "já estava revolvida." (2) Para os que buscam sinceramente a Cristo, como as duas mulheres, os obstáculos se desvanecem misteriosamente.

A pedra já estava revolvida (v. 4): A pedra fôra removida por um anjo (Mat. 28:2), não para Cristo sair do túmulo (compare João 20:19; Luc. 24:31, 36; etc.), mas para que as primeiras portadoras das Boas Novas vissem que o túmulo estava vazio. Disse Renan, cético francês: "Vós, cristãos, viveis na fragrância de um túmulo vazio." O que Renan disse, escarnecendo, é uma das realidades mais profundas, todo o cristianismo está edificado sôbre o fato histórico e sublime de que o túmulo de Cristo está vazio.

Não vos atemorizeis (v. 6): Grande foi o alívio aos corações atribulados ao saberem que o Mensageiro, enviado por Deus, conhecia o profundo anelo de suas almas e queria satisfazê-lo. Atualmente o Espírito Santo, o Consolador, é tudo isso para nós, e ainda mais.

Como um anjo foi enviado para assegurar os pastores tomados de pavor e anunciar-lhes o nascimento do Messias (Luc. 2:8-13), assim um anjo foi enviado ao sepulcro para acalmar as mulheres possuídas de temor e alegrá-las com as Boas Novas que Êle ressuscitara. Aquêle que ressuscitava os mortos enquanto vivia, se ressuscitara a si mesmo!

Buscais a Jesus... não está mais aqui (v. 6): Nunca se encontra o Cristo vivo entre os mortos. Os interessados muitas vêzes O procuram onde Êle não está. É debalde esforçarmo-nos em nossas obras mortas, ou servirmos de coração não verdadeiramente regenerado, pois Êle não está em tais coisas.

Contudo, apesar de não O procurarem onde Êle estava, acharam-nO. "Os que de madrugada me buscam me acharão, Prov. 8:17. Busquemo-Lo na madrugada de nossa vida, na madrugada de cada dia, e, de maneira ainda mais íntima, na madrugada do primeiro dia da semana, "o dia do Senhor."

E a Pedro (v. 7): Por que Cristo mandou recado especial a Pedro? Êsse andava envergonhado depois de negá-Lo e sentia-se indigno de comparecer diante de

Cristo. O fato de o Senhor designá-lo por nome, nos ensina que Êle nos trata em particular, nos tempos de nossos fracassos, e que devemos recorrer a Sua presença e aceitar Suas promessas de perdão e graça como sendo para nós individualmente.

II. JESUS APARECE A MARIA MADALENA, 16:9-11.

> 16:9 E, *Jesus,* tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios.
> 10 *E,* partindo ela, anunciou-o àqueles que tinham estado com êle, os quais estavam tristes e chorando.
> 11 E, ouvindo êles que vivia, e que tinha sido visto por ela, não o creram.

Grande é o monte de tradições, acêrca de Maria Madalena, aceitas como verídicas. Tudo que sabemos com certeza, contudo, é o que consta nas Escrituras e o que se pode resumir no seguinte: (1) Cristo expeliu dela sete demônios, Mar. 16:9. (2) Tornou-se uma do grupo de mulheres que acompanhava a Jesus servindo-O com os seus bens, Luc. 8:1-3. (3) Era uma das Marias que assistiu à crucificação e que presenciou o entêrro, Mar. 15:47. (4) Era uma das mulheres que foram cedo de manhã ao sepulcro, Mar. 16:1. (5) Era uma das que fugiram do túmulo, Mar. 16:8. (6) Depois de avisar os apóstolos, voltou ao túmulo onde permaneceu chorando, João 20:11. (7) Depois de ver o Senhor, ouvir Sua voz e abraçar-Lhe os pés, voltou ao grupo de discípulos, Mat. 28:9, etc. Depois de narrar sua história a êsses discípulos, passou, para sempre, da cena narrada nas Escrituras.

Apareceu primeiro a Maria Madalena (v. 9): Ela era uma das últimas a sair da cruz (Mar. 15:40, 47), uma das primeiras a chegar ao sepulcro e a primeira a ver o Senhor ressuscitado. A Maria Madalena foi concedida a insigne honra de ser a primeira testemunha

de um dos eventos mais sublimes e significativos de todos os tempos, a ressurreição de Cristo.

Da qual expelira sete demônios (v. 9): Sofrera as profundezas da opressão de Satanás. Sete é o símbolo numérico de plenitude. Ficara inteiramente dominada. Mas seu estado era pior que nosso antes de Cristo nos libertar?

Cristo libertou Maria Madalena de sete demônios: Cristo pode e quer libertar-nos da maior escravidão do diabo. Cristo ama mesmo aquêles mergulhados no mais vil pecado.

Não são os nossos pecados que nos separam de Deus, mas são os nossos pecados *não perdoados*.

Quando todos fugiram do sepulcro, foi sòmente Maria Madalena que voltou, onde "permanecia junto à entrada no túmulo, chorando," João 20:11. Reconhecendo sua fraqueza, anelava a segurança da Sua presença. Seu amor profundo para com o Mestre levou-a a desejar ardentemente o gôzo da Sua presença. Com o coração transbordando de gratidão, procurava tôda a oportunidade para serví-Lo. A nossa experiência, se realmente lembrarmo-nos do que Êle nos fêz, será a mesma de Maria Madalena.

O Senhor ressuscitado, aparecendo primeiro a Maria Madalena, queria, sem dúvida, mostrar-nos quanto Êle avalia o amor e a devoção entre nós, Seus discípulos.

Foi anunciá-lo àqueles, que... se achavam tristes e chorando (v. 10): Era a ocasião a que Cristo se referia antes da crucificação: "Em verdade, em verdade, eu vos digo que chorareis e vos lamentareis... mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará," João 16:20-22. A mensagem de verdadeiro e indizível confôrto para um discípulo derramando lágrimas é a da ressurreição de Cristo. Procuremos sempre confortar os irmãos que choram e se lamentam, transmitindo-lhes, ao coração, as nossas experiências com o Cristo vivo.

III. JESUS APARECE A DOIS DE SEUS DISCÍPULOS, 16:12, 13.

16:12 E depois manifestou-se noutra forma a dois dêles, que iam de caminho para o campo.
13 E, indo êstes, anunciaram-no aos outros, mas nem ainda êstes creram.

Manifestou-se em outra forma (v. 12): Era o mesmo Salvador, mas em outra forma. À Maria Madalena parecia um jardineiro, João 20:15. Aos dois de caminho para Emaús, era como um viajante, Luc. 24. Apareceu a Estevão, Glorificado, mas a Saulo, Perseguido, Atos 7:55; 9:5. Êle assume a forma necessária para nos socorrer, conforme o problema ou a tristeza que enfrentamos.

Quanto a Jesus aparecer a dois de Seus discípulos, lede os comentários sôbre Luc. 24:13-35.

IV. A ORDEM DE EVANGELIZAÇÃO, 16:14-18.

16:14 Finalmente apareceu aos onze, estando êles assentados juntamente, e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração, por não haverem crido nos que o tinham visto já ressuscitado.
15 E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a tôda a criatura.
16 Quem crer e fôr batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.
17 E êstes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas;
18 Pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sôbre os enfermos, e os curarão.

Censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração (v. 14): Enquanto choravam não pareciam incrédulos e duros de coração. Mas o Mestre não se enganava: (1) Convém distinguir entre tristeza e fé, quando queremos resposta às nossas súplicas a Deus. (2) Não é bom ceder à inclinação de evitar a presença de Jesus, porque Êle sempre reconhece o verdadeiro estado de nosso coração.

Sua fidelidade, em nos tratar para o nosso bem, é constante.

Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a tôda criatura (v. 15): Êste, o último desejo enunciado por nosso Salvador, na véspera de Sua saída dêste mundo, deve ser nosso incessante e insaciável desejo. Enquanto a maior parte da Igreja de Jesus Cristo dorme, meditemos novamente sôbre as palavras de Carlos Inwood: "O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração; esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespêro dêsses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sôbre o amor do Mestre, amor profundo como o mar; contempla o horripilante espetáculo do desespêro dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir."

Um missionário é "um que é enviado." Todos os crentes, portanto, são "missionários", pois estão enviados com a mais importante e gloriosa mensagem para "tôda criatura."

A primeira mensagem, na ocasião do nascimento de Cristo, era *uma mensagem missionária,* Luc. 2:10.

A primeira oração que Cristo ensinou, era *uma oração missionária,* Mat. 6:10.

O primeiro discípulo, André, era *o primeiro missionário,* João 1:41.

A primeira mensagem de Cristo ressucitado era *uma mensagem missionária,* João 20:17.

A primeira ordem do Senhor ressuscitado era *uma ordem missionária,* João 20:21.

O primeiro sermão apostólico era *um sermão missionário,* Atos 2:17-39.

A maior razão de exercer o amor cristão é *uma razão missionária,* João 13:35.

A primeira vinda de Cristo era *uma obra missionária,* Luc. 19:10.

A segunda vinda de Cristo realizar-se-á logo ao cumprirmos *a obra missionária,* Mat. 24:14.

O último desejo de Cristo antes de partir da terra era *um desejo missionário,* Mat. 28:19.

O último anelo de Cristo, ao sair dêste mundo, deve ser o anelo de primeira importância para todos que aguardam Sua volta.

Êstes sinais seguirão... (vs. 17, 18): Mas êstes sinais seguem até hoje?

1) Dizem alguns: "A promessa do Evangelho de Marcos 16:17, 18 foi sòmente para os apóstolos.

Resposta: Nos versículos 16 a 18 há duas promessas unidas, que não se podem separar; a primeira, trata da salvação *daquêle que crê;* a segunda, trata dos sinais que acompanham *aquêle que crê.*

Não podemos, em boa fé, aceitar a primeira, porque sabemos aplicá-la, e rejeitar a segunda, lancando-a sôbre os apóstolos sòmente porque não sabemos dar-lhe aplicação ou explicação. Notemos que a segunda promessa do trecho citado, não era dirigida aos apóstolos, pois êles já estavam crendo, mas para os que cressem depois dêles, quer dizer para os que, posteriormente, viessem a crer em Jesus pela pregação dos apóstolos e seus sucessores.

Seja qual fôr a nossa dificuldade em resolver o problema acêrca do cumprimento da segunda promessa, nós não podemos limitá-la sem prejudicar a primeira, visto que o Senhor não a limitou. Se o fizermos, faremos como um descrente fêz, que recusou o convite de se converter, alegando que não podia confiar na promessa de ser salvo, quando os crentes não criam na promessa dos sinais que seguem os que crêem, promessa que acompanha a promessa de salvação. O argumento é irrespondível, pois, não sendo possível anular uma sem prejudicar a outra, é claro que não achamos resposta para êsse argumento.

2) Outros afirmam: "Não há mais necessidade de sinais, porque a Palavra de Deus já é confirmada tal como é ensinado em Hebreus 2:4."

Resposta: Nem esta passagem, nem qualquer outra, ensina ou justifica que não haverá mais sinais ou que não há necessidade de sinais para confirmar a Palavra. A Palavra pregada não foi confirmada sòmente uma vez, de modo a dar a idéia de que os sinais seriam sòmente para um lugar, mas foi pregada e confirmada em todos os lugares, em todos os séculos. Em cada lugar que é pregada, é também confirmada.

3) Outros, ainda, dizem: "Os sinais para hoje, são as vidas transformadas, e isto é suficiente para confirmar a Palavra pregada."

Resposta: Será possível que no primeiro século não havia vidas transformadas? que a Igreja era composta de membros desordenados? Não, não é possível; na Igreja apostólica havia santidade, havia vidas transformadas. Se havia vidas transformadas e havia sinais, é claro que o argumento em questão não prevalece.

4) Ainda há quem diga: "Agora, a Bíblia está completa, não há razão de existirem sinais."

Resposta: Êste argumento é baseado na idéia errônea de que a Igreja primitiva aceitava as revelações sobrenaturais, como tendo autoridade ao lado das Escrituras. Entretanto, a Igreja, quando se tratava dessas questões, apelava sempre para o Velho Testamento, nunca para os seus próprios profetas. Lede Atos 2:16; 15:15; 28:23. A "profecia das Escrituras" (II Ped. 1:20), não os dons espirituais, era, entre o povo, autoridade, a palavra final, nas coisas de Deus, tal como ainda hoje acontece.

5) Outro argumento: "A história prova que os sinais cessaram no fim da época apostólica."

Resposta: É verdade que os sinais diminuíram antes mesmo de findar a era apostólica. Porém, isto aconteceu contra a vontade do Senhor; o amor de

muitos esfriou e o poder se apartou dêles. Entretanto, a história da Igreja, em todos os séculos, revela tempos de despertamento nos quais os dons sobrenaturais têm reaparecido, como nos dias antigos.

Se a Igreja perdeu êste poder sobrenatural, por causa da sua frieza espiritual, por causa da sua carnalidade, nós não podemos dizer, sem nos expormos a conseqüências graves, que Deus por Sua própria vontade os tirou. A Igreja abandonou a simplicidade e o primeiro amor, perdeu os dons e os sinais. Não foi Deus quem retirou os sinais da Igreja, conforme vamos ver adiante, pois os sinais ainda existem:

Os dons espirituais só cessarão "quando vier o que é perfeito"; quando O virmos "face a face", não como por um espelho em enigma, mas quando o conhecermos plenamente, quer dizer quando findar esta dispensação, I Cor. 13:8-12.

Os apóstolos e os profetas são necessários na Igreja, até que todos os crentes cheguem à perfeição, "à unidade da fé, ao pleno conhecimento do Filho de Deus, até que cheguem ao estado de homem perfeito, à medida e estatura da plenitude de Cristo," Ef. 4:11, 13.

O Senhor quer revelar aos homens o grande amor do Seu coração. Por êsse motivo, os sinais existem, a fim de mostrar que Êle é o mesmo. Para ser o mesmo ontem, hoje e eternamente, Êle tem de continuar a operar na Sua Igreja, com o mesmo poder e graça salvadora, Heb. 13:8; Mat. 14:14.

O Senhor ressuscitado coopera com a pregação, por meio de milagres e afirma que deseja continuar até ao fim dos nossos dias, Mar. 16:20; Mat. 28:18, 20.

Há comentadores que querem repudiar os versículos 9 a 20 dêste capítulo, porque não se encontram em dois dos três manuscritos mais antigos, isto é, no Sináitico e no Vaticano. Contudo não pode haver dúvida que no original havia tôda essa passagem: (1) Um

dos três mais antigos manuscritos, o Alexandrino, os inclui. (2) Nas obras de Ireneu e Hipólito encontram-se citações dêsses versículos. Escreveram êles no terceiro século, enquanto os dois manuscritos, o Sináitico e o Vaticano, datam do quarto. * (3) Com uma leitura do capítulo, começando com o primeiro versículo, é evidente que Marcos não findou a sua narração com o versículo 8: "E, saindo elas apressadamente, fugiram do sepulcro, ... porque temiam." Se o Evangelho de Marcos findasse com o versículo 8, seria não sòmente sem completar a narração, mas também, contra o espírito da instrução de Cristo: "Não temais". (4) Temos de concluir que, aos manuscritos Sináitico e Vaticano, gastos pelo uso, faltava a última parte — justamente a parte que incluía, no início, êsses versículos.

V. A ASCENSÃO DE JESUS, 16:19, 20.

> 16:19 Ora o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus.
>
> 20 E êles, tendo partido, pregaram por tôdas as partes, cooperando com êles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amem.

O Senhor... foi recebido no céu e assentou-se à direita de Deus (v. 19): É assim que Marcos narra o regresso do Servo de Jeová para casa. Completada a obra voltou ao lugar de onde saíra trinta e três anos antes. Lá se assentou à destra do Pai. No monte da transfiguração os homens viram algo da Sua glória. Ao penetrar nos céus entrou novamente nessa glória que tinha desde a fundação do mundo. Não era um estranho à destra de Deus — voltara para o ambiente que era seu, antes de vir ao mundo. Sentia-se mesmo em casa. Lá permanece para derramar o Espírito Santo sôbre

---

* Os que têm *The Scofield Reference Bible* leiam a nota sôbre esta passagem.

todos os crentes que clamam, Atos 2:33; 8:15; Ef. 5:18. Lá está também, para interceder por nós, Heb. 7:25.

Os quatro pilares que sustentam a ponte que temos de atravessar para alcançar a redenção: (1) a encarnação, (2) a crucificação, (3) a ressurreição, e (4) a ascensão. Sem o quarto, a ascensão, a ponte não alcançará o trono de Deus. A redenção não estava completa na cruz, nem na ressurreição, mas quando Cristo, o Deus-homem, se assentou no trono do céu. Assim como a escada de Jacó ia do homem, sem esperança no deserto, até o trono de Deus no céu, a ponte da redenção deve ir do paraíso perdido até o paraíso adquirido de novo.

1) *A ascensão prova a divindade de Jesus,* João 3:13. Enoque e Elias foram *levados,* mas Jesus disse: "Eu *vou* ao Pai."

2) *A ascensão foi a inauguração do sacerdócio celestial,* Heb. 9:24; 7:25. Jesus era "Apóstolo" aqui, é Sacerdote lá, Heb. 3:1; 4:14. Entrou no Santo dos Santos com sangue.

3) *A ascensão fêz possível o advento do Espírito Santo,* João 16:7. Foi só com a ascensão de Elias que Eliseu recebeu..., II Reis 2:9-15.

4) *A ascensão é garantia do lar celeste,* João 14:2.

5) *A ascensão é prova da Sua volta,* João 14:3; Atos 1:11. Voltará no mesmo corpo, visìvelmente e sôbre as nuvens.

6) *A ascensão significa glorificação à destra do Pai,* Mar. 16:19. Na encarnação deixou a glória, mas não a divindade. Na ascensão deixou a sua ignomínia mas não a Sua humanidade. Há hoje um Homem glorificado no trono! Estevão (Atos 7:56) e João (Apoc. 1:13) o viram na forma de homem, nos céus. Êsse Homem voltará nessa mesma forma de homem, Mat. 26:64.

Cooperando com êles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram (v. 20): O grande

Servo do Senhor não cessou de servir. Exaltado à destra de Deus continua a trabalhar. Mas trabalha por intermédio de Seus servos na terra aos quais Êle reveste de poder do Espírito Santo. Não foi apenas uma vez, no pentecoste, que Êle derramou o Espírito Santo, mas permanece ao lado do Pai, até hoje, derramando o mesmo poder sôbre todos que o aceitam pela fé, Atos 2:33.

A CONCLUSÃO DO CAPÍTULO DA RESSURREIÇÃO

Hoje, depois da ressurreição, não há mais limitação de nação, o Evangelho é para todo o mundo. Devemos pregá-lo a tôda a criatura, em todo o canto. Aquêle que prega apenas a cruz, prega só a metade do Evangelho. A ressurreição é a prova de que Deus tem aceitado a obra de Cristo. Não pode haver salvação a não ser com a ressurreição do Filho de Deus.

Paulo queria conhecer a Jesus e *o PODER da Sua ressurreição,* Fil. 3:10. Isso é o poder. Da morte traz a vida. Foi com êsse mesmo poder que Jesus Cristo criou o universo do nada, e o homem do pó da terra. Foi com a palavra do *poder da Sua ressurreição* que tirou Lázaro do túmulo. Foi por meio dêsse poder que saiu do túmulo. É o poder do Espírito Santo, Rom. 8:11.

A CONCLUSÃO DO EVANGELHO DE MARCOS

Acabamos o presente estudo da narração de Marcos sôbre a vida dAquele que "não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate de muitos". Se nosso estudo do grande Servo do Senhor resulta em ficarmos tomados pelo mesmo espírito incansável de servir aos nossos semelhantes — se tem-nos impelido para uma fé viva, uma fé em ação, uma fé em brasa, uma fé traduzida em verdadeiro socorro às multidões no desespêro do pecado e da doença, então como é sublime a bênção que alcançamos!

BIBLIOGRAFIA

Na preparação desta obra foram, a cada passo, consultados, entre outros, os seguintes comentários e obras de renome universal:

AN EXPOSITION OF THE GOSPEL OF MARK, de Charles R. Erdman, editado por The Westminister Press. Philadelphia.

CHRIST IN THE BIBLE SERIES, de A. B. Simpson, editado por Christian Alliance Publishing Co., New York.

CRITICAL AND EXPLANATORY COMMENTARY ON THE BIBLE, de Jamieson, Fausset and Brown, editado por George H. Doran Company, New York.

EXPOSITIONS OF HOLY SCRIPTURE, de Alexander Maclaren, editado por Wm. B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, Michigan.

HANDFULS ON PURPOSE, de James Smith, editado por Pickering & Inglis, Glasgow.

THE INTERNATIONAL STANDARD BIBLE ENCYCLOPAEDIA, editado por Wm. B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, Michigan.

JESUS ACCORDING TO MARK, de Albert Hughes, editado por The American Bible Conference Association, Philadelphia.

MATTHEW HENRY'S COMMENTARY, editado por T. B. Arnold, Chicago.

POCKET BIBLE HAND BOOK, de Henry Hampton Halley.

RYLE'S EXPOSITORY THOUGHTS ON THE GOSPELS, editado por Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan.

THE SCOFIELD REFERENCE BIBLE, editada por Oxford University Press, London, Toronto, Melbourne, Bombay.

BIOGRAFIAS

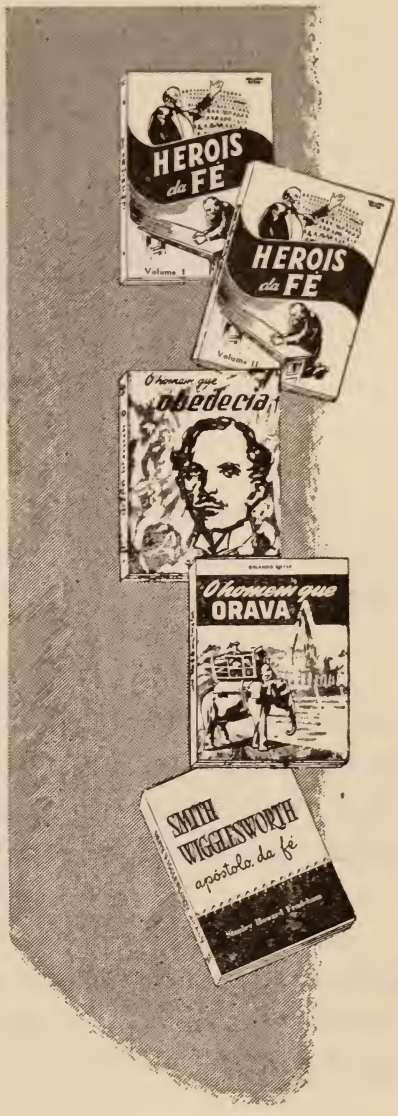
Vidas usadas para Deus nos constrangem a vivermos para Deus

HERÓIS DA FÉ — Vol. I — Biografias abreviadas destacando-se o mistério do estupendo êxito de Savonarola, Lutero, Bunyan, Edwards, Wesley, Whitefield, Brainerd, Carey, Evans, Martyn, Judson e Finney. Segunda edição. — Preço: Cr$ 30,00.

HERÓIS DA FÉ — Vol. II — Continuação do Vol. I: As vidas de Jorge Muler, Davi Livingstone, João Paton, Hudson Taylor, Carlos Spurgeon, Pastor Hsi, D. L. Moody e Jónatas Goforth. Segunda edição. — Preço: Cr$ 30,00.

O HOMEM QUE ORAVA — Tradução de uma das melhores biografias de João Nelson Hyde, cuja fascinante vida de intercessão resultou no inaudito avivamento de Sialkot na Índia. Segunda edição em português. — Preço: Cr$ 25,00.

SMITH WIGGLESWORTH: APÓSTOLO DA FÉ — Como João Bunyan, o funileiro de Bedford, era sem igual, assim Smith Wigglesworth, o encanador de Bradford, era único, cada um na sua própria geração. Tradução da obra de grande circulação. — Preço: Cr$ 35,00.



O HOMEM QUE OBEDECIA Não tem côr denominacional. Editada em norueguês, sueco, finlândês, dinamarquês, alemão, francês, holandês, holandês-sul-africano, espanhol, inglês e português. Há mais que 17 edições sòmente em inglês, uma em braile para os cegos. — Preço: Cr$ 45,00.

Certo pastor escreve da Bahia "Recebi O HOMEM QUE OBEDECIA e o li de uma assentada."

OUTROS LIVROS PARA SUA BIBLIOTECA

UM LAR SEM LIVROS É COMO UM CORPO SEM ALMA

ÂNCORA DA ALMA — Há uma âncora que nos segura no próprio Criador e nas coisas além do véu. Segunda edição. — Preço: Cr$ 15,00.

TÔDA A FAMÍLIA — Se tôda a sua família fôsse verdadeiramente salva, não seria como um pedacinho dos céus colocado na terra? Qual não seria o aumento do número de assistentes aos cultos da sua igreja, se todos os membros de tôdas as famílias fôssem salvos. Segunda edição. — Preço: Cr$ 25,00.

ESFORÇA-TE PARA GANHAR ALMAS — Já ganhaste alguma alma para Cristo? Já experimentaste fazê-lo? Conheces alguém atualmente na glória com Cristo, levado por ti a Êle? Quarta edição. — Preço: Cr$ 25,00.

ACÊRCA DOS DONS ESPIRITUAIS — O que a Bíblia realmente ensina sôbre a operação do Espírito Santo nas igrejas. Tradução de obra impressa em nove idiomas. Segunda edição em português. — Preço: Cr$ 25,00.

58899TB FS
4-28-94 32180
244 LBC

COMENTÁRIOS

Pastores, presbíteros, professores da Escola Dominical, obreiros em geral e todos os filhos de Deus, engrandecei o Senhor, conhecendo intimamente a Sua Palavra.

DANIEL FALA HOJE — O que há de acontecer nos últimos dias. — Preço: Cr$ 30,00.

MATEUS: O EVANGELHO DO REI. — Está próximo o reino dos céus. — Preço: Cr$ 40,00.

MARCOS: O EVANGELHO DO SERVO — Para servir e dar a Sua vida. — Preço: Cr$ 40,00.

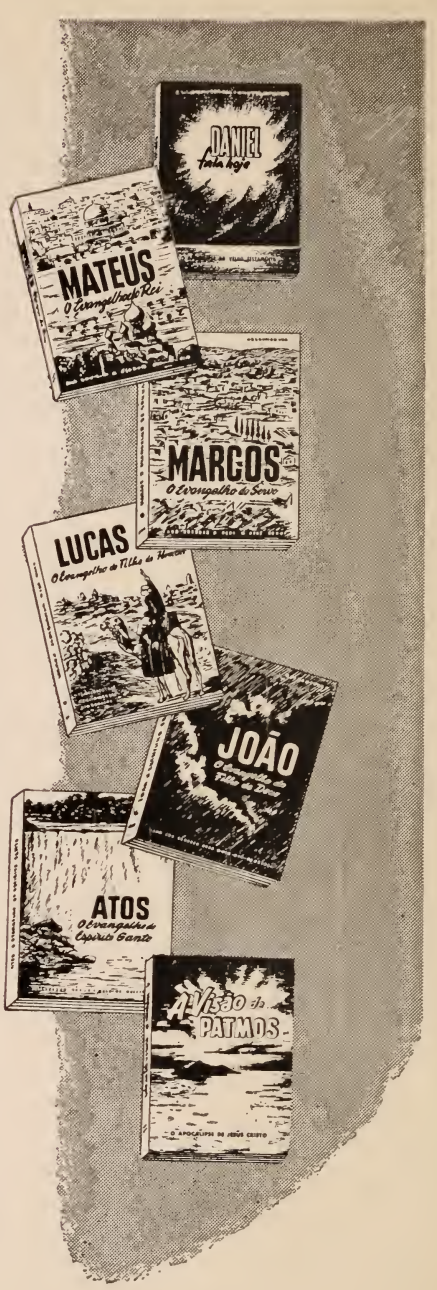
LUCAS: O EVANGELHO DO FILHO DO HOMEM — O Filho do homem veio para procurar e salvar. — (Em preparação.)

JOÃO: O EVANGELHO DO FILHO DE DEUS — Para que tenhais vida em Seu nome — vida em abundância. — (Em preparação.)

ATOS: O EVANGELHO DO ESPÍRITO SANTO — Recebereis poder ao descer sôbre vós o Espírito Santo. — (Em preparação.)

A VISÃO DE PATMOS — O tempo está próximo. — Preço Cr$ 35,00.

Certo pastor evangélico escreve: "MATEUS: O EVANGELHO DO REI difere dos outros, porque é vivo".

Na preparação destes comentários, foram a cada passo consultadas as obras de maior renome no âmbito evangélico.

Esforça-te para te apresentar diante de Deus aprovado como obreiro que não tem de que se envergonhar, e que manejas bem a palavra da verdade.